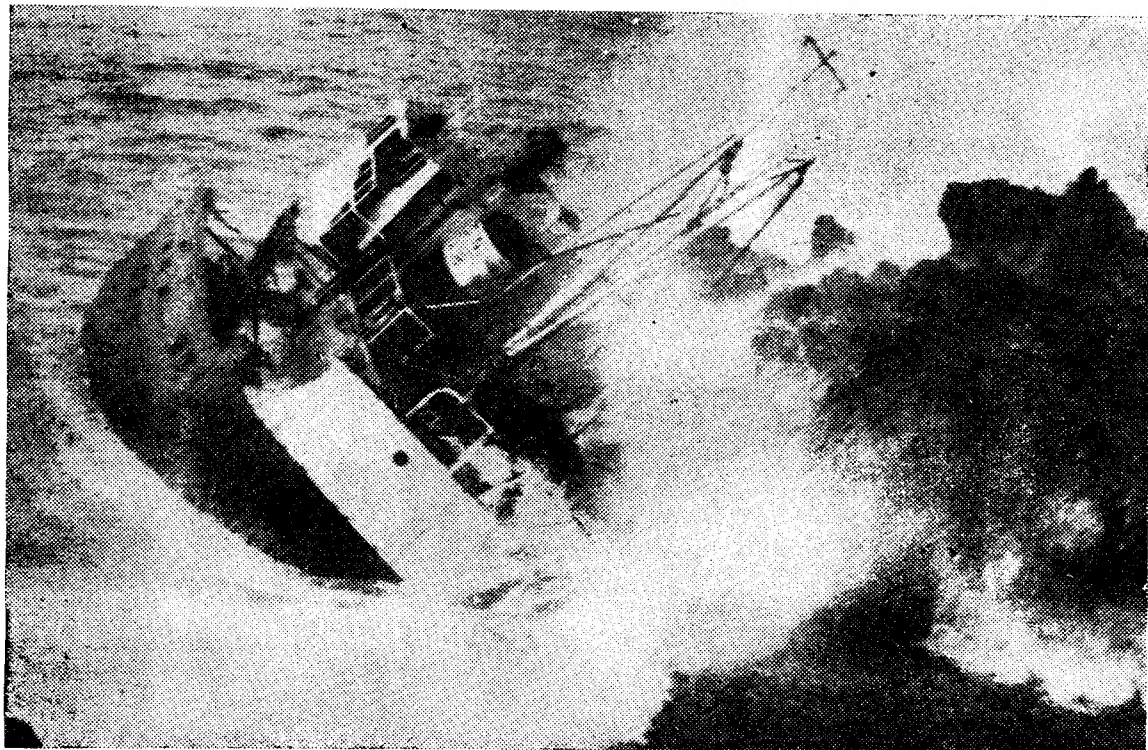


Diário de Lisboa

DIRECTOR — A. RUELLA RAMOS

TELEFOS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
END. TEL. DIBOA-TELEX, 1363REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOAADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICAEDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SÁ
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Batido pela vaga de Sudoeste, nas rochas aguçadas das furnas lagosteiras, o «Felizardo» foi-se desfazendo, pouco a pouco

É crítico o estado de Kasperak após a hemorragia

PALO ALTO (Califórnia), 9. — (R.). — Médicos lutavam hoje para salvar a vida de Mike Kasperak, cujo estado se tornou crítico menos de 48 horas depois de se tornar o primeiro doente adulto a ser submetido nos Estados Unidos a uma operação de enxerto de coração.

rou a jornalista que o estado do dr. Blaiberg era «99,9 por cento bom... o décimo é a incerteza». Acrescentou que a sua equipa

(Continua na 10.ª página)

PROTESTO ESPANHOL CONTRA AS RESTRIÇÕES NORTE-AMERICANAS

MADRID, 9 — (A. N. I.) — A Espanha está a compilar as objecções às medidas de restrição económica que o presidente Johnson anunciou. Dois ministros das pastas ligadas à Economia — Gregorio Lopez Bravo (Indústria) e Faustino Garcia Monco (Comércio) — e o administrador-geral das Finanças, Juan José Espinosa, reuniram-se para redigir o protesto que vão apresentar ao enviado especial de Johnson, embaixador Philip Treziese, que é esperado em Madrid na quarta-feira.

Madrid, que está a atravessar um período difícil para a sua economia, vai pedir aos Estados Unidos que a Espanha fique isenta das disposições preconizadas por Washington, nomeadamente no que se refere à proibição de investimentos norte-americanos nos países europeus.

Madrid parte do princípio de que é errada a concepção da Espanha como país industrializado, visto que há zonas ainda em vias de desenvolvimento — o que merece a aplicação de um critério especial, como se fez à Grécia.

BLAIBERG MELHORA ACENTUADAMENTE

Entretanto, na Cidade do Cabo, o segundo doente sul-africano a ser submetido a uma transplantação de coração, o dentista aposentado dr. Philip Blaiberg, de 58 anos, continua a melhorar acentuadamente, após ter-lhe sido enxertado, há sete dias, o coração de um mestiço.

Sentou-se ontem, pela primeira vez, no seu leito, no hospital Groote Schuur.

O professor Chris Barnard, o chefe da equipa de cirurgiões que realizou a sensacional operação, decla-

nas rochas dos Oitavos, entre Cascais e o Guincho.

O «Felizardo», que possuía uma tonelagem bruta de 156 toneladas.

(Continua na última página)

O mestre de um arrastão que encalhou perto de Cascais contou ao «Diário de Lisboa» como a tripulação escapou à morte

Esta madrugada, cerca das 5 horas, um velho arrastão

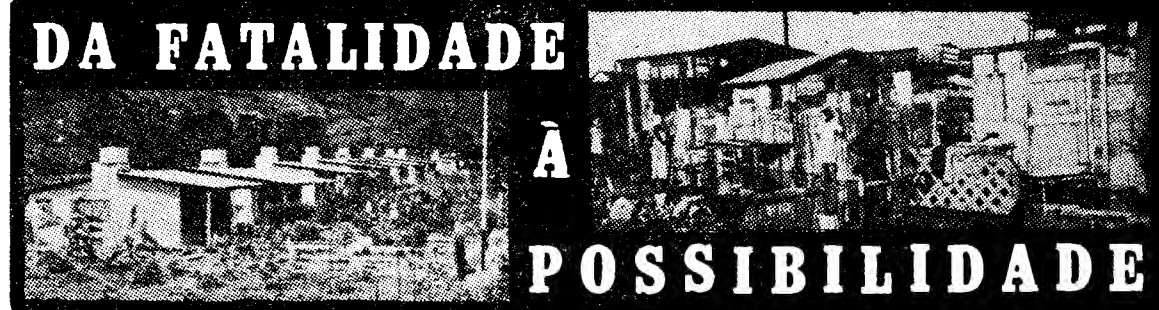
a motor para a pesca de costa encontrou o seu destino

Nota do dia

PERDIDO NAS SOMBRAS

O mundo do nosso tempo, em que tudo se articula e tudo se resolve à escala das multidões, é dominado ou pelo menos em grande parte influenciado pelos grandes instrumentos das técnicas de difusão. Sabem-no os políticos e os chefes de empresa, uns e outros igualmente interessados em levar as suas verdades simples até junto do maior número. Quando o dr. Goebbels, chefe da propaganda do regime nazi, oferecia ao povo alemão a alegria de renunciar à manteiga para comprar os canhões com que haveria de fazer (e perder) a guerra, ele detinha para isso não só todo o mecanismo como todo o formulário da persuasão — a «persuasão clandestina» como lhe chamou o sociólogo americano Packard. Os inquéritos feitos pelo mundo fora no sentido de interpretar estes movimentos novos não têm conduzido a grandes conclusões, podendo dizer-se que não tem sido possível avançar muito para lá do que está à vista de toda a gente e que é, afinal, alguma coisa do processo de nivelamento que se verifica

no mundo de hoje, em que, apesar de tudo, os extractos sociais se aproximam uns dos outros, necessidades e possibilidades cada vez mais uniformes, legitimando fórmulas como o emburguesamento do proletariado ou a proletarianização dos intelectuais, uma e outra tão frequentemente usadas. A publicidade constitui, também por si, uma contribuição para essa operação de nivelamento, na medida em que estabelece padrões comuns de gosto e de moda que o homem, igual a milhões de outros homens, aceita pela comodidade de não discutir o que chega à sua vista meticulosamente preparado para parecer indiscutível e ser objecto de uma aceitação tão pacífica como jubilosa: toda a gente ouve a mesma música, toda a gente lê os mesmos «slogans» toda a gente veste da mesma maneira, usa os mesmos produtos, repete as mesmas graças. Reduzido a uma unidade estatística, onde fica o lugar para o homem homem na sociedade que es-



A construção lucrativa e a construção social

Faz-se a imprensa eco repetidamente das consequências de ordem moral, sanitária, educacional das condições de vida nesses bairros improvisados. Lembremo-nos, para melhor reforçar esta ideia de que uma grande percentagem dessa população é constituída por jovens (cerca de 40 % de menores de 18 anos).

Num colóquio sobre o problema habitacional promovido pela Associação dos Inquilinos Lisboenses afirmou-se: «O grau de instrução destas camadas populacionais é extremamente baixo (38 por cento de analfabetos na

população maior de 10 anos). Está também longe de ser satisfatório o quadro sanitário, que chega a atingir percentagens consi-

deradas inadmissíveis em países civilizados. Assim, por exemplo,

(Continua na 9.ª página)

HOJE — 28 PAGINAS / USADO PELO CENSURA

De ontem para hoje

JUSTIÇA

O Tribunal da Boa Hora esteve ontem particularmente vigiado, em virtude do julgamento que ali se efectuava do homem que matou o guarda-nocturno em Olival Basto. Com ele respondiam os quatro acompanhantes. Ao tribunal presidia o corregedor Ilídio Bordallo Soares, tendo como assessores os drs. Pais de Almeida e Anibal de Castro. Delegado do procurador da República o dr. António da Costa Marques. O assassino do guarda-nocturno foi condenado em 22 anos de prisão maior e 200 contos de indemnização, sendo 50 para a viúva e 75 para cada um dos filhos, além do imposto de justiça. É ele Martinho Urbino Gonçalves de Brito, «O Brasileiro», natural de Câmara dos Lobos, Funchal. Em dada altura, um dos réus insultou os magistrados, insultos a que se associaram os restantes. No final, a sentença, além da do «Brasileiro»: Carlos Alberto Correia Morim, de 22 anos, operário de cerâmica, da Amadora, em doze anos de prisão maior, dois anos de multa a trinta escudos por dia, e declarado delinquente habitual; Fernando Francisco Sales Vieira Correia, de 21 anos, solteiro, mecânico de automóveis, de Faro, em nove anos de prisão maior e dois anos de multa a trinta escudos por dia; Fernando Domingos Simões, de 34 anos, pedreiro, de Lisboa, oito anos de prisão maior e revogada a liberdade condicional em que se encontrava; e António Martins Gonçalves, de 28 anos, marceneiro, de Ceral do Alentejo, em cinco anos de prisão maior e revogada a liberdade condicional de que gozava.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República recebeu ontem, em audiência, no Palácio Nacional de Belém, o sr. prof. dr. Silva Cunha, ministro do Ultramar; e o sr. Jaime Ferreira da Silva e a sr. D. Maria Ruth Nascimento Costa.

NA ESTRADA DA PONTINHA

Na estrada da Pontinha ia uma camioneta de transporte de colegiais, guiada pelo motorista sr. José Heitor Marreiros, morador em Cascais. Em dada altura, o veículo despiestou-se e foi atingir uma transeunte, entalando-a contra um muro. Depois foi contra um autocarro da Carris. A pobre transeunte é que chegou ao Hospital de Santa Maria já morta. Era a sr. Maria Dias Pereira, de 34 anos, casada, natural do Rosmaninhal, Idanha-a-Nova, e moradora na Pontinha. Ficam duas meninas orfãs de tenra idade.

ORFEÃO

UNIVERSITÁRIO DO PORTO

Uma delegação dos dirigentes do Orfeão Universitário do Porto esteve no Palácio de Belém. Entregou ao sr. Presidente da República uma medalha comemorativa do 10.º aniversário da ida daquele orfeão a Angola. Foram ainda entregar exemplares da medalha ao sr. ministro da Educação, prof. Galvão Teles. A medalha é da escultora Maria Irene Villar.

A FURGONETA, A PONTE E O RIBEIRO

De madrugada uma furgoneta, conduzida pelo sr. António José Fonseca Cabral, de 29 anos, morador em Sabrosa, despiestou-se perto daquela vila. De tal forma se despi-

O ÚLTIMO PASSEIO

Ia regressar à Alemanha onde tem estado a trabalhar, José Maria da Cunha, de 33 anos, casado, morador no Jogo da Bola, perto de Braga, foi dar um passeio com ou-

ÁGUAS DO MONDEGO

Ia de Coimbra para Montemor-o-Velho, o ciclista sr. Onofre Miranda das Neves, serralleiro, de 35 anos, morador naquela vila. Ia na estrada da Geria e assistia a um desafio de futebol em Coimbra. Ia na estrada, mas caiu na vala norte do rio Mondego, desaparecendo nas suas águas.

tros trabalhadores que também ali iam regressar. Sairam num carro, que ele conduzia, seis operários que também iam regressar à Alemanha. Pois, em dada altura, no lugar de Carcavelos, o carro resvalou e foi contra um muro, voltando-se. Morreu o sr. Mário de Faria Afonso, de 44 anos, e os restantes cinco ficaram todos muito feridos, tendo sido internados no Hospital de S. Marcos. Para o pobre Mário de Faria Afonso é que foi o último passeio.

A QUEDA DE MORTE

Na doca do Poço do Bispo ia a atravessar uma estiva de barcos o arrais sr. Manuel Alves Martins, mais conhecido pelo «Manuel Caneco», morador em Baixa da Banheira. Deve ter escorregado e foi cair no porão de um dos barcos. Só no dia seguinte foi encontrado já inerte.

Enviado a tribunal por atentado ao pudor

SETUBAL, 9. — A Secção de Justiça da P. S. P. enviou ao tribunal, acompanhado do respectivo processo, o marítimo Joaquim Maria Ferreira Pereira, o «Joaquim Rebêco», de 33 anos, casado, morador no Pátio Manuel Tavares, ao Bairro Dias, por ter cometido o crime de atentado ao pudor nas pessoas de vários menores do sexo masculino.

ALGUMAS DAS CONCLUSÕES DO I ENCONTRO DE DIRECTORES DOS JORNAIS LOCAIS DO ALTO-MINHO

VIANA DO CASTELO, 9. — Conforme oportunamente anunciámos, realizou-se, no dia 25 de Novembro último, por iniciativa do «Notícias de Viana» e dentro das comemora-

ções do seu cinquentenário, o I Encontro de Directores dos Jornais Locais do Alto-Minho, a que presidiu o actual director do jornal promotor, padre Constantino Macedo de Sousa.

Durante este encontro, no qual também tomaram parte os delegados e correspondentes, em Viana do Castelo, dos jornais diários de Braga, Porto e Lisboa, foram apresentadas 5 comunicações, á volta das quais se estabeleceu, após a correcta dialéctica, no qual participaram todos os presentes e, no final do encontro, por todos foram aprovadas algumas conclusões, nomeadamente:

A constituição de uma comissão, formada por entidades responsáveis nos diversos sectores, a fim de, em coordenação, realizar, com a profundidade julgada necessária, um estudo sério sobre a situação económica-social deste distrito, mormente nos aspectos industrial, agrícola, comercial, do ensino, turístico e desportivo; que, uma vez feito esse estudo, se fomentem intensamente o respectivo desenvolvimento, enviando todas as providências julgadas necessárias para o efeito; que se conjuguem todos os esforços e boas-vontades no sentido de vir a ser construído, no mais breve espaço de tempo possível um pavilhão ginno-desportivo em Viana do Castelo, cuja acção se repercuta em todos os concelhos do distrito, o mesmo se devendo fazer quanto á rápida conclusão das obras da piscina da cidade.

É de trinta mil contos a verba para gastos (neste ano) pelo Município da Figueira da Foz

FIGUEIRA DA FOZ, 9. — Temos assistido, nos últimos anos, a uma fase de grande expansão urbanística da cidade, devida não só ao facto de certo numero de unidades industriais se terem instalado no concelho, mas, também, ao aumento das correntes turísticas. A par disso, o facto de o Município ter, certamente, preparado os seus planos de urbanização e, consequentemente, a abertura de novas zonas urbanas; e assim o ritmo de construções de há uns quatro anos a esta parte estar a ultrapassar as previsões mais optimistas.

A Câmara Municipal (que conta gastar, no ano corrente, a verba

de 30 mil contos) vai, agora, finalmente concretizar a sua aspiração que é a de todos os habitantes da cidade e seu concelho.

Em construção, estará muito em breve concluído o Liceu Nacional, a norte da grande Avenida (das Abadias) Eg. Arantes e Oliveira. A nascente desta avenida está em curso a construção do importante edifício destinado ao Museu Municipal Dr. Santos Rocha e á Biblioteca Municipal Pedro Fernandes Tomás. Nessa mesma zona vão cruzar-se as amplas artérias, com belíssimos prédios, Dr. Luís Carriço; Rua São João de Deus e Avenida Dr. Bissau Barreto, prolongando-se até o populoso Bairro Escolar do Pinhal.

Está em curso, também, a grande Avenida Dr. Oliveira Salazar, com duas faixas de rodagem, até Buarcos, e que assume extraordinário valor turístico.

Todos estes melhoramentos devem estar concluídos até Junho ou Julho próximos.

Homenagem em Setúbal

à memória de Luísa Todi

SETUBAL, 9. — No salão nobre dos Paços do Concelho haverá hoje, ás 21 e 30, uma sessão cultural em homenagem á memória da cantora setubalense Luísa Todi, na passagem do 21.º aniversário do seu nascimento.

Fará uma conferência o musicólogo sr. dr. João de Freitas Branco, seguindo-se a parte musical, que será preenchida por um recital com algumas das árias que foram cantadas por Luísa Todi.

Colaboram a cantora Dulce Cabrita, Maria Malafala (cravo) e saura Pavia de Magalhães (viola de gamba) que executarão obras de Frederico de Freitas, Pergolesi, Giordani, Scarlatti, Paisiello, Caldara, Carlos Seixas, Breval, etc.

MORTE DE UM MARATONISTA OLÍMPICO

TÓQUIO, 9. — (R.) — O atleta Kokichi Tsuburaya, que conquistou para o Japão o terceiro lugar na maratona dos Jogos Olímpicos de 1964, foi hoje encontrado morto com uma artéria cortada.

Teuguraya tinha sido recentemente operado a uma hérnia e ao tendão de aquiles e tinha ficado deprimido em virtude de os médicos não o deixarem regressar á corrida da maratona.

Almoço de convívio do pessoal da Vialga

Efectuou-se num restaurante típico de Salvaterra de Magos um almoço de convívio do pessoal da Vialga Representações SARL, Paçarias António Vieira, SARL, Paçarias, Lda, com a administração deste grupo de empresas.

Revestiu-se a reunião de especial significado e foi em ambiente da maior camaradagem e confraternização que ela se desenrolou.

Falaram alguns empregados e nasceu a ideia de formação de um núcleo associativo de todo o pessoal daquelas empresas, de carácter cultural e desportivo. A ideia foi apoiada na generalidade. No final, a comissão organizadora do encontro distribuiu lembranças, á assinalar a data da agradável festa.

Posse de novos chefes de repartição da C. M. L.

Nos Paços do Concelho, o sr. general França Borges conferiu posse, esta tarde, aos srs. dr. Jorge Lopes Bonança e arquitecto José Nicolau de Abreu Cid de Sousa Tudeia dos cargos, respectivamente, de chefes da Repartição Central dos Serviços Centrais e Culturais e da Repartição de Planeamento, dos Serviços de Urbanização e Obras.

Pagava com cheques de um livro que roubara aos antigos patrões

Na Subdirectoria de Lisboa da Polícia Judiciária, encontra-se em instrução um processo crime, contra Carlos Alberto Godinho da Silva, filho de João Leão da Silva e de Fernanda da Piedade Godinho, solteiro, de 25 anos de idade, natural e Lisboa. Aquele indivíduo furtou em tempos numa firma já capital onde trabalhava, um livro de cheques em branco. Depois de ter abandonado a firma, passou a utilizar pródigoamente aquele, comprando artigos de pouco valor e dando cheques de quantias elevadas para receber o troco, lesando assim alguns comerciantes não só da capital como também de Alameda. Ora, a Polícia Judiciária, através da sua 5.ª Secção, agente Sousa Martins, solicita á todas as pessoas que tenham sido vítimas de tal indivíduo o favor de ali se dirigirem.

ATROPELADO

POR UM CICLOMOTORISTA NÃO IDENTIFICADO

ILHAVO, 9. — Nos estaleiros da Gafanha, onde trabalha, desde há muito tempo, o sr. João Maria Russo do Padre de 59 anos, natural desta vila, quando regressava á sua tarefa, foi atropelado por um ciclomotorista e ficou ferido. Recolheu ao hospital desta vila e as autoridades, que tomaram conta da ocorrência, procuram identificar o ciclomotorista.

Palestras semanais no Museu de Arte Antiga

Prossegue amanhã, ás 18 e 30, como habitualmente, a série de palestras semanais, no Museu Nacional de Arte Antiga, pelo professor dr. Rio Carvalho, sob o título geral de «Para uma compreensão do século XIX». O tema da próxima sessão será «Tradição e inovação no impressionismo».

A entrada é livre e faz-se pela Rua das Janelas Verdes.

No CARREGADO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na CASA VIO-LANTE

Foram suspensas as obras do campo de aviação de Évora

ÉVORA, 9. — Foram suspensas, até á próxima Primavera, os trabalhos de construção do campo de aviação de Évora.

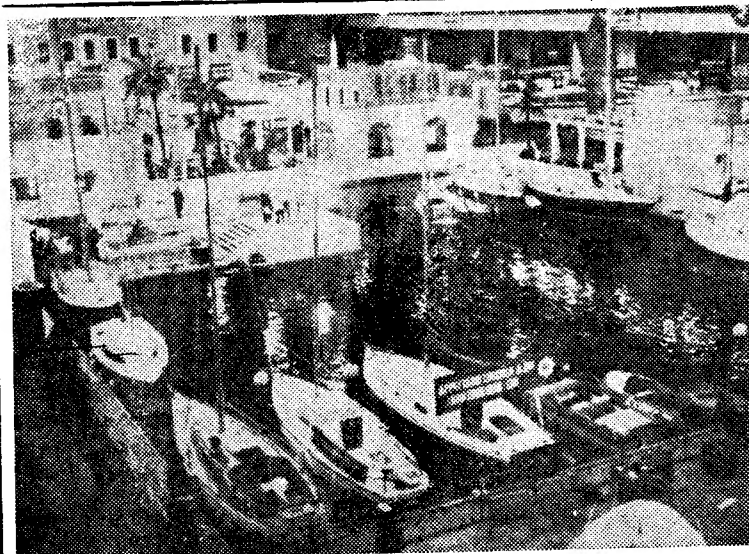
Toda a maquinaria, cedida, por empréstimo, pela Direcção da Aeronáutica Militar, foi retirada, temporariamente, do local das obras, junto á estrada de Évora a Viana do Alentejo.

As Jornadas de Estudo de Desenvolvimento Regional

ÉVORA, 9. — Começaram hoje, no Instituto de Estudos Superiores de Évora (entidade promotora do acontecimento) os trabalhos da segunda sessão das II Jornadas de Estudo de Desenvolvimento Regional sobre a agricultura alentejana.

Nesta segunda sessão, farão conferências: o eng.º agr.º Dantas Teixeira, da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas, que dissertará sobre o regadio e as suas implicações na mutação de tipo tradicional da exploração agrícola, e o eng.º David Crespo, da Estação de Melhoramento de Plantas (Elvas), que falará sobre o valor económico das culturas forrageiras e a sua influência na economia de uma exploração integrada.

A realização destas Jornadas continua a ser encarada com extraordinário nível de interesse por parte das entidades eborenses e, muito em especial, pelo sector regional que se dedica á actividade agro-pecuária.



A ILHA DE MALTA PARA INGLÊS VER — O inglês, que já teve o pé em Malta, reproduziu alguns aspectos da ilha na Exposição Náutica Internacional, inaugurada há dias em Earl's Court, Londres. Muita gente foi ver com os próprios olhos o que parece ser, além do mais, um excelente meio de promoção turística

— Daria o coração?

Os últimos dias têm sido férteis em casos de espectaculares transplantações de variados órgãos do corpo humano. Não se sabe ainda bem, supomos, se o gesto decisivo do dr. Barnard terá sido, para ele e para a medicina do seu país, um gesto puramente espectacular. Seja como for, e os próximos meses hão-de esclarecê-lo, o médico sul-africano pôs em funcionamento uma máquina que irá decidir os cientistas de todo o mundo a entrarem na fase clínica dos seus estudos, para aplicação das regras que o laboratório já confirmou.

Seja como for, a América realizou já experiências idênticas e os sábios russos agitam-se sobre o assunto.

Igualmente sugestivos pelo assunto, quisemos saber como reage o homem da rua a esta candente questão.



• Falámos primeiro com um jovem, Joaquim António Oliveira Nunes, funcionário público e estudante de Letras, que ficou a princípio surpreendido com a pergunta:

— Isso traz-me o problema da morte—disse pensativo. — Se soubesse que ia morrer seria capaz de o legar. Penso que, se

depois da morte, puder ser útil ao meu semelhante, que cortem o que quiserem.

— Que pensa destas transplantações?

— Não me admiram absolutamente nada, porque a investigação cada vez é mais activa e cada vez deverá conduzir mais a novas iniciativas do género.

• Ouvimos, a seguir, uma senhora, que não concorda com a transplantação mas quis manter o anonimato. Outra senhora, D. Maria Augusta Barbosa Belchior, modista, respondeu-nos, no entanto, com uma encantadora bonomia:

— Dar o coração? Se ele fosse bom até gostava. Mas tenho um coração já cansadito.

— Não tem, então, bom coração!!!



— Bom! Isso agora depende do sentido em que o sr. quer dizer a coisa... Mas doaria mesmo assim o coração, bom ou mau, porque acho que se devem continuar a fazer mais e melhores coisas para bem do homem. Agora veja lá — disse-nos em segredo, quase á despedida — não diga nada, não venha aí alguém arrancar-me o coração pelas costas!!!

— Como o D. Pedro?!

— É isso, como o D. Pedro...



• Ouvimos, a terminar uma enigmática figura, o sr. dr. G. A., médico sem exercer clínica há mais de vinte anos e actual membro dum conselho de administração. Pessoa ponderada, lucida, mesmo, naquilo que dizia, ia acrescentando:

— Não estamos mentalizados, em Portugal, para coisas deste género. Suponho que há ainda em nós um sentimentalismo e um sentido religioso que nos não leva a dar os órgãos. Mas estou igualmente convencido de que, pela nossa tradicional generosidade, poderemos um dia cair na atitude oposta... Li há pouco, num jornal médico, a reportagem dum espanhol que esteve na África do Sul a entrevistar Barnard e os seus colaboradores. O jornalista impressionou-se com a verdadeira fé e amor ao próximo que guiava essa equipa como insinuava que, entre latinos, a frase que o pai da rapariga proferiu — nós não somos nós, somos os outros — seria possível.

O bilhete de sanidade

Na humilde taberna do Arco do Cego ele foi, durante longos anos, o empregado insubstituível. Reinava ali como se fora o dono, seguro dos seus pés lossos, da sua vontade soberana e pouca ou nenhuma vontade de trabalhar. Nada mais lhe era exigido do que a sua presença. Para servir os clientes lá estava o patrão.

Tinha uma cadeira, a sua cadeira, e dela regulava o movimento da taberna.

— O patrão, sirva aí um conito de tinto ó sôr Tavares!

O sr. Tavares, que embora já dois ou três copos, não se escusava a engolir mais aquele. Quando a sua medida estivesse completa, não lhe serviriam mais, tinha a certeza. O Flávio velava por isso. O Flávio, da sua cadeira, velava por tudo.

Pelo meio da tarde, de um dia soturno, entrou na taberna do Flávio — de quem era a taberna sendo do Flávio? — um cavalheiro bem posto, de impecável sobretudo preto e luvas de pelica também negra.

— Por favor, sirva-me um cálice de Porto!

— Porto? — retorquiu o nosso Flávio — Mas o senhor julga que entrou numa leitaria? Bebe mas é um cálice de aguardente. e é se quer!

O senhor de sobretudo elegante quis.

Passado tempo, esse mesmo senhor voltou á taberna do Flávio. Dessa vez já não pediu Porto, Xerez, ou qualquer bebida fina...

— Uma taça de branco, se faz favor!

— Uma? O senhor bebe três para ter a certeza que bebe duas...

O senhor do sobretudo e das luvas de pelica negra voltou mais vezes á taberna do Flávio, talvez mais para o ouvir do que para beber. Nesse aspecto, o Flávio nunca desiludiu ninguém. Tanto, que, um dia, um dos fregueses que conhecia de vista o senhor do sobretudo, chamou o Flávio á atenção:

— Não o trates assim. Olha que ele é uma pessoa importante... um juiz...

E o Flávio, num encolher de ombros:

— Que me importa, não fui eu que o chamei cá!

Depois do mata-bicho havia certa calma na taberna do Flávio. Ele aproveitava para espanejar e varrer a tasca.

Mais uma vez, repetia a habitual operação. Despreocupado, lançava com a vassoura o lixo para a rua. A beata apagada pendia-lhe do canto da boca. De repente, zds, chão. Mal humorado,

deu da vassoura com força, e a beata saltou para o passeio, entre uma nuvem de poeira.

Nesse preciso momento, um vulto assomou á porta:

— Que está a fazer?

O Flávio, nas calmas, pegou no maço das mortalhas, retirou uma, e nela colocou o tabaco ordinário.

— Estou a varrer...

Olhou com desdém para a farda do polícia de giro, novo na área.

— Então o senhor não sabe o que está a fazer?

— E vossemecê a dar-lhe!

Não vê que estou a varrer?

— Isso vejo eu — voltou o polícia. — Não sabe que é proibido varrer o lixo de dentro de casa para a rua?

— Ora vejá! Se calhar queria que eu o varresse da rua para casa!

O polícia irritou-se. O homenzinho estava a mangar com ele. Excedia as marcas. Não podia ficar numa simples multa.

— Mostre-me o seu bilhete de sanidade!

O Flávio acabou de enrolar o cigarro. Humedeceu com a língua a mortalha. Sempre com os mesmos vagares, entrou dentro do balcão. Abriu uma gaveta. Remexeu os papéis. Depois, com um brilho trocista nos olhos, estendeu ao polícia o seu bilhete de sanidade. Passara-o o Hospital Júlio de Matos.

ANTÓNIA DE SOUSA

Começam (em Évora) no dia 22 as provas da fase distrital do XVIII Concurso de Trabalho

ÉVORA, 9 — Começam, nas oficinas da Escola Industrial e Comercial de Évora, pelas 9 horas do

próximo dia 22, as provas da fase distrital do XVIII Concurso de Trabalho de Formação Profissional.

Encontram-se inscritos alunos das escolas técnicas de Estremoz, Évora e Montemor-o-Novo e aprendizes das empresas Santos & Santana, Lda, de Évora, e José Simões Alves, Lda, de Estremoz, nas modalidades de serralheiros civis, marceneiros, electricistas instaladores, serralheiros mecânicos (ajustadores) e torneiros mecânicos.

Da Comissão Executiva do Distrito de Évora fazem parte as seguintes individualidades: dr. Adelino Augusto Marques de Almeida, delegado distrital da M. P.; dr. João Eduardo da Costa Mendonça, delegado da Direcção-Geral do Ensino Técnico Profissional; dr. Homero Rodrigues Lousada, delegado do Instituto Nacional de Trabalho e Previdência; eng.º Albano Sales de Matos Fernandes, delegado do Ministério da Economia; e eng.º Fernando Alberto Guttierrez Caeiro, delegado da indústria local.

O júri das provas tem a seguinte constituição: director e presidente de todas as modalidades, agente técnico de Engenharia Tomás Silva, director dos cursos industriais da Escola Técnica de Évora; adjunto chefe de serviço do I. G., António Varela Botelho de Melo; Inácio Fiel Botelho de Melo e António Jacinto Ferrão, serralheiros civis e mestres da Escola Técnica; Rui António Fernandes Baptista e José Inácio de Brito, marceneiros e mestres da Escola Técnica; Artur Orlando da Graça Morais e Jerónimo Augusto Borralho, electricistas instaladores e mestres da Escola Técnica; João António Serra Lobo e António Jacinto Ferrão, serralheiros e torneiros mecânicos, também mestres da Escola Técnica.

TAUROMAQUIA

José Trincheira

José Trincheira toureou duas tardes em São Tomé e encontra-se agora em Angola, onde já se exibiu na Gabela e em Silva Porto e na cidade do Luso.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

Causa prejuízos a baixa voltagem da energia eléctrica em Alter do Chão

ALTER DO CHÃO, 9 — De há muitos anos deficientemente servidos os consumidores de energia eléctrica desta vila, praticamente todos os seus moradores, têm agora mais do que nunca razões de queixa da empresa fornecedora.

Com efeito, a voltagem apresenta-se, na generalidade, muito inferior aos 220 W estabelecidos por contrato, havendo zonas da vila e ocasiões em que a energia nem suficiente é para accionar certos aparelhos electrodomésticos. Ora este facto ocasiona prejuízos de monta, particularmente nessa aparelhagem, sendo que de custo elevado, fica sujeita a avarias graves. E para que servirá a uma família adquirir, um fogão eléctrico, se, na ocasião desejada, a dona de casa estiver impedida de cozinhar as refeições por ser diminuta a voltagem da electricidade?

HOMENAGEM AO COMENDADOR NOGUEIRA DA SILVA

BRAGA, 9 — A cidade de Braga vai homenagear no dia 28 do corrente, domingo, o sr. comendador António Augusto Nogueira da Silva, grande benemérito das instituições de bemficiência, culturais, piedosas e recreativas braguesas, pelas quais distribuiu em curto espaço de tempo, além de outras dádivas e da construção de um bairro para pobres, mais de dez mil contos.

Em sessão solene, o sr. comendador Nogueira da Silva receberá o diploma de cidadão honorário de Braga e a Medalha de Ouro da Cidade, com palmas, que será adquirida, em testemunho de gratidão, por subscrição pública iniciada em Braga e que se estende a todo o País, pois por todo o Portugal a benemerência do homenageado conquistou amigos e admiradores. Depois, na Igreja dos Congregados, cuja conclusão e restauro o grande benemérito levou a efeito, efectuar-se-ão cerimónias religiosas presididas por D. Francisco Maria da Silva, arcebispo primaz. A homenagem terminará com um jantar volante, por inscrição, no salão medieval da Biblioteca Pública.

Diário de Lisboa

COIMBRA

MAIS TRANSFERÊNCIAS DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Na secretaria da Universidade deram entrada os requerimentos de transferência, das Universidades de Lisboa e do Porto para a de Coimbra, dos seguintes estudantes:

Faculdade de Letras — João Francisco dos Santos de Almeida Moreira, José Eduardo Pires de Lima Sousa Carneiro, Manuel Moutinho da Silva Duarte, Maria de Fátima Meireles Santos, Maria Manuela da Silva Gonçalves.

Faculdade de Direito — João

Teixeira Soares Ogando dos Santos.

Faculdade de Medicina — Hernâni Vidal Torres Teixeira.

Faculdade de Ciências — Adriano Artur dos Santos Matos, Alberto Jorge Rocha Veloso, Alberto Vilhena Arsénio, António Augusto Pinto, Camilo de Azevedo Gomes, Carlos Manuel Correia Ribeiro Soares, Carlos Manuel Ferreira Ribeiro Pinto, Cristiano Gonçalves de Oliveira, Francisco Vital Pereira, José Manuel de Freitas Pinheiro, José Manuel Miranda da Mota, Maria Angelina Lobo Fontes Xavier, Maria José Moreira Teixeira, Maria Julia Ferraz de Sousa Caia, Maria Maia dos Santos Leite, Maria Manuela Simões de Almeida Ladeira, Maria Margarida Major Pião, Maria Silvina Agilar de Freitas Monteiro, Mário Alberto Lage Sampaio de Vasconcelos, Osvaldo Artur Oliveira e Rocha, Roberto Leal Ramos Monteiro e Virgílio Alfredo Tavares Ferreira.

★

Os alunos da Faculdade de Medicina, Arnaldo Ulrich e Ronaldo Pereira Leal devem comparecer na secretaria da Universidade, no prazo máximo de sete dias, a contar de ontem, para regularizarem a sua situação escolar.

★

Por despacho ministerial, foi deferido o requerimento do aluno Carlos Artur Hilário de Almeida, da Faculdade de Medicina.

Dádivas

para o presépio

Não houve, este ano, pela quadra do Natal, iluminação nas ruas. Não deixou, no entanto, de ser armado, na Praça 8 de Maio, o presépio tradicional, iniciativa da Câmara Municipal, numa artística concepção do escultor conimbricense Cabral Antunes.

O publico gostou e até muitos turistas ali pararam, e todos, voluntariamente, deram para o presépio, conforme a sua vontade e as suas posses; e esse dinheiro foi guardado, pois destinava-se às substituições beneméritas da cidade.

Ontem, foi o presépio desarmado e, contado o dinheiro, verificou-se que o montante atingiu 9 657\$80, soma que vai ser entregue às referidas instituições.

Espectáculos para hoje

GIL VICENTE — As 21 e 30: «Este difícil amor!» (17 anos).

AVENIDA — As 21 e 30: «Um homem para a eternidade» (12 anos).

TIVOLI — As 21 e 30: «O estranho retrato de Jessica» (17 anos).

SOUSA BASTOS — As 21 e 30: «O terceiro tiro» (12 anos).

Farmácias de serviço

NAZARÉ — Rua Ferreira Borges (Tel. 22605).

FIGUEIREDO — Rua da Sofia (Tel. 22837).

ESTÁDIO — Rua do Brasil (Tel. 24410).

MONTES CLAROS — Rua Dr. António José de Almeida (Tel. 25904).

DIVERSÕES

TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- Continua a falar-se na possibilidade de ser apresentada ainda este ano, no Coliseu dos Recreios, uma nova companhia de revista.
- A comédia «Um anjo de chapéu de palha» será representada em Leiria, no dia 15, pela companhia do actor Henrique Santana.
- Tem coreografia do artista brasileiro Fernando de Azevedo a revista «Lisboa é sempre Lisboa», que será apresentada no Teatro Monumental.
- A companhia do Teatro ABC apresenta, hoje, em Torres Vedras, a revista «Mulheres à vela».
- No Teatro da Estufa Fria deve manter-se o mesmo elenco das temporadas anteriores.
- O dr. Luís Franco Rebelo está a escrever uma nova peça para ser representada na temporada próxima.

MONUMENTAL

A Companhia de Teatro Alegre estreia brevemente a comédia «Um anjo de chapéu de palha»

A Companhia de Teatro Alegre, que Vasco Morgado durante 6 meses apresentou em digressão pelo Ultramar, vai

ter a sua estreia, num dos teatros da capital, com uma divertida e original comédia de Janos Vaszary, numa brilhante tradução de Jorge de Sousa, com encenação de Henrique Santana e cenário de Mário Alberto.

«Um anjo de chapéu de palha» será um alegre espectáculo (para esquecer as preocupações da vida) dizendo-nos ao

Dentro de dias uma alegre comédia com Henrique Santana e Irene Isidro

A Companhia de Teatro Alegre, que Vasco Morgado durante 6 meses apresentou em digressão pelo Ultramar, vai ter a sua estreia num dos teatros da capital com uma divertida e original comédia de Janos Vaszary, numa brilhante tradução de Jorge de Sousa, encenação de Henrique Santana e cenário de Mário Alberto.

«Um Anjo de Chapéu de Palha» será um alegre espectáculo, para esquecer as preocupações da vida e que, ao mesmo tempo, nos diz «viver é uma coisa rara no Mundo: a maior parte apenas existe».

O público de Lisboa vai ter o seu espectáculo divertido com Henrique Santana, Irene Isidro, Maria Helena, Henrique Santos, Rodolfo Neves, Rolando Alves, Luís Pinhão, Fernanda Figueiredo, Anabela, Benjamin Falcão, Alice Carla e Luís Alcária.

mesmo tempo que viver é uma coisa rara no mundo: a maior parte apenas existe.

O autor também nos diz que na vida não é o tempo que cá estamos que conta, mas sim o que fazemos enquanto cá estamos... Por isso, o público de Lisboa vai ter o seu espectáculo divertido com a já conhecida Companhia de Teatro Alegre de que fazem parte Henrique Santana, Irene Isidro, Maria Helena, Henrique Santos, Rodolfo Neves, Anabela, Fernanda Figueiredo, Rolando Alves, Benjamin Falcão, Luís Pinhão, Alice Carla e Luís Alcária, todos com grandes interpretações.

Sai do cartaz dentro de dias a comédia «A Flor do Cacto» já há sete meses em cena

Vasco Morgado informa o seu público que, em virtude das modificações de programação dos seus espectáculos, originadas pelo incêndio do Teatro Avenida, «A Flor do Cacto», grande cartaz do teatro de comédia, há 7 meses em cena no Monumental se apresenta agora em últimas representações, apesar de todos os dias se esgotar a lotação. Assim, «A Flor do Cacto» manter-se-á em cena apenas mais alguns dias pois em breve, além da sua estreia na cidade do Porto, percorrerá, em digressão, as principais cidades e vilas do nosso País.

Laura Alves, numa das suas melhores interpretações de sempre; Paulo Renato, na figura principal masculina; Carlos José Teixeira, Alina Vaz, Angela Ribeiro, Alexandre Vieira, Alda Pinto e Norberto de Sousa são, juntamente com Manuel Santos Carvalho, o encenador, os responsáveis pelo enorme êxito alcançado.

VARIEDADES

A super-revista «Pois, Pois...»

Ficará na antologia dos melhores quadros de revista portugueses a pessoalíssima interpretação criada pelo fabuloso Raul Solnado na sua rábula «O Pinguinho», momento cem por cento hilariante da sensacional super-revista «Pois, Pois...», em cena todas as noites (pelos 20 e 45 e 23 horas) no renovado Teatro Variedades. No pleno e absoluto domínio das suas múltiplas qualidades histriónicas e completamente senhor dos plateias, Raul Solnado logra um êxito à escala maior neste magnífico original de José Gaiardão e João Nobre que marca o retorno do

Teatro Variedades a unidade válida do serviço da arte portuguesa.

Produzida por Giuseppe Bastos e Vasco Morgado, a super-revista «Pois, Pois...» tem música de João Nobre e Carlos Dias, montagem de Hernâni e Rui Martins, figurinos de Mário Alberto, guarda-roupa dos «ateliers» Paiva, coreografia de Paulo José, direcção musical de Carlos Dias e encenação de Armando Cortês. No cartaz de «Pois, Pois...» brilha notabilíssimo conjunto artístico: Solnado Ivone Silva (a actriz mais premiada de 1967), Barros Lopes, Armando Cortês, Francisco Nicholson, Clarisse Belo; a voz diferente de Maria Teresa Quinto; o «ballet» inglês «The Santiago Dancer's» a esbelta atracção brasileira Wanda Moreno (a mais bela da América Latina); Dina Maria, Gabriel Cardoso, Simone Maria, Odete Antunes, Sara Rafael, Fernanda Franco, Marília Gama, Nela Duarte e Gilberto Gonçalves. Em quadros de elevada beleza plástica sobressaem bailarinos e bailarinas internacionais.

Cine-clube Universitário

O Cine-Clube Universitário inicia as suas actividades do 2.º período escolar promovendo a exibição e o estudo do filme «Fuga sem rumo», do americano David Miller. As sessões de exibição terão lugar quarta e quinta-feiras, no Cinema Imperial, pelas 18 e 30.

As pessoas interessadas pela cultura cinematográfica podem tornar-se sócias à entrada destas sessões. O C. C. U. L. realizará também uma semana de cineclubismo na Universidade de Lisboa, de 14 a 21 de Janeiro, cujo programa será divulgado brevemente.

MARIA VITORIA

Triunfo de um texto de revista em «Pão, Pão... Queijo Queijo»

Aníbal Nazaré, Eugénio Salvador e José Viana são os responsáveis pelo fabuloso texto da sensacional revista popular «Pão, Pão... Queijo, Queijo», a caminho do quinto mês de representação e, indiscutivelmente, o triunfo claro de um ori-

(Continua na 7.ª página)



ESTORIL



THE BARON TWINS

VEDETAS DO CINEMA E DA CANÇÃO

BRIX BROTHERS
FORÇA E DESTREZA

ARI LOPES
E GLORIA NORTON
DUPLA CARIOCA

BALLET DE JAN ARNTZ

COM

ANNE MCDONNELL
FRANÇOISE MANDOU

(MAIORES DE 17 ANOS)



UM CASO VERDADEIRAMENTE APAIXONANTE QUE TEM EMOCIONADO AS MULHERES DE TODO O MUNDO

OS
HOMENS
CONHECERAM-NA
POR VÁRIOS
NOMES...
PARA O
MUNDO, FOI
APENAS..

Madame

...QUAL O
SEU SEGREDO,
A ORIGEM
DA SUA
VERGONHA?

PORQUE LHE CHAMAVAM MADAME X?
LANA TURNER • JOHN FORSYTHE

RICARDO MONTALBAN • BURGESS MEREDITH
CONSTANCE BENNET • KEIR DULLEA

Produção de ROSS HUNTER • Realização de DAVID LOWELL RICH

ARREBATADORA ESTREIA

HOJE

UM FILME DA «UNIVERSAL»
DISTRIBUIDO POR SONORO FILME
TECHNICOLOR 17 ANOS

AVIS

O que vimos e ouvimos

MOMENTO DESPORTIVO — Houve três minutos dedicados ao atletismo (ena, tantos!), perdão, dedicados ao Manuel de Oliveira que reapareceu e porquê reapareceu de Oliveira? A pedido dos directores do Sporting, dispostos a garantir a vitória nos próximos campeonatos regionais e nacionais. No fim do ano fazem-lhe uma festa e ele segue para junto de um tio, no Brasil. Já está tudo combinado.

Fez-se uma grande clareira de espanto televisivo quando de Oliveira afirmou não gostar de atletismo, gostar mais de ciclismo. Eu nunca pensei que não gostar alguém da sua actividade fosse razão para tamanho escândalo público, dê a Televisão um giro por esses escritórios e oficinas: verá que é isso o mais vulgar.

Depois foi tudo futebol, até ao fim. Como fulcro da questão, as entrevistas de Cabrita, treinador do Benfica, e Pedroto, treinador do Porto.

Cabrita: Ao fim e ao cabo, o resultado ajusta-se ao desenrolar do encontro. Os rapazes, ao fim e ao cabo, não destoaram. Sim, porque nisto de futebol, ao fim e ao cabo...

Agostinho: «Se não fossem os «casos» como é que o público havia de discutir durante a semana?»

Grupo Cénico da Companhia Nacional de Navegação

O Grupo Cénico da Companhia Nacional de Navegação programou para a presente época a representação das peças: «Desperta e Canta», de Clifford Odets; «A Cantora Careca», de Ionesco; e «O Morgado de Fafe Amoroso», de Camilo Castelo Branco, já em ensaios, com encenações do actor Rui de Matos.

Fazem parte do elenco Raul Cardona, Alves Coelho, Helena Heitor, Carlos Santos, Zita Esteves, Silva Heitor, Carlos Alberto, Dina Roque, Helena Leitão, Lubélia Estrela, Mila Antónia e Vítor Martins.

A estreia da peça «O Morgado de Fafe Amoroso» está marcada para a primeira quinzena de Março próximo.

«A MULHER FELINA» (Jane Fonda) NA 4.ª-FEIRA DE CINEMA CLASSICO DO IMPÉRIO

Neste seu filme de estreia, o realizador Elliot Silverstein, em «Cat Ballou» («A mulher felina») servindo-se do tom de sátira aos filmes de Oeste que a obra nunca nega, introduziu certos elementos de desmistificação e de inteligência crítica, todos ligados por uma alegria de viver e por uma sinceridade humana que não são vulgares.

Jane Fonda, Lee Marvin («Oscar» de interpretação), Michael Callan e Nat King Cole, são alguns dos principais intervenientes nesta película que obteve dois prémios no Festival de Berlim e o da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood.

«Cat Ballou» exhibe-se amanhã, às 18.30, na 562.ª sessão clássica do Império.

O VI Festival Mundial do Teatro Universitário de Nancy

Em Abril de 1969, haverá em Nancy o VI Festival Mundial do Teatro Universitário, reservado a grupos universitários que, numa pesquisa teatral, queiram tentar dar ao seu espectáculo uma dimensão universal, excluindo qualquer faceta folclórica, exótica ou tipicamente local.

O regulamento para este festival, assim como qualquer informação complementar de que os eventuais participantes necessitem, deverão ser solicitados directamente ao Comité de Sélection du Festival Mondial du Théâtre Universitaire — 109, Rue de Metz 54 — Nancy (France).

Cabrita: Eu cá, senhor Artur, não gosto de criticar... **Agostinho:** Mas ouça, o Cabrita! **Cabrita:** Está bem, senhor Artur, mas os árbitros... **Agostinho:** O Cabrita põe-se na posição simpática de... **Cabrita:** Senhor Artur, a verdade é que...

Em resumo: neste diálogo entusiástico entre o Cabrita e o sr. Artur ficamos a saber que o resultado se ajusta. Ora ainda bem. Quando há ajuste, há felicidade.

A entrevista com Pedroto veio do Norte. «O jogo correspondeu ao que dele se esperava». O Benfica, a jogar outros 20 minutos como aqueles de domingo passado, será um grande clube, e ainda bem.

Estão a ver: eis um treinador «gentleman» e sensato. Pedroto tem razão. Os grandes clubes, valorizam o futebol — e o futebol valorizado beneficia todos os clubes.

Este foi o lado positivo da exposição fluente de Pedroto. Tudo o mais se resumiu ao desbobinar os «casos» do jogo, que foram muitos. Vários «penalties». Golos que não chegaram a ser. Golos que foram, mas não contaram. Outros que contaram, mas não foram. A bola encontrou o braço, e não o braço que encontrou a bola, porque se o braço encontrasse a bola, o povo gritava; como o povo não gritou, a bola encontrou o braço, e além disso não sei quem não tinha necessidade de meter o braço à bola onde se conclui...

O juízo começa a andar-me à nora. Levo a cabeça à mão. Desculpe: levo a mão à cabeça. Isto é... Ai, ai! Não querem ver que temos mais um caso?

Não te preocupes, pá. Ainda bem. Não ouviste há pouco Artur Agostinho? Se faltassem os casos no futebol, de que é que se havia de falar durante a semana...

E A NOITE HÁ SERÃO...

O serão funcionou à sanduiche: a fazer de pão, o Kildarezinho e a «missão impossível», a fazer de fiambre, o «TV Clube» com Shegundo Galarza.

Este compareceu com uma série de melodias vascas traduzidas em flauta, em órgão, em violino. Melodias muiiito românticas, campestres, tradicionais, perfeitamente assépticas. Dispõem-nos bem, obrigado. Constituem bom epílogo para as truculências emocionais do folhetim kildérico e um saudável aperitivo para as truculências de guerra-fria das impossíveis missões. A orquestração variada e rica, os corpos da orquestra excessivamente afastados uns dos outros a criar fartos problemas à câmara, pobrezinha, que não sabia, como bombeiro desorientado, a que fogo acudir.

Enfim, música sempre é música, mesmo com o excesso de açúcar que Galarza emprega na sua confecção, só o facto de não usar palavras obrigatoriamente nos torna seus humilíssimos devedores. Já repararam que em todo o serão, ao longo de três rubricas, apenas se ouviram em português, tirando os anúncios, as palavras, poucas e más que se leram à laia de apresentação das melodias galárgicas?

Isto não vai aqui como uma queixa, ou uma reprovação ou qualquer coisa do género. Ou lembrança, apenas, para a coluna — ou para

Como conservar Dentes postiços com mais firmeza no seu lugar

A sua dentadura postiça causa-lhe aborrecimentos movendo-se, caindo ou abanando quando come, ri ou fala? Polvilhe apenas as suas placas com um pouco de DENTOFIX. Este pó alcalino (não ácido) fixa os dentes postiços com maior firmeza e maior conforto. Evita aquela sensação gomosa e pastosa tão desagradável. Não magoa. Elimina o mau hálito das dentaduras. Peça Dentofix hoje mesmo em qualquer farmácia, drogaria ou perfumaria.

HOJE PODE VER...

• As 21 e 55: Noite de teatro

A R. T. P. e a Empresa Amélia Rey Colaço, apresentam, esta noite, a peça em 3 actos, da autoria de Luigi Pirandello, intitulada «Para cada um a sua verdade», e que será interpretada pelos seguintes artistas: Varella Silva, Josefina Silva, Ana de Sá, José Cardoso, Hermínia Tojal, Luís Filipe, Carmo Mateus, Henrique Santos, Dalila Rocha, Raul de Carvalho, Maria Corie Real, Baptista Fernandes, Manuel Correia e Mariana Rey Monteiro.

A encenação, cenários e a direcção da TV, estão a cargo, respectivamente, de Varella Silva, Moniz Pereira e Ruy Ferrão.

a mesa — das observações. Mas não poderá acontecer que por este andar venhamos todos a perder o hábito de usar a língua portuguesa?

Quanto ao dr. Kildare, tudo evolui segundo a previsão clínica. Os 11 casos dos doentes condenados estão a ser devidamente explorados. Enquanto isso não estiver feito, o folhetim continua. Depois se verá. Tudo se há-de arranjar, descansem. No folhetim kildérico, onde todos agora choram, todos um dia hão-de rir. Talvez apareçam mais rins artificiais, oferecidos por uma grande e benemérita empresa petrolífera. Não é habitual ouvir-se dizer que o petróleo pode tudo? — M. C.

NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

■ Gunther Sachs, marido de Brigitte Bardot, vai constituir, em Saint-Tropez, uma nova sociedade internacional, que deve especializar-se na produção de desenhos animados. O director artístico da nova empresa cinematográfica é, provavelmente, o realizador alemão-occidental Heinz Edelmann, de 33 anos, que actualmente prepara para a TV um filme de desenhos animados dedicado aos «Beatles».

■ O público russo manifesta crescente interesse pelos filmes musicais e, em particular, pelas versões cinematográficas de óperas: depois de «A Dama de Pique», «Iolanda», «A noiva do czar», «Catarina Izmaillova» e outros, está agora a obter grande êxito o filme «D. João», extraído do «Anfitrião de pedra», de Dargomyzhskij.

■ Lee Marvin é o principal intérprete da película musical «Paint your wagon» («Pinta o carro»), que Joshua Logan começa a realizar brevemente. Os diálogos e a música são da autoria de Alan Jay Lerner e de Frederick Loewe, aos quais já se deve «My fair lady».

■ Os produtores de filmes publicitários, industriais, e de argumen-

to reuniram-se em Wiesbaden, para constituírem a «Bundesvereinigung der Deutschen Filme und Fernsehproduzenten», que substituirá as três associações existentes para a defesa dos interesses comuns e estabelecimento de intensa colaboração entre os vários sectores.

■ O argumentista Frank Tarloff, autor de «Guia para um homem volúvel» prepara-se para adaptar ao cinema o romance humorístico de Trudy Baker e de Rachel Jones, «Café, chá ou eu?». O filme terá como subtítulo «Diário de duas hospedeiras da aviação, sem inibições».

■ «E o meu todo faz um homem», romance de ficção científica de Boileau e de Narcejac, vai ser adaptado ao cinema por uma firma cinematográfica norte-americana sob o título «Choice Cuts» (Escolha os bocados). A obra descreve as reacções psicológicas de sete pessoas feridas num acidente de viação, às quais um diábolo cirurgião adapta uma parte do corpo (testa, braços, pernas, etc.) de um criminoso condenado à morte. Por fim, o cirurgião consegue reconstituir o criminoso, fazendo morrer os sete personagens.

(50) FILMES CASTELLO LOPES (50)

VOCÊ NÃO ESQUECERÁ JAMAIS OS FEITOS DESTES DOZE INDECENTES!

70mm

Doze Indomáveis Patifes

(THE DIRTY DOZEN)

LEE MARVIN em
Major John Reisman

JIM BROWN em
Robert Jefferson

RICHARD JAECKEL em
Sergeant Bowrer

TRINI LOPEZ em
Pedro Jimine

RALPH MEEKER em
Captain Stuart Kinne

ROBERT RYAN em
Colonel Breed

TELLY SAVALAS em
Archer Maggot

CLINT WALKER em
Samson Posey

ROBERT WEBBER em
General Denton

ERNEST BORGNINE em
Major General Worden

CHARLES BRONSON em
Joseph Wladislaw

JOHN CASSAVETES em
Victor Franko

GEORGE KENNEDY em
Major Max Armurster

Com LEE MARVIN
GEORGE KENNEDY

ERNEST BORGNINE
TRINI LOPEZ

CHARLES BRONSON
RALPH MEEKER

JIM BROWN
ROBERT RYAN

JOHN CASSAVETES
TELLY SAVALAS

RICHARD JAECKEL
CLINT WALKER

ROBERT WEBBER

Argum. de NUNNALLY JOHNSON e LUKAS HELLER Bas. na novela de EM. NATHANSON Produção de KENNETH HYMAN Uma obra-prima de ROBERT ALDRICH

COM TODA A RESPONSABILIDADE LHE AFIRMAMOS:

NUNCA VIU NADA SEMELHANTE!

RIGOROSO EXCLUSIVO DE ÉPOCA! NA PERFEITA PROJEÇÃO DO

AMANHÃ, INESQUECÍVEL NOITE DE ESTREIA

IMPÉRIO

O argumento do filme **DOZE INDOMÁVEIS PATIFES** é baseado no romance de E. M. Nathanson publicado pela **PORTUGÁLIA EDITORA** na Coleção Cinema, com o mesmo título

TEATRO Telef. 32 60 37
VARIEDADES ADULTOS

HOJE: ÀS 20.45 e 23 HORAS
UMA ONDA DE GARGALHADAS GRACAS À SENSACIONAL SUPER-REVISTA DE GRANDE ESPECTÁCULO

POIS, POIS...

com o fabuloso
RAUL SOLNADO
IVONE SILVA

BARROSO • CORTEZ
NICHOLSON • CLARISSE
a voz de
MARIA TERESA QUINTA
o ballet inglês
THE SANTIAGO DANCERS
a atracção brasileira
WANDA MORENO



o fabuloso SOLNADO
em «Pinguinhas»

TEATRO
MARIA VITÓRIA ADULTOS

HOJE: ÀS 20.45 e 23 HORAS



4.º MÊS
DA REVISTA
MAIS
POPULAR
DOS ÚLTIMOS
ANOS!

**Pão,
Pão...
Queijo,
Queijo**

MARIEMA:
primorosa em
«FADISTA DOS
FESTIVAIS»

um antástico triunfo para
SALVADOR • VIANA • DULCE

MARIEMA • MAX • ANITA

ESTRIBO CLUBE

BOITE «GO-GO»

BIRRE — CASCAIS

PARTICIPAM QUE PASSAM A
ENCERRAR AS TERÇAS-FEIRAS,
PARA DECANSO DO SEU
PESSOAL

TEATRO CAPITÓLIO

Tel. 327493

HOJE, às 21.45 h. — M. 17 anos

Uma peça de grande classe

**EQUILIBRIO
INSTAVEL**

de ALBEE

pela Companhia do Teatro Nacional D. Maria II

Em ALVERCA o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se a venda na T. ACARIA CAMPINAS Rua Joaquim Sabino Paria 18 A

**SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO**

Para sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELÉCTRICOS

A obra-prima de
Michelangelo Antonioni



**“O
FILME
DO
ANO!”**

**GRANDE PRÉMIO
INTERNACIONAL
DO FESTIVAL
CANNES 1967**

A câmara de Antonioni não recua perante nada — O amor sem significado,
o crime sem culpa, a vibração e a loucura da Londres de hoje!

com
VANESSA REDGRAVE

BLOW-UP

HISTÓRIA DE UM FOTÓGRAFO

e
DAVID HEMMINGS • SARAH MILES

METROCOLOR

HOJE, ESTREIA DA MAIOR EXPECTATIVA

NOS CINEMAS

Prod. de
Carlo Ponti

CONDES

e **ROMA**

Adultos



O «Diário de Lisboa» encontra-se a venda nas tabacarias de Leça Matosinhos Foz Avenida da Boavista, Carvalhosa Carvalhido Rotunda da Boavista Praça Marquês de Pombal Rua de Costa Cabral Constituinte Praça da República Bonfim e Antas a partir das 19 e 30 e na tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras a partir das 20 horas

TRINDADE HOJE, às 21.45 h. P. N. A. I.
A ESPOSA TROCADA
com o notável elenco do
TEATRO NACIONAL POPULAR
Subsidiado pelo Fundo do Teatro
Direcção de Francisco Ribeiro
**EM ÚLTIMAS
REPRESENTAÇÕES**
(Adultos)

**ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES NO
MONUMENTAL**

TEATRO
Telef. 55 51 33
Às 21.45 h.
Domingo à tarde
às 16 horas
(ADULTOS)

**LAURA ALVES em
A FLOR DO CACTO**

com **PAULO RENATO • CARLOS J. TEIXEIRA**
ALINA VAZ • ANGELA RIBEIRO • ALEXANDRE VIEIRA • ALDA PINTO • NORBERTO DE SOUSA
encenação de **SANTOS CARVALHO**
Um espectáculo de **VASCO MORGADO**
DUAS HORAS DE RISO TOTAL E FELIZ

7.º MÊS

Brevemente: **HENRIQUE SANTANA** em «UM ANJO DE CHAPÉU DE PALHA», com **IRENE ISIDRO** (Adultos).

DIVERSÕES

TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

(Continua na 4.ª página)

ginal que bem dissecou — com apuro da graça — os problemas do quotidiano e as facetas críticas que melhor poderiam atingir as atenções do lisboeta.

No Teatro Maria Vitória, «Pão, Pão... Queijo, Queijo» é o grande cartaz das noites da capital. Produzida por Giuseppe Bastos e Vasco Morgado, ela chama à mais popular sala do Parque Mayer uma multidão ávida de aplaudir Eugénio Salvador, José Viana, a vedeta Maria Dulce, Mariana, Max, Anita Guerreiro, a jovem revelação Dora Leal, Vítor Mendes, a fadista Arminda da Conceição, as discípulas Júlia Alves, Tânia Mota e Maria Antónia, um empolgante «ballet» internacional; e, ainda, o espectacular automovel-louco que se gradua como atracção verdadeiramente forte de série.

«Pão, Pão... Queijo, Queijo» tem música de João Nobre e Carlos Dias, montagem de Hernâni e Rui Martins, figurinos de Mário Alberto, guarda-roupa dos «ateliers» Paiva, coreografia de Mariana Franco, direcção musical de Carlos Dias e encenação de Salvador. As 20 e 45 e 23 horas, «Pão, Pão... Queijo, Queijo» brilha no tablado do Maria Vitória como o «espectáculo mais popular de Lisboa».

ABC

«Mulheres à Vela» em digressão pela provincia

Interrompida o coreiro de «Mulheres à Vela» no palco do Teatro ABC, de Lisboa, esta sensacional revista partiu à

conquista de idêntico êxito nos tabladou da provincia, tendo começado a sua digressão pela simpática vila do Montijo. Augura-se fácil triunfo a «Mulheres à Vela», a mais alegre revista do ano findo, escrita por Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinho e musicada por João Nobre e João de Vasconcelos, com coreografia dirigida por Charles. Desenhos os figurinos e dirigiu a montagem Mário Alberto. O guarda-roupa foi executado nos «ateliers» Paiva sob direcção de Josefina Soares.

O empresário José Miguel foi o produtor deste sensacional espectáculo com um elenco recheado de vedetas. «Mulheres à Vela» será representada hoje em Torres Vedras e depois nas seguintes localidades: dia 10, Leiria; dias 13 e 14 despedida do palco do ABC e dia 18 estreia no Porto, no Teatro Sá da Bandeira.

AS ESTREIAS DE HOJE

No Condes e Roma

Título em português — «História de um fotógrafo».
Título original — «Blow-up».
Produção — Americana.
Realização — Antonioni.
Interpretes — Vanessa Redgrave, David Hemmings e Sarah Miles.
Argumento — A vida através da fotografia.
Distribuição — Filmes Castelo Lopes.
Processo — Metrocolor.
Classificação — 17 anos.

No Avis

Título — «Madame X».
Produção — Americana.
Realização — David Lowell Rich.
Interpretes — Lana Turner, John Forsythe, Ricardo Montalban e Burgess Meredith.
Argumento — Drama.
Distribuição — Sonoro Filmes.
Processo — Technicolor.
Classificação — 17 anos.

No Monumental

Título em português — «As feiticeiras».
Título original — «Le fate».
Produção — Franco-italiana.
Realização — Mauro Bolognini, Mario Monicelli, Antonio Pietrangeli e Luciano Salce.
Interpretes — Capucine, Claudia Cardinale, Alberto Sordi, Jean Sorel, Monica Vitti, Raquel Welch e Enrico Maria Salerno.
Argumento — Comédia.
Distribuição — Columbia.
Processo — Eastmancolor.
Classificação — 17 anos.

Recintos de diversões

* Deixou de fazer parte do elenco artístico de «O Forcado» a cantadeira Augusta Hermida.
* Tem sentido algumas melhoras o cantor Filipe Pinto.
* Os dirigentes de alguns restaurantes típicos tencionam apresentar, dentro em breve, uma exposição às entidades superiores no sentido de serem revistas algumas das imposições presentemente em uso.
* No reino do acordeão, surgiu mais um novo, o jovem Zé Tó.
* A cançonetista Lila Paixão continua a actuar no Luxemburgo.
* Os irmãos Cecília e Gabriel Cardoso vão gravar um disco com as suas ultimas criações.
* Simone de Oliveira, Artur Gar-

cia e o conjunto de Mário Simões devem partir, no próximo mês, para o Canadá.
* Vai, em breve, a Paris, o artista Norberto Martinho.
* Parte, dentro de dias, para Buenos Aires a artista Gina Maria.
* Fernando Farinha, Ana Hortense e Joaquim Cordeiro trabalham, no sábado, em Alverca do Ribatejo.
* Esmeralda Amoedo, Fernando Maurício e Eduardo Franco são os representantes do Grupo Desportivo da Mouraria num festival organizado, no sábado, pelo Futebol Benfica.
* Vai inaugurar um novo restaurante típico o artista Joaquim Pinto, presentemente a actuar no «Forcado».

VIDA MUSICAL

Recital do violinista Michail Weimann, hoje no Tivoli

Os sócios da 3.ª série de concertos do Círculo de Cultura Musical vão ter hoje a oportunidade de assistir a um recital de violino e piano em que actuam o categorizado violinista Michail Weimann e a pianista Alla Ghojova. Estes excelentes artistas, de nacionalidade russa, interpretam as seguintes obras: Sonata n.º 4, de Haendel; Sonata n.º 1, para violino solo, de Bach; Sonata n.º 1, op. 80, de Prokofieff; e Melodia e Valsa-Scherzo, de Tchaikowsky. O recital é no Tivoli, pelas 19 horas e 30 minutos.

Na quinta-feira, dia 11, os mesmos artistas actuarão para os sócios do Círculo com lugar no Teatro Nacional de São Carlos, em espectáculo que se iniciará às 22 horas e cujo programa é preenchido

com obras de Corelli, Bach, Beethoven, Prokofieff e Saint-Saëns. Para os próximos concertos, em Fevereiro, o Círculo de Cultura Musical conta com a colaboração do grande pianista Wilhelm Kempff, artista de craveira impar que tanto êxito obteve, em anos anteriores, junto da sua massa associativa. Mestre Kempff apresentar-se-á nas três séries de concertos do Círculo, em Lisboa, e na Delegação do Porto.

Concertos Imave para jovens

A R. T. P. transmite amanhã, às 19 horas, o concerto da série «Auditório Juvenil» efectuado em Dezembro, na Escola Comercial Ferreira Borges, pela Orquestra Clássica Imave, sob a direcção do maestro José Atalaya. O programa é constituído pela interpretação de um andamento da «Sinfonia Incompleta», de Schubert, precedida, como habitualmente, de comentários explicativos.

AMANHÃ FAZEMOS ANOS... ...MAS A PRENDA DAMOS NÓS!

Sim, é verdade. Amanhã, dia 10, faz 3 anos que o pano do Teatro Villaret subiu pela primeira vez. Estamos contentes. Contentíssimos! A nossa alegria é tal que resolvemos partilhá-la com o publico que nos viu nascer... e crescer.

Por isso vamos oferecer UM BILHETE GRÁTIS PARA UMA «MATINÉE» ESPECIAL NO DIA 10 AS 16 HORAS

(a bilheteira abre às 13 horas. Somente terá que entrar na «bicha» e levantar um bilhete).

UM BILHETE GRÁTIS NOS ESPECTÁCULOS DA NOITE DO DIA 10 PARA QUEM FIZER ANOS NO MESMO DIA (para todos que provarem na bilheteira fazer anos no dia 10 de Janeiro, será oferecido um bilhete para qualquer dos espectáculos nocturnos do mesmo dia).

FAZEMOS ANOS... ...MAS A PRENDA DAMOS NÓS...

VASCO MORGADO e RAUL SOLNADO

apresentam
HOJE 2 SESSOES
às 21
e às 23 horas

TEATRO
VILLARET

A comédia para RIR muito

deliciosamente
louca!

com EUNICE MUÑOZ — RUI DE CARVALHO — ROGERIO PAULO — JOSÉ DE CASTRO — HENRIQUETA MAYA — JOÃO PERRY — CLARA ROCHA — MADALENA BRAGA — VASCO JR.

AS FEITICEIRAS SÃO CONSTANTES, FIDELÍSSIMAS E CASTAS...



CAPUCINE
CLAUDIA CARDINALE
ALBERTO SORDI
JEAN SOREL
MONICA VITTI
RAQUEL WELCH

AS FEITICEIRAS

(LE FATE)

com ENRICO MARIA SALERNO • GASTONE MOSCHIN

Realiz. de MAURO BOLOGNINI, MARIO MONICELLI, ANTONIO PIETRANGELI, LUCIANO SALCE

Prod. de. GIANNI HECHT LUCARI

OS SEUS HOMENS SÃO:
ATREVIDOS, PERVERSOS, SEDUTORES
E APAIXONADOS!



HOJE, NOTÁVEL MONUMENTAL
ESTREIA NO

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 9 de Janeiro de 1938 publicava:

«NOVA YORK, 9 — O «New York Times» publica um telegrama de Manila dizendo que nas Filipinas, na ilha de Luçon, se realizaram manobras a partir de amanhã. Nelas participarão 10 000 homens do exército dos Estados Unidos e 40 000 do exército indigena. Esquadrilhas locais da aviação americana colaborarão nos exercícios.

O mesmo jornal diz que, desde o princípio do conflito sino-japones, as forças americanas nas Filipinas estão sujeitas a um regime análogo ao de tempo de guerra: as licenças e viagens foram suprimidas para os oficiais desde Julho. Os oficiais e soldados estão de prevenção permanente para uma mobilização tão rápida quanto seja possível.»

CURIOSIDADES

Reforma e cama...

No dia em que se reformou um operário fundador, de Manchester, chegou a casa e disse à mulher: — «A partir de agora vou levar uma boa vida». Deitou-se e ficou na cama durante sete anos.

Quando conseguiram convencê-lo a levantar-se, teve de fazer um tratamento de reabilitação, durante seis meses, para voltar a andar.

Os chamados «discos voadores»

Continua o mistério à volta dos estranhos objectos luminosos que, de quando em quando, são assinalados, aqui e ali, cruzando o espaço, e aos quais se dá o nome de discos voadores. Mas chamam-lhes assim porquê?

A coisa remonta a 24 de Junho de 1947, quando um piloto americano avistou nove objectos brilhantes, que se deslocavam em formação no céu, por sobre uma região montanhosa no Noroeste dos Estados Unidos. «Moviam-se como discos deslizando sobre a água» — disse o piloto, que com esta frase deu o nome aos enigmáticos objectos voadores.

Congresso de esperantistas

O congresso anual da Organização Internacional de Esperantistas reuniu-se em Utrecht, na Holanda, de 3 a 9 de Agosto de 1968. Tomarão parte nos trabalhos 500 a 600 delegados provenientes de vinte países.

Jardim de Infância Internacional

Começou a funcionar na cidade de Bonn o Jardim de Infância Internacional, aberto a crianças dos mais diversos países.

Até 120 filhos de diplomatas têm possibilidade de se encontrarem com os pequenos amigos, condiscípulos e companheiros alemães.

ANEDOTAS

Dois ingleses e um escocês encontram-se depois do casamento de um amigo comum.

— Não pude ir ao casamento do nosso amigo — diz um dos ingleses — mas mandei-lhe um serviço de café para doze pessoas.

— Well! — exclama o outro. — Fizeste como eu, que mandei um serviço de chá para 24 pessoas.

— Eu — diz o escocês —, estava em viagem, mas não quis deixar de mandar uma prenda: enviei-lhe uma pinça de açúcar para cento e cinquenta pessoas!

Dois loucos encontram-se no hospital. Como não são perigosos, deixam-nos passear juntos no pátio. A certa altura, pergunta um deles:

— Você é casado?

— Não — responde o outro.

— Ótimo, a sua mulher não sabe a felicidade que tem!

Um industrial cujos negócios não estão particularmente brilhantes decide subitamente fazer um seguro

contra incêndio. Assina o contrato e, com um sorriso de satisfação nos lábios, pergunta ao agente da companhia:

— E se amanhã, por exemplo, a minha fábrica ardesse, que me dariam?

— Bom — diz o agente —, de três a cinco anos de prisão, pelo menos...

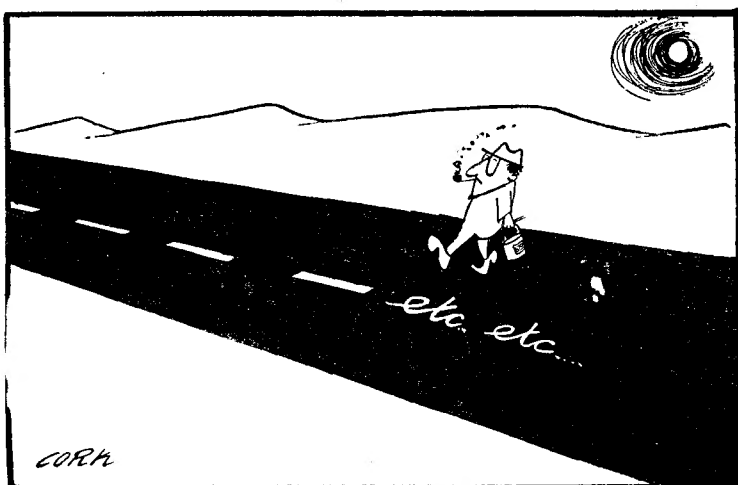
O professor, na aula de Português, interroga o Pedrinho:

— Se eu digo: «Lavo-me, lavas-te, lava-se; lavamo-nos, lavais-vos, lavam-se», que tempo é?

O rapazinho reflectiu e responde com toda a segurança:

— É' domingo, senhor professor.

Fernando conta anedotas numa roda de amigos. E, claro, não pode faltar uma de escoceses. E diz, então, que, numa das suas viagens à Escócia, lera o seguinte anúncio: «Lavrador, 34 anos, deseja encontrar jovem mesma idade possuindo tractor, vista casamento. Favor enviar fotografia tractor».



SEM PALAVRAS

FACTOS REAIS

18 dias à deriva sobre um glaciar



5 — Alguns naufragos, porém, não perderam de todo a esperança de ver reaparecer o «Polaris». Instalados no alto da ilha flutuante, perscrutavam incansavelmente o fúnebre crepúsculo que nesta estação do ano faz as vezes de dia. Aham eles que o navio não foi a pique. Sendo assim, deve ter iniciado já a operação de salvamento. Tanta esperança vem a concretizar-se dentro de pouco tempo: eis-os que saltam e dançam no promontório, gritando de alegria. Estarão a ser vítimas de qualquer alucinação? Não. Porque daí o nada, ligeiramente descaído para Norte, a 7 ou 8 milhas da ilha flutuante, o vulto inconfundível do

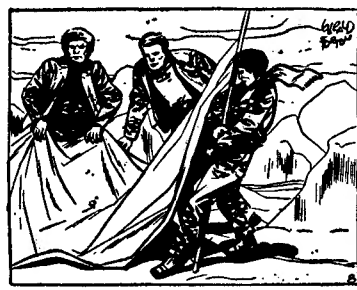


«Polaris» recorta-se no horizonte. O delírio apossa-se dos naufragos...

6 — Precipitam-se todos. Hurrah! Estão salvos! Vêm aí socorros! Mas o navio parece então afastar-se. Terão passados despercebidos? Por precaução erguem rapidamente um mastro, e no mastro içam uma bandeira, e a bandeira junta um enorme pedaço de borraça... Olhos colados ao binóculo, o tenente Tyson interroga a marcha do navio. Não há dúvida: desta vez dirige-se efectivamente para os naufragos, navegando a vela. Mancha sombria na brancura dos «icebergs», o «Polaris» avança. Já se lhe distinguem os pormenores...



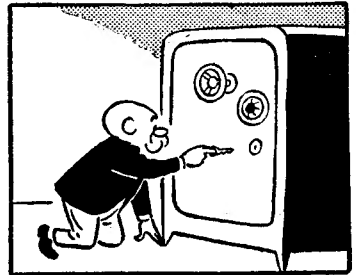
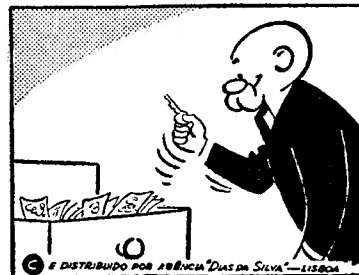
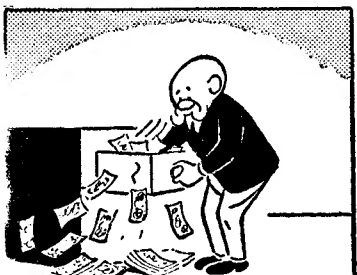
7 — Mas... que se passa? Dir-se-ia que... Não! É impossível! O «Polaris», de súbito, vira de bordo, afasta-se... Os naufragos saltam gritos de desespero, que deveriam chegar até ao navio. Os infelizes tentam acender uma fogueira. Demasiado tarde. O «Polaris» afasta-se cada vez mais — e acaba por se sumir para além de um promontório longínquo. Desta vez, a esperança some-se. O navio, se se encontrava em missão de buscas, não regressaria, com certeza, daquelas paragens. E era preciso agora construir, no banco de gelo, instalações capazes de albergar todos aqueles homens, nas melhores condições possíveis e durante bastante tempo.



8 — Tyson decide erguer uma tenda com as velas e os mastros provenientes do navio. Todos terão de se empilhar naquele espaço. De súbito, ouve-se forte estalido, seguido de outros. O gelo abre fendas por toda a parte. Os naufragos apavoram-se. Preocupados em salvar as próprias vidas, não reparam sequer que um dos pedaços do seu banco de gelo se afasta, levando com ele a embarcação na qual tinham guardado as suas magras provisões.

(Continua)

AVENTURAS DE TIO CARLOS



DA FATALIDADE À POSSIBILIDADE

(Continuação da 1.ª página)

a percentagem de tuberculosos é de 3 por mil da população destes bairros».

Ao contrário do que muita gente pensa hoje em dia não há nestes bairros percentagens signifi-

dos da zona de Alcântara, aquando da construção da ponte sobre o Tejo.

M. L. — Claro que estas casas têm, como se diz, melhores condições no que respeita a esgotos, luz, fornecimento de água, arrua-

bairro, cujo local fora escolhido por razões muitas vezes de ordem prática, como seja a proximidade do local de trabalho, de transportes mais económicos. Ir a pé para a oficina ou para a fábrica não significa a mesma coisa que passar a utilizar o eléctrico ou o autocarro, com o que tudo isso representa de prejuízo económico e de tempo, o que entra nas tais condições de segurança ambiental de que a casa se não pode desligar.

Já vimos que a construção de bairros mais pobres se tem processado ultimamente na periferia da cidade, obedecendo, por um lado, a uma lei que consideramos oposta à lei monetária de Gresham, e a uma situação que recorda a consequência da força centrífuga: os corpos (as habitações pobres...) são afastados do centro da trajectória.

Quer isto dizer que no nosso País não se constrói um número de casas a um ritmo satisfatório?

Em rigor, não se constrói, mas a questão que agora nos ocupa não reside aí.

Reportagem de MARIO CASTRIM

cativas de desemprego, divididos os braços válidos pelas diversas indústrias com destaque para a da construção civil.

Um perito internacional na matéria constata que a população destes bairros tem afinal, por condicionamentos externos, condições de habitação inferiores às que corresponderiam ao seu nível sócio-económico.

Disse-se mais:

«Como é natural, dado o panorama já descrito, o nível de vida destas populações deixa muito a desejar. Assim, no «Inquérito aos Bairros de Lata», realizado em 1960 pelo Gabinete Técnico de Habitação da Câmara Municipal de Lisboa, aponta-se que 80 por cento das famílias têm um orçamento inferior a 2000\$00 mensais. Por exemplo, na zona oriental da cidade a maior percentagem auferiu um máximo de 17\$00 diários por membro, sendo difícil a obtenção de 30\$00 diários «per capita».

As possibilidades económicas destes grupos podem traduzir-se no mapa seguinte, onde se apresenta a percentagem das famílias segundo a captação dos respectivos membros:

(Quadro)

Ora, com estas captações, como será possível pagar uma renda ou a amortização de uma casa? Segundo um estudo feito na região de Lisboa, as famílias com menos de 500\$00 mensais por cabeça não podem pagar rendas da ordem dos 300\$00 (habitações mais económicas em Lisboa) sem graves distorções nos seus orçamentos. E não é argumento válido a queixa de que são esbanjadoras porque pagam prestação da TV...

Famílias com (escudos/pessoa)	Lisboa (Bairros de Lata) %
0	1,1
200	21,8
201 — 500	57,4
501 — 1000	19,2
1001 — 1500	0,42
1501 — 2000	0,05
+ 2000	0,03

Será elucidativo comparar estes números com os do quadro seguinte:

ESCALÕES DAS RENDAS MENSIS PAGAS PELAS FAMÍLIAS VIVENDO EM BAIRROS IMPROVISADOS

Rendas	Lisboa
Menos de 100\$00	45 %
100\$00 — 200\$00	37 %
200\$00 — 300\$00	12 %
300\$00 — 400\$00	4 %
+ 400\$00	2 %

Constata-se assim a existência de 55 % de famílias pagando mais de 100\$00 por uma barraca.

Entre nós, tem-se ultimamente verificado a tendência para alugar as populações dos chamados «bairros de lata» em habitações em geral com carácter provisório construídas para o efeito, quando se verifica a necessidade de desocupar terrenos para levar a efeito obras de urbanização. É o caso, por exemplo, dos desaloja-

gar de culto, etc., etc. Mas não se pensa a que custo: tem-se gasto com estas casas tanto como com casas definitivas, com a agravante de chegarem a ter metade da área, e sem condições de isolamento e conforto aceitáveis. É o que se pode chamar o recurso mais caro, com a agravante de que ficam definitivos, apodrecidos ou incapazes de conter a evolução das exigências.

Mas há mais, o problema não é apenas o de dar um tecto. Há todo o complexo de condições essenciais que dêem um ambiente de segurança mínimo que não deve ser esquecido quando se processa uma transferência desse tipo. Para a criação deste ambiente de segurança concorrem: a proximidade (de familiares, empregos, serviços colectivos, etc.), a estabilidade de residência permitida pelas garantias em relação à ocupação do terreno e ainda a liquidez para os investimentos feitos com a casa.

Uma transferência comandada de cima para baixo, de fora para dentro, sem tomar não só em conta mas como força para o próprio realojamento a vontade dos próprios. Na maioria dos casos, os maiores inconvenientes são os que resultam da dispersão de comunidades naturais com a sua coesão e mesmo culturas próprias.

Repare: durante anos e anos de convívio, comecado normalmente na aldeia de origem, chamados uns pelos outros, de troca diária de experiências aprendidas na dura lição da vida, criam-se laços, situações, todo um sentido de comunidade para o qual a separação é uma frustração.

Margarida Lobo — Sem contar, evidentemente, com a ruptura de uma estabilidade que estava na base da origem do próprio

ARTES PLÁSTICAS

Exposição G. M. 67

Inaugura-se no próximo dia 15, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, a grande exposição, aguardada com a maior expectativa, em que será anunciado o Prémio G. M. 67, destinado a premiar as obras de arte de vanguarda e instituído pela General Motors de Portugal a propósito da apresentação dos novos modelos «Vauxhall Victor».

Exposição na galeria «Canguru»

Nas salas 2 e 3 da galeria de alameda «Canguru», no Estoril, vai abrir ao público, a partir de sábado, uma interessante exposição de pintura neo-romântica.

ESCOLA TÉCNICA

MANUEL DA MAIA

O director da Escola Técnica Elemental Manuel da Maia reúne-se com os encarregados de educação dos alunos no próximo sábado, às 15 horas, no ginásio da escola. A ordem dos trabalhos será: aproveitamento do 1.º período; plano de trabalho para o 2.º período; actividades circum-escolares.

ANTIGOS POLITÉCNICOS

Em sinal de sentimento pelas vítimas das enxurradas de Novembro, não se efectua este ano o tradicional almoço dos antigos alunos da Escola Politécnica.

MARGARIDA LOBO —

Em Portugal constroem-se, digamos, 35 mil fogos por ano, enquanto na Inglaterra trabalhista se pretende agora atingir 500 mil. Não se pode dizer que estejamos numa posição chocante. O problema é outro.

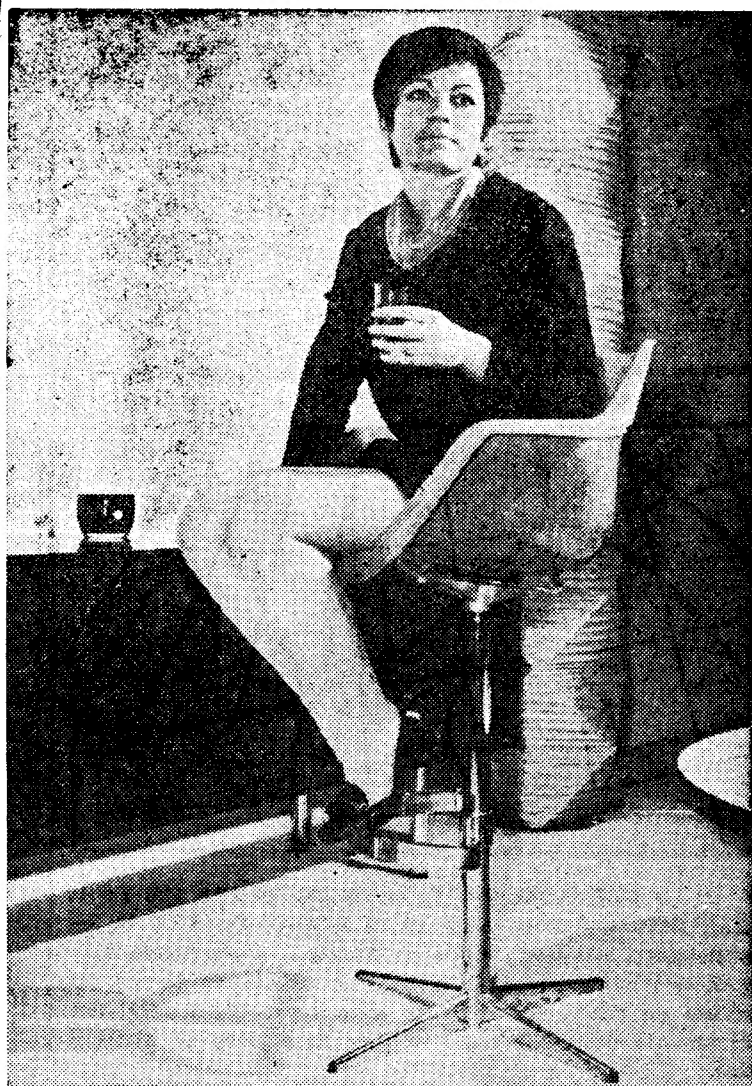
O número de habitações construídas anualmente por milhar de habitantes é de cerca de metade do número de um país industrializado. O nosso número terá que ser consideravelmente aumentado nos próximos anos (o que constituirá só por si um sério desafio à indústria da construção).

O problema reside na base essencialmente lucrativa da construção. O capital constrói como quem empresta a juros. E quanto mais alto for o juro, mais o capital constrói. Para se ter uma ideia real de quanto há para fazer entre nós no domínio das habitações de carácter social, basta dizer que em Portugal a percentagem delas não excede os 8,4 por cento, enquanto na maior parte dos países europeus atinge percentagens superiores a 50 %.

Sem contar com uma certa dispersão de capitais, utilizados por razões não de ordem lucrativa, mas também não de ordem social. É o caso das habitações mandadas construir em certas localidades por emigrantes que, por vezes, mais não pretendem do que dar público testemunho do seu sucesso. Conhecem-se casos de fogos nessas condições que não chegaram a ser habitados.

Um dos aspectos mais chocantes da vitalidade do capital usurário manifesta-se na construção dos chamados «bairros clandestinos», construção marginal organizada, para uma camada da população que não tem acesso às casas construídas em terrenos urbanizados onde se mistura estranhamente a mais lamentável especulação lado a lado com exemplos de esforço dos próprios para resolverem o seu problema.

Estamos chegados a um dos capítulos de maior interesse desta aventura. O «bairro clandestino», eis a personagem central do nosso próximo folhetim, que constituirá uma autêntica história de provento e exemplo.



O designer inglês Robin Day imaginou uma cadeira confortável e não muito cara, de múltiplas aplicações — no escritório, em casa, em átrios de recepção ou em lugares públicos. Construída em «polypropylene», a cadeira é simultaneamente leve e forte

NECROLOGIA

D. Cristina da Conceição Costa

ÉVORA, 9. — Na sua residência, na Rua Serpa Pinto, 41, faleceu a sr.ª D. Cristina da Conceição Costa, de 98 anos, viúva, natural da Lourinhã. Era mãe da sr.ª D. Júlia da Conceição Costa e sogra do sr. Celéstino Costa.

FUNERAIS

D. Maria das Dores Mascarenhas Loureiro

VISEU, 9. — Realizou-se o funeral da sr.ª D. Maria das Dores Borges Mascarenhas Loureiro, de 70 anos, que faleceu na sua casa de Santar (Nelas). Recentemente galardoada com merecida condecoração pelos altos serviços prestados ao ensino, a extinta era casada com o sr. dr. João Loureiro de Lemos, professor aposentado, mãe dos srs. drs. Francisco de Sales Mascarenhas Loureiro, antigo deputado da Nação e antigo presidente da Câmara Municipal de São Pedro do Sul, onde fundou o jornal «Tribuna de Lafões», do qual é ainda director, e que foi, também, fundador e director do Colégio de Santo Agostinho, de Viseu exercendo, presentemente, as funções de chefe de repartição social da M. P. no Ministério da Educação, em Lisboa; do sr. dr. Fernando Júlio Mascarenhas Loureiro, médico e director do Colégio de Alvega (Abrantes).

Era também, nora das sr.ªs D. Margarida de Campos Ferrão Loureiro e de D. Maria Fausta de Campos Ferrão Loureiro, e avó de sete netos, entre os quais os universitários D. Maria da Conceição e Jorge Luís Ferrão M. Loureiro, residentes, respectivamente, em Lisboa e em Coimbra.

Floral Rodrigues Martins

ALGOZ 9. — Realizou-se o funeral do soldado Floral Rodrigues Martins, de 21 anos de idade, natural da freguesia de S. Marcos da Serra, e residindo há muito nesta localidade. Era filho do sr. Adelino Salvador Martins, trabalhador rural e de D. Joana Maria Rodrigues.

Tendo falecido em Angola, o seu corpo fora transportado de Lisboa, em carro militar, acompanhado da respectiva escolta.

Felício José

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, 9. — Efectuou-se o funeral do sr. Felício José, de 83 anos, natu-

ral de Fátima, viúvo de D. Maria da Piedade. Era pai da sr.ª D. Maria José Felício Machado e do sr. António Henrique Felício, verificador das Alfândegas, sogro da sr.ª D. Aurélia Mendes Felício e do sr. Alfredo Faria Machado, e avô dos srs. David Eugénio dos Santos e Felício dos Santos David, primeiros-sargentos da Armada, Mário Santos David, José Augusto Neto e António José Felício.

D. Brilhantina de Moura Cardoso

FIGUEIRA DA FOZ, 9. — Para o cemitério de Buarcos, realizou-se o funeral da sr.ª D. Brilhantina de Moura Cardoso, que faleceu nesta cidade. Contava 60 anos, era casada com o jornalista e bibliotecário da Biblioteca Pedro Fernandes Tomás, sr. José de Sousa Cardoso e mãe do sr. Cristiano José Moura de Sousa.

Rui Gião Climaco dos Reis

ÉVORA, 9. — Efectuou-se hoje para o cemitério dos Remédios e foi muito concorrido o funeral do sr. Rui Gião Climaco dos Reis. Contava 70 anos, era natural de Amareleja, funcionário da Biblioteca Pública de Évora e deixou viúva a sr.ª D. Joana Simões Paula Reis.

AGÊNCIA MAGNO

FUNDADA EM 1874

Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis

Telefones 53 41 67 P. P. C. A. (4)

finhas 4 31 89 66 27 72 28 00 22

CAMINHOS-DE-FERRO

ALDEIA DO CARVALHO (Covilhã)

Comunica-nos a C. P. que desde 3 do corrente todas as estações de caminhos-de-ferro despacham mercadorias, incluindo pequenos volumes, para Aldeia do Carvalho (Covilhã)-Central.

Por seu turno, no Despacho Central de Aldeia do Carvalho (Covilhã) expendem-se igualmente mercadorias, incluindo pequenos volumes, para qualquer estação de caminho-de-ferro ou para qualquer localidade servida pela camionagem combinada.

No seu próprio interesse não deixar de utilizar este serviço combinado.

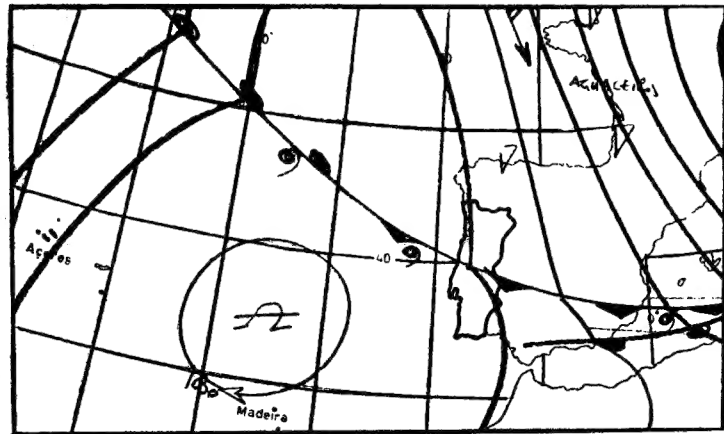
O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço
Meteorológico Nacional:

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máximo: Tavira, 16°5; mínimo: Viseu, Alvalade e Elvas, —1°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 11°9; na água do mar: 13°.

A—Anticiclone (alta pressão); B—Depressão (baixas pressões); —Isóbaras (mb.)



EVOLUÇÃO PROVÁVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ AS 24 HORAS DO DIA 10. — O anticiclone localizado entre os Açores e a Península Ibérica deverá continuar a influenciar o estado do tempo no território do continente, embora uma superfície frontal em deslocamento para sul possa afectar as regiões do norte e centro.

Previsão geral até às 24 horas de amanhã

CÉU MUITO NUBLADO, VENTO FRACO OU MODERADO DE NOROESTE, PERÍODOS DE CHUVA FRACA OU CHUVISCO NAS REGIÕES DO NORTE E DO CENTRO; MELHORIA DO TEMPO PARA AMANHÃ, COM BOAS ABERTAS, VENTO MODERADO DO NORTE E DESCIDA DE TEMPERATURA.

SOL Amanhã: Nascer às 8 e 55
Ocoso às 18 e 33

PREIA-MAR — Dia 9 — às 11 e 30 (3,2 m); Dia 10 — às 0 e 07 (3,2 m); 12 e 30 (3,1 m); Dia 11 — às 1 e 07 (3,2 m); 13 e 35 (3,2 m).
BAIXA-MAR — Dia 9 — às 5 e 02 (1,8 m); 17 e 37 (1,7 m); Dia 10 — às 6 e 07 (1,8 m); 18 e 30 (1,7 m); Dia 11 — às 7 h (1,7 m); 19 e 16 (1,6 m).

FASES DA LUA

☾ ☾ ☾ ☾
Dia 15 Dia 22 Dia 29 Dia 6

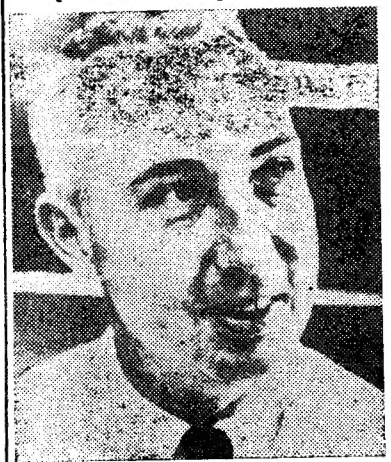
É CRÍTICO O ESTADO DE MIKE KASPERAK

(Continuação da 1.ª página)

procurava o terceiro doente para um enxerto de coração, mas que não fora feita ainda uma escolha final.

QUANTO CUSTA A OPERAÇÃO A BLAIBERG

CIDADE DO CABO, 9 — (A. N. I. e F. P.) — As despesas de hospital do dr. Blaiberg, que é, sem duvida, um dos doentes mais célebres do Mundo, elevam-se a 243 escudos por dia. Esta importância engloba todas as despesas — operação, hospitalização e despesas médicas — e inclui, igualmente, o isolamento do paciente num quarto por ordem do médico. As tarifas aplicadas são as determinadas pela administração oficial.



O dr. Norman Shumway, que efectuou o quarto enxerto de um coração

Se Blaiberg tiver alta dentro de três semanas, a sua conta de hospital será de 4500 escudos.

Um informador do hospital de Groot Schwur disse que a operação custará ao hospital cerca de 360 contos.

A CRIANÇA COM O RIM DE DENISE DARVALL MELHORA EXCEPCIONALMENTE

Por outro lado, o estado de saúde de John Van Wyk, o jovem mestiço de dez anos ao qual foi enxertado um dos rins de Denise Darvall, melhorou de maneira excepcional — indica-se no Hospital Karl Bremer, da Cidade do Cabo.

Os médicos não podem, no entanto, precisar, no momento, quando é que Wyk poderá regressar a casa. Se se tratasse de um adulto, já teria sido autorizado a fazê-lo, mas tem de se tomar precauções devido à sua pouca idade. Por isso, deverá ainda ficar mais algum tempo no hospital.



Dr. Marius Barnard, irmão do professor Christian Barnard, que é também um cirurgião de nomeada e que se chegou a admitir que chefiasse a equipa que procedeu à segunda transplantação cardíaca na África do Sul.

O DOENTE ENGOLIU O TERMÓMETRO

SALÓNICA, 9 — (R.) — Uma enfermeira do hospital de Orestias colocou um termómetro na boca de uma doente — e esta, prontamente, engoliu-o.

«Pensei que era um remédio», disse, depois, a mulher, que conta 52 anos e nunca tinha estado num hospital.

Teve de ser feita uma operação para se retirar o termómetro do estômago da doente.

Barnard e Shumway conferenciarão pelo telefone

CIDADE DO CABO, 9 — (A. N. I.) — O prof. Barnard e o dr. Shumway devem conversar hoje pelo telefone sobre as técnicas usadas nas transplantações de coração por eles efectuadas.

A conversa entre os dois especialistas, que foram colegas na Universidade de Minnesota, esteve originariamente marcada para ontem, mas não foi possível conseguir ligação entre a Cidade do Cabo e Palo Alto.

Barnard e Shumway encontraram-se o mês passado, nos Estados Unidos, onde o primeiro esteve depois de Washkansky ter morrido em consequência de uma pneumonia, 18 dias depois do enxerto de coração.

No telegrama em que felicitou o seu colega norte-americano pela transplantação, o dr. Barnard disse: «Fomos criticados por sermos prematuros. Disseram-nos que o mundo não estava ainda preparado para transplantações de coração, mas agora temos a prova de que outros países estão aptos a praticar este tipo de cirurgia».

Ao comentar a hemorragia interna que pôs em perigo a vida de Kasperak, o médico sul-africano declarou que é uma complicação vulgar nas grandes operações, embora costume verificar-se mais tarde.



As carruagens do expresso Manchester-Londres, que descarrilou após chocar com um pesado camião. Morreram 13 pessoas e ficaram feridas 40. Viavam na composição uns 500 passageiros

NOTÍCIAS DA FIGUEIRA DA FOZ

Estrada de penetração na Serra da Boa Viagem

FIGUEIRA DA FOZ, 9 — As comunicações rodoviárias para a serra da Boa Viagem, maravilhoso local, que constitui visita obrigatória do turista nacional e estrangeiro, estão asseguradas pelas estradas turísticas do Cabo Mondego e pela que segue pelos quatro caminhos àilhargos de Tavares.

Havia, porém, a necessidade de uma estrada de penetração para o planalto serrano na lomba do lado sul, a partir da pitoresca localidade da capela Senhora da Encarnação — esta mais de conveniência da população para as relações entre as pequenas povoações implantadas no pendão da serra.

O importante melhoramento vem aumentar o complexo das estradas vicinais do concelho, faltando-lhe apenas, para a sua completa conclusão, a pavimentação betuminizada.

Reuniões científicas Serviço Meteorológico Nacional

No mês corrente efectuem-se mais duas reuniões científicas do pessoal técnico do Serviço Meteorológico Nacional, a primeira no dia 15 e a segunda no dia 29. Temas e preletores (respectivamente): «Relato de um estágio sobre previsão matemática do tempo no Instituto Meteorológico e Hidrológico da Suécia (Estocolmo, Nov.-Dez. 1967)», pelo meteorologista-chefe dr. Manuel T. F. Cabrita; «III Plano de Fomento — Empreendimentos a executar pelo Serviço Meteorológico Nacional», pelo director-geral, dr. A. Silva de Sousa.

A distribuição de pelouros do município

Realizou-se a primeira reunião da nova vereação da Câmara Municipal, desta cidade, há pouco eleita e foi distribuído a cada um o respectivo pelouro, assim designado:

Turismo: Severo da Silva Biscaia; **Limpeza e mercados:** Fernando Luís Cardoso; **Cultura:** dr. Marcos Lima Viana; **Obras urbanas e jardins:** eng.º Jaime Correia; **Cemitérios e obras rurais:** Joaquim Maria Mariano; **Bombeiros, Central leiteira, higiene e sanidade pecuária:** dr. António Melo da Silva e Costa, que ficará também com a presidência da secretaria, tesouraria e polícia.

O conselho administrativo dos serviços municipalizados, é presidido pelo presidente da Câmara e composto ainda pelos vereadores, srs. eng.º Jaime Correia e Fernando Luís Cardoso e para o conselho municipal foram nomeados os srs. Severo Biscaia, dr. Melo Costa e prof. dr. Marcos Viana.

Almoço anual de confraternização do Sporting C. Figueirense

Por motivo do acidente de que foi vítima, o presidente do município eng.º José Coelho Jordão, que devia presidir ao almoço anual de confraternização sportinguista marcado para o dia 7, foi o mesmo adiado para data a designar oportunamente.

Em CANEÇAS o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se nas agências dos srs. JOAQUIM JACINTO FRANCISCO e JOSÉ AUGUSTO DE MELO BROCHADO.

MORREU NA SUIÇA O MARQUÊS DE FREIRE DE ANDRADE

MONTANA-CRANS (Suíça), 9 — (F. P.) — Faleceu, a noite passada, em Sierre, no cantão de Valais, o marquês de Freire de Andrade, que contava 58 anos e estava a passar as férias de Inverno na Suíça.

O marquês foi vitimado por um ataque que nada fazia prever. Transportado para uma clínica, morreu pouco depois.

No CADAVAL o «DIÁRIO DE LISBOA» é distribuído pelo sr. JOAQUIM CARDOSO DA SILVA ROSA.



CRECHES

É monótono, mas necessário repisar no mesmo assunto enquanto não forem tomadas providências para o resolver. Crianças de ventre grande e rosto sujo não dignificam nenhuma sociedade, embora a própria miséria tenha o seu pitoresco. Salvar as crianças e deixar morrer os pais é fome não será boa política, mas abandonar ambos será duplamente desastroso.

As creches e os jardins-infância continuam a ser indispensáveis. Quase não existem. São uma gota de água no oceano de sede em que vivemos. As mulheres pobres precisam de creches para nelas deixar os filhos e poderem ir trabalhar tentando melhorar o seu nível de vida. As mulheres que trabalham precisam dessas mesmas creches para poderem continuar a trabalhar. A mortalidade infantil diminuiu, em França, no meio operário, quando as mães principiaram a trabalhar. Isto talvez queira dizer que a ausência das mães do lar não seja tão desastrosa quanto parece. A ausência racional, claro!

É por isso que hoje voltamos a falar no assunto creche. Há problemas que têm de ser encarados imediatamente e este é um destes, qual quer que seja a nossa posição em relação ao trabalho profissional da mulher. As creches são indispensáveis à classe pobre, quer para permitir à mulher trabalhar, como para compensar a deficiente alimentação e tratamento que tenham na casa dos pais. Creches para toda a gente, que abranjam os pobres. Creches para todos em número suficiente. Creche — nome bonito, tão bonito como berçário e que é preciso, com urgência, ver multiplicado pelas cidades, vilas e as mais recônditas aldeias.

UMA VARIANTE

Um leitor, que já por Várias vezes nos tem escrito, sugere-nos uma variante para o problema que tem vindo a ser debatido nesta página acerca das relações homem-mulher. Diz o nosso leitor que obteríamos respostas mais convincentes se tivéssemos perguntado: «Como entendem os jovens dos 18



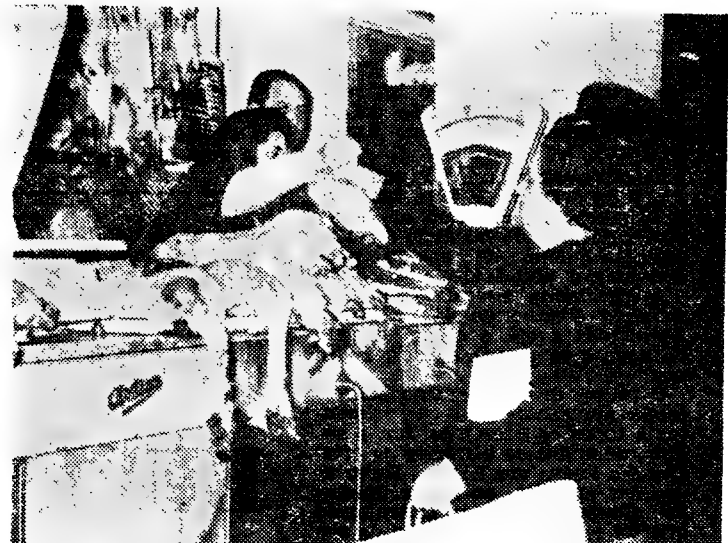
Agora está à venda um novo creme facial que limpa a pele e a maquiagem e se usa como uma «maquiagem de beleza»

aos 25 anos, e os indivíduos de mais idade, que se devam processar as relações entre homem e mulher, quando solteiros, e como se devem conduzir, quando casados?»

E' uma variante que pode inspirar alguém e elucidar mais um ponto desta questão.

MANHÃ NA PRAÇA

RONDA SEMANAL DOS MERCADOS DE LISBOA



O mármore coberto de frangos é um chamariz. Cozinhado de qualquer das maneiras é um dos pratos mais rápidos e em conta à disposição das donas de casa

Pé-de-vento por nada!

Por nada se arma um pé-de-vento. Um nada o desfaz, porém. Percorremos o rés-do-chão do Mercado de 24 de Julho e só depois subimos ao primeiro andar. Deixámos rapidamente a secção da hortaliça e seguimos para a das flores.

A das flores. Belos cravos, bonitos botões-de-rosa e camélias brancas. Se fôssemos comprar não saberíamos que escolher. Talvez rosas... Talvez camélias... As camélias durarão tão pouco, arrancadas ao seu pé natural e espetadas num outro, que será direito, mas as não alimentarão com a sua seiva. Portanto, botões-de-rosa... mas nós não vamos comprar.

Como não vamos comprar, mas colher preços, perguntámos o das orquídeas. Dois floristas, um ao lado do outro. O primeiro o segundo. O segundo chamou a nossa atenção para as suas orquídeas, que não eram orquídeas, mas outro nome... Esquecemos o nome! As dele eram «de cá»; as do outro, da Madeira. Reparássemos na diferença. Tinham o mesmo tempo. As dele não estavam mais frescas?

A empregada do primeiro florista ouviu. Armou-se o pé-de-vento. Que não eram da Madeira, não senhor! De cá, sim, senhora. Estavam mais murchas porque eram do Natal. Estavam ali há mais tempo. As do outro vieram mais tarde.

A água fervia. Rimo-nos. Vão-se zangar por causa disso? «A gente nunca se zanga. Isto passa já!» «Daqui a pouco andam aos beijinhos» — observaram do lado.

Demos uma volta. Fomos ver o bebé da ciganita de catorze anos, deitado num caixote, tão moreno, moreninho. «Elas juntam-se aos homens muito crianças!» Tinham ainda inocência os olhos da cigana, que sorriu para nós enquanto arranjava uma flor. Não é empregada do florista, embora dite uma das mãos, á espera que lhe deem alguma coisa! Reparámos nos dois floristas. Conversavam amavelmente.

PRODUTOS HORTÍCOLAS

No mercado de 24 de Julho o quilo das cebolas estava a 1850 e 2800; das cenouras, 2850, 3800 e 4800; das ervilhas-de-grão, 16800; da abóbora-menina, 2800; do tomate, 10800 e 12800; das azeitonas, 6800 e

7800; da batata-doce, 2850; e do feijão verde, 20800. A couve-flor marcava 5800 e 8800; a alface, 2850; a couve portuguesa, 3800 e 3850; e a lombarda, 4800 e 7800.

O molho dos espinafres estava a 4800; dos grelos, 4800, 5800 e 6800; da beterraba,

5800; das nabijas, 4800 e 5800; dos rabanetes, 1850; dos agriões, 1800 e dois 2850; das nabijas, 4850 e 5800; e dos bróculos, 5800, 7800 e 12850.

O PREÇO DO PEIXE E MARISCO

O quilo das lulas vendia-se a 15800; dos chocós, a 9800, 19800 e 21800; do polvo, 8890; do pargo, 16800, 21800 e 23800; das palmas, 10800; da pescadinha de rabo na boca, 8800; da pescada congelada, 11800; da pescada negra, 15800; do cachucho, 11800; da garoupa, 22800; do safio, 15800; do tamboril, 10800; da caldeirada, 10800; dos rabos de atum, 6800; da sardinha, 6800; da chaputa, 7800; da pescada grande, 28800 e 33800; do gorás, 18800; da lagosta, 140800; do robalinho, 26800; do linguado, 34800; da ameijoia, 22800 e 27800; da conchilha, 7800; do camarão, 125800; do buzio, 25800; do mexilhão, 83800; do berbigão, 3850; da corvina, 16800; das ovas, 20800; dos rabos de pescada, 14800; do eirós, 32800; dos salmões, 50800; dos lagostins, 70800 e 85800; do negro, 16800; do robalo, 32800; da santola, 53800; da faneca, 5800; dos bacalhãos, 3800 e do carapau, 4800.

CRIAÇÃO E CAÇA

Vimos o quilo da galinha viva a 16800 e 18800; do frango, 17800 e 19800; do coelho, 23800; e da galinha saloia, também, 23800. O quilo do frango morto estava a 26800; e da galinha, 20800. A perdiz marcava 26850 e 27800; a galinhola, 25800; a lebre, 54800; o coelho bravo, 28800; e o pombo, 14800. A dúzia dos ovos estava a 13800, 13850 e 14800.

FRUTA

O quilo dos pêros bolden estava a 13850 e 15860; do pêro encarnado, 10840, 13800 e 16890; da maçã reineta, 13800; das pêras, 10840; das tangerinas, 8850 e 12800; do ananás, 27800; das laranjas, 5820 e 6850; dos limões, 6850 e 5820; da banana, 10800 e 12800; da romã 9800; e da ameixa seca, 13800.

FLORES

Por fim, vimos que a dúzia das camélias estava a 25800 e 30800; dos cravos, 30800, 40800 e 50800; das rosas, 15800, 30800 e 50800; e das índias, 40800. O molho das violetas custava 2850; das maravilhas, 5800; dos malmequeres, fazendeiro, 25800 e 30800; e dos junquinhos, 15800. Cada orquídea era vendida a 15800 e 25800.

DONA DE CASA

OS ÚLTIMOS «TIROS»

TRIBUNA LIVRE

Ao ler a evocação a Mário Duarte feita pelo ilustre jornalista Félix Correia e intitulada «O papinho cheio», vi nessa evocação duas falhas.

A primeira relaciona-se com a fundação do Clube dos Galitos, instituição que data do princípio deste século e que foi fundada por dois núcleos de sócios de outras instituições, às quais Mário Duarte era estranho por nunca ter sido sócio, como também não o foi dos Galitos.

Mário Duarte fundou, sim, o Ginásio Aveirense, agremiação que se dedicou inteiramente aos desportos náuticos.

Mário Duarte não se sentia velho e alquebrado ao deixar de pisar as ruas do Chiado, pois, quando decidiu fixar-se na velha Talábriga, a sua mocidade era latente e rondava pelos 25 anos.

Aqui constituiu família e já em 1898 exercia funções públicas.

Mais tarde, em 1913, Mário Duarte foi convidado pelo Governo para chefiar o Grupo Desportivo Nacional ao Brasil, agrupamento que acompanhou e dirigiu com muito apuro.

Era nessa quadra que Mário Duarte dispunha da sua maior pujança física — disputando toda a sorte de competições e que acreditavam como o melhor desportista da época.

Já em Aveiro, e sempre que havia provas a disputar na capital, o rei D. Carlos mandava saber se Mário Duarte estava nelas inscrito e, em caso negativo, era o próprio rei que o inscrevia e lhe telegrafava a comunicar o facto, dizendo que a sua aposta recaía nele como vencedor.

D. Carlos tinha uma dedicação extraordinária por Mário Duarte, e essa dedicação levou-o a ser uma das visitas mais assíduas do paço. A propósito de «O papinho cheio», recordo-me de um dos muitos episódios narrados por Mário Duarte vivido no paço.

O rei era pessoa que gostava de se ver rodeado de muitos amigos à sua mesa. Fúndos os almoços, seguiam-se as inevitáveis partidas de bilhar. No decurso de uma dessas partidas, D. Carlos disse a Mário Duarte:

«Ó Mário: tens que procurar por essa Lisboa um homem que coma bem, um homem que tenha o prazer da mesa, um homem que seja capaz de comer a par do seu soberano.»

Mário Duarte sentiu-se embaraçado com a incumbência, mas não fraquejou ante a tentativa de encontrar um plebeu que quisesse «encher o papo».

Obtidas informações na roda dos seus amigos, um deles indicou-lhe um sapateiro do Bairro Alto com largas famas de comilão insaciável. De porta em porta Mário Duarte conseguiu localizar o desejado comilão.

Que grande desolação ao contemplar o citado indivíduo! O homem pouco mais era do que uma radiografia.

Partida de amigos? Não. Tratava-se apenas de um homem que tinha que comer por dois, dado que estava associado à sua «bicha solitária».

Conversou com o homem e disse-lhe da missão que ali o levava. O sapateiro, de pé atrás, desconfiou da fatura, mas por fim con-

venceu-se de que não havia «trampas» no caso.

O maior dos embaraços residia no facto de o convidado não ter roupa capaz para entrar no paço, mesmo pelas traceiras, como lhe fora indicado. Mário Duarte resolveu o problema com alguns mil réis, e o homem foi comprar um «terno» novo que lhe permitia sentar-se à mesa do soberano.

A presença do sapateiro à porta do palácio ofereceu muitas dúvidas à sentinela, e, quando o homem disse que ia almoçar com o rei, foi mesmo preso. Mário Duarte apareceu instantes depois e pôs termo ao incidente.

Com o acanhamento próprio de pessoa alheia àquelas andanças, o convidado foi conduzido a uma sala privada onde iria ser servido o almoço.

Momentos depois, entra o rei na sala, acompanhado de Mário Duarte. O convidado curva-se reverentemente e D. Carlos olha-o de soslaio. Ao contemplar aquele físico franzino, diz a Mário Duarte: «Foi este o melhor exemplar que pudeste encontrar?»

Mário Duarte tranquiliza o rei e o almoço começa a ser servido. Ao cabo de duas horas, D. Carlos cedia o primeiro lugar ao convidado, e, enquanto o nosso sapateiro chupava «á manápula» os ossos do peru, o rei dizia a Mário Duarte: «Se é certo que os homens não se medem aos palmos, as barrigas estão no mesmo pé de igualdade».

Falas nenhuma, mas o nosso sapateiro, volvidas mais duas horas, pediu licença para dizer uma palavra: «Vossa majestade, pelo visto, não tem mais vontade de comer e eu apresento as minhas desculpas se comi de mais, mas a minha intenção era ver se conseguia abrir de novo o apetite ao sr. D. Carlos. Se me dá licença, eu retiro-me, pois às sete horas tenho que fazer as honras num jantar de anos de um sobrinho meu».

Este um dos muitos episódios vividos por Mário Duarte.

O que adiante se relata foi vivido no último quartel da sua vida.

Como todos os que andam ligados a coisas do desporto nacional sabem por tradição, Mário Duarte foi exímio em qualquer modalidade desportiva, quer se tratasse de remo, ténis, natação, futebol, esgrima ou qualquer outra modalidade, mas a sua predilecção era bem evidente no tiro.

Os concursos que disputou e as grandes caçadas em que tomou parte eram a maior prova da sua grande classe nessa modalidade.

Ao rondar os 70 anos, ainda quis ir caçar perdizes. Para tanto, pediu-me para o conduzir a Mamodreiro, lugar muito seu conhecido por abundante em caça. Ali o conduzi e dali o vi partir em estilo de cortu-mato. A hora aprazada, voltei ao mesmo local para regresso a Aveiro.

Mário Duarte apareceu-me com três perdizes, contentíssimo por ter gasto apenas três cartuchos, e foi-me dizendo: «Creio que serão estas as últimas perdizes que caço».

Na verdade, assim foi: foram as últimas perdizes que caçou, como foram os últimos tiros que deu.

Meses depois, sucumbia na sua casa do Carril.

LUCILIO GARCIA

PUBLICAÇÕES

BOLETIM DA ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA — N.º 3-1967 — Do sumário: «A historiografia estrangeira e a expansão portuguesa no mundo» (Prof. Hernani Cidade); «Algumas considerações sobre o culto popular do Espírito Santo» (Prof. Agostinho da Silva); «Gilberto Freyre: o sociólogo e teorizador do lusotropicalismo» (Prof. J. Julio Gonçalves); e, ainda, numerosos discursos, comunicações e relatórios apresentados pelos académicos ao II Congresso das Comunidades da Língua Portuguesa.

COMUNIDADES PORTUGUESAS — N.º 6-8 — Abril-Outubro 1967. Colaboração de Adriano Moreira, Carlos Valle, Francisco C. P. Balsemão, Gonçalo de Santa Clara Gomes, Gustavo Dinis, J. Baptista Junior, João Pereira Neto, Jerónimo Simões e Vianna Mogg

O VINHO EM PORTUGAL — N.º 9, de Dezembro de 1967.

NORDESTE — N.º 21, Setembro-Outubro de 1967.

AO SERVIÇO DA LAVOURA — N.º 76, Novembro de 1967.

RELATÓRIOS DO CENTRO DE COMBATE A TOXICOMANIA DE MACAU — N.ºs 27 e 28, respectivamente de Janeiro a Março e de Abril a Junho de 1967.

PRESENÇA (BOLETIM DA ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE BRAGANÇA) — N.º 1 (2.ª Série) Dezembro de 1967.

LANIFÍCIOS — N.ºs 211-212, de Julho e Agosto de 1967.

REVISTA SHELL — N.º 363, de Outubro a Dezembro de 1967.

BOLETIM DE INFORMAÇÃO E TURISMO DE MACAU — N.º 8 (Vol. IV), de Outubro de 1967.

AVEIRO E O SEU DISTRITO — N.º 4 — 1967.

REVISTA CARTAZ — N.º 15 — Outubro e Novembro de 1967.

BOLETIM PARA DIRIGENTES — N.º 2 — 2.º Período de 1967-1968.

o
de



reporter
serviço

Joaquim Letrie

BUROCRACIA, LÁPIDAS & PAPEL DE EMBRULHO

Fotografar uma fria lápida de cantaria é por vezes mais difícil do que «fixar» um político incógnito ou uma «estrela» de cinema que deseje passar despercebida.

O «Diário de Lisboa» noticiou na sexta-feira, com o devido relevo, a «morte» do Caneiro de Alcântara, não na Necrologia, mas na página 11, precisamente paginada sobre essa nossa sóbria e procurada secção.

Procurámos alegrar a notícia dessa «morte» com uma fotografia que mostrasse a lápida que o general França Borges descerraria a más horas para um jornal da tarde como o nosso, que gosta da pontualidade no encontro com os seus leitores. Mas não nos foi possível. Viram, não é verdade? Pois, como dizíamos, não nos foi possível. A lápida ali muito quietinha, junto de nós, e a gente a olhar para ela, mas não nos foi mesmo possível...

Sabem porquê? Porque existe papel de embrulho. Papel de embrulho e — sejamos francos — burocracia.

— Nós vinhamos para fotografar a lápida e os seus dizeres...

— Só se fotografarem a lápida... os dizeres não — retorquiu-nos o fiscal de serviço às obras de Santa Engrácia... perdão, da Ribeira de Alcântara, que duraram 24 anos.

Quer dizer, começaram quando bombardeiros destruíram cidades europeias hoje reconstruídas.

— Mas não podemos fotografar a lápida embrulhada... queríamos já pronta a ser inaugurada.

— Mas ela está pronta. O que está é embrulhada. Mas o director da obra disse que não mexêssemos nisto até que houvesse ordem para substituir o papel de embrulho pela bandeira.

— Mas é só tirar o papel, fotografar, e volta-se a embrulhar.

— E a autorização?

— Pede-se.

— Vamos ver...

Linha telefónica dos estaleiros camarários junto ao campo do Futebol Benfica. Três chamadas para a Rua da Palma. Instalações camarárias nas duas extremidades da linha. Fiscal e enge-

nheiros dialogam. Telefonistas interrompem. Conversas secas. Frases respeitadas. E nós à espera. Nós e a lápida embrulhada.

— O sr. engenheiro ainda não chegou «lá abaixo». Se tem vindo cinco minutos antes apanhavam-no junto da lápida.

— Embrulhada ou desembulhada?

— Mas ainda não teve tempo de chegar «lá abaixo». Saiu daqui há uns três quartos de hora. Deve estar a «rebotar». Mas vamos resolver o assunto... eu telefono para outro que resolva isto sem ser o sr. engenheiro «X».

Nova chamada. Para o chefe dos serviços. Ele poderia resolver com toda a facilidade. Era o chefe e nada mais fácil para um chefe do que dizer «Desembrulhe-se a lápida».

— O sr. engenheiro «Y» ainda não chegou — palavras decisivas da telefonista da Rua da Palma.

— Talvez o sr. engenheiro «X» já esteja...

— Ainda não chegou aqui, deve estar para Benfica.

— Mas aqui é de Benfica...

— Tlique — os telefones às vezes falam como as pessoas.

Meio-dia e a lápida embrulhada. Nem o Paul McCartney dos «Beatles» nos fizera sofrer tanto no Algarve, nem a Mireille Mathieu demorara tanto tempo a vestir-se, no Ritz, para nos receber, do que aquela lápida demorava a desembulhar-se para ser fotografada.

— Vou resolver o problema. Falo com o engenheiro «Z», que é a mesma coisa.

— ...

— ...

— ...

— O engenheiro «Z» diz que o melhor é os senhores irem «lá abaixo» esta tarde, que ali se resolve tudo.

No final de contas, só podíamos ser recebidos no regresso dos referidos engenheiros da singela cerimónia do descerramento.

A lápida foi pontual e oficialmente «desembrulhada» pelo presidente do Município, às 16 horas do dia 5. Eram 16 horas em todos os relógios municipais da cidade, com menos um caneiro. Demasiado tarde para vespertino servir aos seus leitores uma lápida desembulhada.

VAGABUNDAGEM NA EUROPA — FIM UM FIM-DE-SEMANA NO BAIRRO DE CHEL COM OS INCRÍVEIS

por LUÍS

Verdade se diga que, para nós, Chelsea não era questão de fim-de-semana pois, vivendo quinze dias em Belgravia, Chelsea nos estava sempre à mão, cinco minutos de caminho que tanto serviam a conduzir às lojas e clubes da juventude exótica que frequentam a zona, como a um grande armazém, um teatro nacional ou às lojcas dos antiquários de King's Rhond.

Esta longa avenida é, aliás, uma espécie de espinha dorsal da vida «pop», como o é, ao sábado, Portobello Road, o grande mercado de antiguidades e quinquilharias, onde se vai, tanto para comprar um quadro de cem contos como um velho uniforme de general russo do final do século, que depois se ostenta entre os amigos (e os que o não são) com uma soberana indiferença por tudo quanto se diga ou se pense. O que, no entanto, não acontece, porque ninguém diz e ninguém pensa, sobre coisa nenhuma.

Este é, pois, um dos encan-

tos de Londres, para novos e para velhos, pois todos têm o quinhão de vida que escolhem sem que a sociedade que os circunda, seja qual for, se importe com o sucedido.

Isto explica, em parte, a existência de determinados estratos sociais, em especial no capítulo dos jovens, que a qualquer um de nós, habituados a outros costumes, nos podem parecer bizarros. Não tanto, apesar de tudo, quanto se possa supor, na medida em que nós próprios pudemos verificar, no dia da nossa chegada a Lisboa, que os «hippies», aqui como em Paris, fazem agora o seu aparecimento. Antes de partirmos, mesmo, para a nossa vagabundagem, houve

• As ap

E ninguém, de facto, neste caso, estava preocupado e outra passageira do veículo, mais brejeira, brincava até com o rapazinho, por causa da flor. Rap-nos até lembrar aquele par de rapazes que víamos no Wyndhams Theatre, com a longa cabeleira impecavelmente pentada para trás, e rematada, como à Lafayette, com um rabo de cavalo e uma fita negra. Só nós, os três

O «PASSOS MANUEL» COMEMOROU O 57.º ANIVERSÁRIO DAS SUAS ACTUAIS INSTALAÇÕES

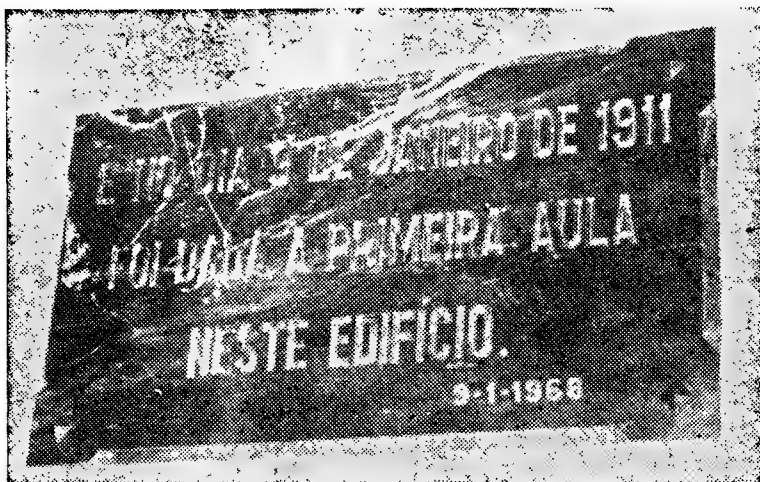
O liceu Passos Manuel, em Lisboa, comemorou hoje o 57.º aniversário da sua instalação definitiva no actual edifício do Largo de Jesus.

Efectivamente, foi ali que «no dia 9 de Janeiro de 1911 foi dada a primeira aula», como se lê na lápida descerrada no átrio daquele estabelecimento de ensino para assinalar a efeméride.

A cerimónia evocativa do aniversário efectuou-se às 14 horas. Assistiram a ela o corpo docente do liceu e os actuais e antigos alunos.

O reitor, dr. Diamantino Soares, tendo apresentado os cumprimentos a todos os presentes, fez, a seguir, uma síntese histórica da criação dos liceus em Lisboa. Referiu-se, em especial, ao aparecimento do «Passos Manuel», salientando que foi em 1908 que deixou de ser designado por «Liceu Nacional de Lisboa» para figurar com o nome actual.

O aluno mais novo do liceu, Hernâni Silveira Vilela Boaventura, de 10 anos, a frequentar o primeiro ano, e o mais antigo, dr. Fonseca Junior, procederam, depois, ao descerramento da lápida comemorativa da data.



A lápida inaugurada no átrio do liceu «Passos Manuel», comemorativa do 57.º aniversário das suas actuais instalações

VIVENDA NA PAREDE

Aluga-se ao ano, moblada, com todos os comodidades. Telefone, frigorífico, etc. 8 assoalhadas e 2 casas de banho. Ver na Rua Octaviano Augusto. Vivenda Viviano. Trata a proprietária. Tel. 2472178.

CHAVE D'OURO O MELHOR CAFE...

No CACÉM o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na TABACARIA NELITO.



Na fotografia acima, no Administradores da OLIV — Chefe de Serviços — Dr. Silvério Ferreira, Dr.

A OLIVA (Indústrias A. J. de Oliveira, Filhos & C., Limitada) acaba de assinar contrato com a Bull General Electric para fornecimento de um computador elec-

Vencimentos mais altos para os profissionais de seguros?

Parecem bem encaminhadas as negociações para a revisão do contrato colectivo de trabalho dos profissionais de Seguros, que englobam representantes do Grémio dos Seguradores e dos dois sindicatos distritais (Lisboa e Porto). Embora seja prematuro adiantar quaisquer números, fala-se com insistência num aumento de vencimentos da ordem dos 8,5 por cento.

O interesse da classe está con-

trado nos negociadores. Tema habitual de conversa, o aumento em vista poderá ou não satisfazer por inteiro as esperanças dos profissionais de Seguros, mas corresponde desde já a uma necessidade, tornada premente pelo agravamento do custo de vida no quinquénio 1963-1967.

Entretanto, e com certos foros de verdade, consta que o contrato colectivo agora negociado introduzirá um novo elemento: a pensão de sobrevivência. Esta pensão, a pagar pelas próprias companhias seguradoras, representaria de outra forma uma dedução de 2 por cento

sobre o vencimento mensal dos profissionais.

As negociações, naturalmente demoradas, poderão terminar já no próximo dia 17. Dois dias depois reunir-se-á a assembleia geral do Sindicato dos Profissionais de Seguros do Distrito de Lisboa, precisamente para pôr à consideração dos associados as linhas gerais do novo contrato colectivo.

FRANCISCO SANTOS

A GERÊNCIA DE

-Lanalgol, Lda.-

NA IMPOSSIBILIDADE DE O FAZER DIRECTAMENTE, VEM POR ESTE MEIO, MUITO SENSIBILIZADA, AGRADECER A TODAS AS PESSOAS QUE LHE MANIFESTARAM O SEU PESAR AQUANDO DO FALECIMENTO DO SEU SÓCIO E AMIGO

LSEA «HIPPIES»

D'OLIVEIRA NUNES

mesmo quem nos convidasse para a primeira festa «hippies», alfacinha, em que todos os rapazes e meninas deviam levar os guizos pendurados. Sem esquecer as flores... claro!

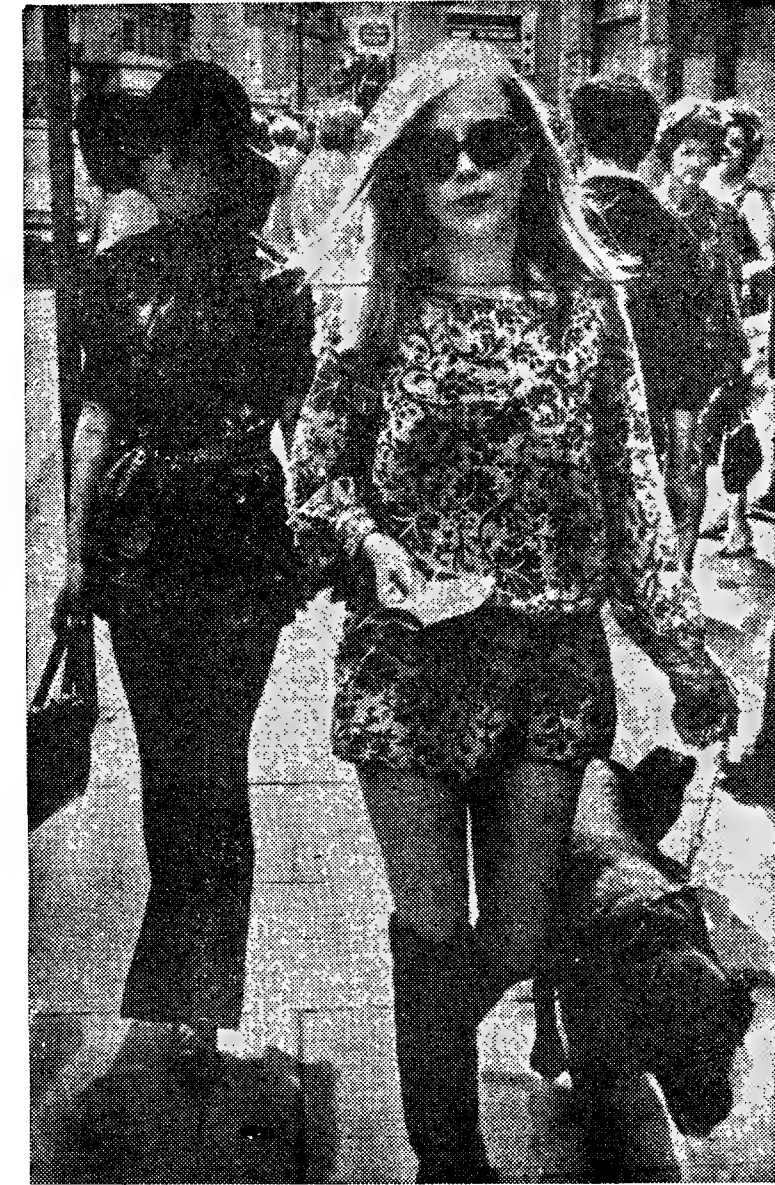
Depois, á chegada, viajámos num eléctrico ao lado de um garboso jovem lisboeta, que não levava guizos mas um grande colar de grossas contas. Nós não estranhámos, porque trazíamos ainda os olhos cheios de contas, daquelas. Mas quem estranhou foram os outros passageiros e os próprios transeuntes, cuja atitude oscilou entre a furtiva olhadela, o riso cínico, o sorratário apertão e a mofo aberta, com gritos histéricos e palavras obscenas.

Na manhã do dia seguinte, na paragem de autocarro, vimos um jovem índio, louro e de olhos azuis, que tinha a farta cabeleira presa com uma larga fita, terminada atrás com um laço, do qual saía uma vistosa flor natural.

parências

portugueses presentes na sala londrina, tínhamos visto e comentado, até com bonomia, a nova moda masculina.

Mas o mal, nesta questão, está em julgar o que as coisas são por aquilo que elas parecem. E esta espécie de baile de máscaras em que diariamente participam estes jovens leva-nos, aos que procedemos de cidades e países de dife-



Qualquer «vestido» que seja inconformista serve para uma jovem «hippie» e ninguém volta os olhos se a vir passar em Chelsea, onde todas as bizarras «passam quase despercebidas»

rente estrutura social, muitas vezes a pensar mundos e fundos da juventude inglesa. Que, aliás, é uma parte reduzida dos milhares

de pessoas que participam neste modo de viver, pois que elas provêm em grande parte dos países nórdicos e, depois, da Alemanha e da própria França, sem falar de Portugal, da Espanha e da Itália, muito bem representados sempre nestas assembleias.

E' talvez esta a razão por que um recente relatório oficial britânico considerou que «é uma imagem deturpada a que se tem da juventude actual».

Com efeito, uma comissão governamental, composta por seis homens e cinco mulheres, de idade superior a 40 anos, realizou duran-

(Continua na 14.ª página)

A ENCOMENDA UTADOR ELECTRÓNICO ENERAL ELECTRIC



o momento da assinatura deste importante contrato, vêm-se os Sr. Eng.º Gil da Silva, Sr. Dr. Carlos Pinto, e Celso Salgueiro e os Sr. Remi Donneaud, Director-Geral da Bull General Electric, Director Comercial e Dr. Barreto Braga, Director do Sector Norte desta empresa

Genico GE/115. Com esta decisão, a OLIVA vem marcar a firme intenção de se manter, como até agora, na posição cimeira que conquistou no contexto da indústria

nacional, dotando os seus serviços com um novo instrumento de gestão, ao nível dos problemas que naturalmente se põem a um complexo industrial como o que já hoje abarca.

OS BOMBEIROS ELOGIADOS NO ROTARY CLUBE

A reunião mensal do Rotary Clube de Lisboa foi, hoje, presidida pelo sr. dr. Carlos Elias da Costa. Lido o expediente, pelo sr. dr. Angelo de Almeida Ribeiro, e feito o protocolo pelo sr. Alberto Nunes de Carvalho, proferiu a palestra regulamentar o sr. António Moura e Silva, presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses, que falou de «O Bombeiro — Um homem ao serviço do bem». Apresentou o orador, ajudando a personalidade e aos grandes serviços prestados ao movimento dos bombeiros em Portugal, o sr. dr. Carlos Elias da Costa. O sr. António de Moura e Silva, depois de agradecer, acentuou o paralelismo entre a missão de rotário e a do bombeiro, ambos — disse — com a preocupação de servir. Exaltou o espírito de abnegação do bombeiro, mostrando o seu desinteresse no cumprimento da missão a que voluntariamente se consagra, não escolhendo amigos ou inimigos e dando-lhes a sua própria vida, se

necessário for

Apontou vultos salientes da história dos bombeiros, associando-lhes a figura de Guilherme Gomes Fernandes — como disse, verdadeiro símbolo do bombeiro português.

Referiu-se, depois, o orador à acção desenvolvida na fatídica noite de 25 para 26 de Novembro último e prestou homenagem a quantos deram o melhor do seu esforço, com palavras de saudade para os três voluntários mortos no cumprimento do dever. Referiu-se, ainda, a Guilherme Cossoul, pioneiro do espírito voluntário, e lembrou que, no ano corrente, se festeja o primeiro centenário da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Lisboa, por ele criada; e apelou para a colaboração de todos, pois as celebrações do centenário não são só da cidade, mas de todo o País, que, então, deverá mostrar toda a gratidão e respeito pelo trabalho realizado em favor do semelhante.



Mil aves de várias espécies estão expostas no terraço do «Diário de Notícias»

CERCA DE MIL AVES NA XXXI EXPOSIÇÃO DA MODALIDADE

Cerca de mil aves de várias espécies e oriundas dos cinco continentes estão expostas ao público, no

terraço do «Diário de Notícias», desde hoje à tarde até ao próximo dia 14 do corrente.

Iniciativa da Associação dos Avicultores de Portugal, o certame (o XXXI do género) inclui aves canoras, ornamentais, pombos e galináceos de fantasia.

A inauguração realizou-se às 16 horas. Presidiu a ela o subsecretário da Agricultura, eng.º Vitória Pires.

No dia 13 do corrente, haverá a distribuição de prémios — taças, troféus e medalhas — aos melhores exemplares das diversas secções.

O público poderá visitar a exposição das 15 às 24 horas.

Partida para a Alemanha de colaboradores da AEG

Em visita de estudo partiram ontem para Frankfurt, no avião dos T. A. P., um grupo de colaboradores da AEG-Lusitana de Electricidade.

Nesta cidade, bem como em Hannover e Nuremberga onde o grupo AEG tem instaladas algumas das suas fábricas na Alemanha, será proporcionado aos visitantes tomar contacto com os últimos modelos da extensa gama de fabrico AEG.

Prevê-se que desta viagem, em que participa o Administrador Sr. Othmar Jennebach, resulte a apresentação no nosso País de novidades em material AEG.

O muito é feito de poucos.
Ganhando menos consegue-se mais.
**GRANDE OURIVESARIA
DA MODA**
RUA DA PRATA, 257

Repercussão dos artigos sobre as regalias concedidas pela Lei n.º 2092 e negadas pelas Finanças

Continuam a chegar até nós cartas e telegramas, que são um eco da repercussão dos artigos publicados no «Diário de Lisboa» acerca da angustiosa situação em que se encontram beneficiários que adquiriram as suas casas à base das regalias concedidas pela Lei n.º 2092.

Porque representa o caso de muitos outros leitores — e, também, porque confirma a oportunidade dos artigos publicados no «Diário de Lisboa», reproduzimos, a seguir, uma das cartas referidas enviadas ao nosso director:

Tenho vindo a acompanhar com a maior expectativa a vossa campanha em defesa dos interesses de milhares de trabalhadores portugueses que se julgam abrangidos pelas regalias concedidas pela Lei n.º 2092.

Não quero deixar de agradecer a V. e aos seus dignos colaboradores os brilhantes artigos publicados no vosso conceituado jornal, certo de que eles irão contribuir para uma justa solução do nosso problema.

Os beneficiários da Previdência esperam lhes seja reconhecido o direito das isenções previstas na Lei n.º 2092, Lei esta que entendem não ter sido revogada.

Não acredito que o Governo da Nação, depois de tanto pugnar pelo

fomento da habitação — «um lar para cada português» — venha, sem qualquer aviso prévio, retirar a sua principal contribuição numa Lei de características tão especiais, como é a Lei n.º 2092. Por isso, estou crente de que as entidades competentes reconhecerão em pleno os direitos que são conferidos aos beneficiários pela Base XXX da Lei referida.

Mas porque me assusta a demora numa solução, que não se me oferece possa ser desfavorável, e porque o facto de ser um dos que já têm penhorada a sua habitação, por falta do pagamento da diferença de sisa, não resisto à tentação de solicitar de V. que não desista de pugnar por uma causa que só virá dignificar ainda mais o «Diário de Lisboa».

Quando entabolei negociações e recolhi as necessárias indicações da Caixa de Previdência dos Profissionais do Comércio para que me concedessem o empréstimo, sempre me foi garantida a isenção de contribuições por 15 anos, bem como do pagamento da diferença de sisa.

Confio, ainda, numa solução favorável e breve, com a ajuda de todos e, neste caso, do vosso digno jornal.

a) Vasco Borges dos Santos
— Lisboa

VAGABUNDAGEM NA EUROPA

(Continuação da página central)

te um ano um minucioso estudo sobre os problemas da juventude.

Nas suas conclusões, há pouco publicadas, «põem em relevo o facto de os chamados «teen-agers» possuírem um intenso sentido de responsabilidade, atribuindo a actual e deturpada imagem que se tem da juventude a uma má publicidade.

«Esta comissão acabou por aceitar a opinião, partilhada por psicólogos e sociólogos, de que estão a alterar-se substancialmente os limites que separavam, entre si, os clássicos estádios da vida — infância, adolescência, juventude e maturidade — notando-se que cada uma destas etapas se supera, hoje, muito mais rapidamente do que há ainda um século, por exemplo.

«Todos estes factos introduziram mudanças sensíveis nas normas de conduta em sociedade, sociedade essa actualmente muito mais aberta, oferecendo ilimitado campo de possibilidades e oportunidades, e que não mais atende à idade, mas, antes, à competência dos indivíduos, ao mesmo tempo que condiciona a sua actualiação, tornando-se, assim, na força motriz causadora das actuais mutações, o que significa, em definitivo, uma nova estruturação.

«O relatório conclui, recomendando a antecipação da maioridade, de modo que se conceda aos dezoito anos plena responsabilidade social».

Este estado de espírito tem já, em Inglaterra, os seus efeitos práticos nos mais variados domínios, que se podem sintetizar, como exemplo, num facto por nós presenciado num dos cinemas de Piccadilly. Passavam ali três filmes — que prepositadamente escolhemos. Um, suéco, que não tinha obtido licença para ser projectado no país de origem, e mais uma obra francesa e outra inglesa. A base destas duas últimas era a morbidez sexual, em todos os aspectos que os compêndios de psicopatologia registam ou virão um dia a registar, se certas invenções, de que não podemos nem devemos falar ao leitor, pegarem. O filme suéco era uma ardilosa demolição, sem quaisquer proclamados instintos substituidores, por qualquer outra coisa, de uma quantidade de princípios tradicionais, que vão da Religião à Família, passando pela Política e por uma quantidade de normas sociais comumente aceites, mesmo que não sejamos os burgueses retrógrados de uma qualquer sociedade fechada. Mau grado este carácter anárquico, escandaloso e sem finalidade a fita podia ser vista por maiores de dezasseis anos, muitos dos quais se viam acompanhados por familiares ou amigos mais velhos.

Não admira, pois, que por estas circunstâncias se tenha rapidamente entrado num período de ebulição, que oscila entre as velhas e rígidas normas da rainha Vitória, agora e sempre presente, e as liberdades descontroladas que passam pela excentricidade do vestuário, o tipo de amigos e relações entre eles, as drogas alucinógenas e

a liberdade sexual que vai até à sistemática confusão entre as duas partes e a invenção de novas regras e maneiras de amar.

Mas este é um exemplo que diz respeito apenas a um aspecto, porventura parcial e menos importante, pois é nas actividades práticas, na luta pelo poder, pela glória e pela conquista de um lugar que esta juventude de menos de vinte, vinte e vinte e poucos anos mais se evidencia, como se pode ver por todo o lado. Lugares-chave nos mais variados sectores estão a ficar sucessivamente nas suas mãos, num alarde de vitalidade de inteligência e capacidade que alguns gostariam de negar.

Esta atitude perante a vida em nada diminui a sua simpatia, a sua ternura e o seu respeito pelos velhos. Não vimos até agora país onde seja tão serena, tão útil e tão humana e respeitada a idade e o passado das pessoas que a vida vai afastando de funções mais activas. Nem uns nem outros, os novos e os velhos, têm necessidade de se amarem, como trapezistas e esse é talvez o segredo do equilíbrio social, da profunda humanidade notada nas relações públicas entre as várias camadas da população.



Se vir, em Chelsea, uma menina passear assim vestida não se preocupe. Faz parte da paisagem

UM COMBATENTE DE 5 DE OUTUBRO MORREU NO ALGARVE

MONCHIQUE, 9 — Constituiu expressiva e sentida manifestação de pesar o funeral do sr. Francisco Miguel, que foi um dos heróicos combatentes pela implantação da República, em 5 de Outubro de 1910, a bordo do cruzador «São Rafael», a cuja guarnição pertencia. O velho republicano era pessoa considerada e geralmente estimada pelas suas qualidades e firmeza de carácter.

FOI UM DOS MAIORES ESPECTÁCULOS ATÉ HOJE APRESENTADO EM MADRID O FESTIVAL DE ONTEM À NOITE A FAVOR DAS VÍTIMAS DAS INUNDAÇÕES

• AMÁLIA RECEBEU AS INSÍGNIAS DA ORDEM DE ISABEL A CATÓLICA

Foi em apoteose que terminou, já esta madrugada, o grande espectáculo realizado em Madrid, na noite de ontem, no Teatro de La Zarzuela, e cuja receita se destina aos flagelados pelas inundações que em fins de Novembro passado atingiram profundamente a região de Lisboa.

As agências noticiosas referem o êxito da festa que, independentemente dos seus objectivos — e eles bastariam para que ficasse como um dos mais altos expoentes da fraternidade e altruísmo dos artistas dos dois países — ficou igualmente como um dos maiores espectáculos até hoje realizados na capital espanhola.

O teatro encheu-se completamente, vendo-se entre a assistência as personalidades mais conhecidas da sociedade e do corpo diplomático. Um dos aspectos interessantes deste espectáculo foi o facto de ter sido uma das netas do generalíssimo Franco quem vendeu muitos dos bilhetes.

O festival foi presidido pelos príncipes Juan Carlos e Pilar de

Borbon, filhos do conde de Barcelona, e pelo embaixador de Portugal, prof. Luís Pinto Coelho.

Foram directores do espectáculo Luís Escobar e José Luís Sáenz de Heredia; director de cena Alberto Lorca e director musical o maestro Moradela. Apresentaram-se no palco: Conchita Montes, Alberto Closas, Conchita Velasco, Los Brincos, Alicia Díez, Rocio Dúrcal, Gracita Morales, José Luís López Vázquez, Pastora Império, Rocio Jurado, Fernando Rey, Angel Pericé e seu «ballet»; Lucero Tena, Mariemma, Carmen Sevilla e seu marido o compositor Augusto Algueró; Luís Eduardo Aute, Maruja Asquerino, Império Argentina, Paco Rabal, António Bienvenida, Curro Romero, Antónete, Gitanillo de Triana, António Villar, Amália Rodrigues, o duo Ouro Negro, Maria Alexandra, Aurora Bautista, Pilar López, Maria Dolores Paradera, etc. Foi assim um elenco grandioso, formado por figuras da maior classe: artistas do cinema, do teatro, da canção e do toureio.

Um dos números que mais se destacaram foi o que representava uma «boite», em cujas mesas figuravam os artistas que sucessivamente subiam ao estrado da orquestra, para interpretar os seus números: José Luiz López Vázquez, António Ozores, António Villar, Luís Escobar, Gitanillo de Triana, Francisco Rabal e Duarte Pinto Coelho, filho do embaixador lusitano.

A terminar o espectáculo, o director-geral de Relações Culturais, Alfonso de la Serna, impôs a Amália Rodrigues as insígnias da Ordem de Isabel, a Católica, com que

foi agraciada pelo generalíssimo Franco, por proposta do Ministério dos Assuntos Exteriores.

Por fim, o embaixador Pinto Coelho agradeceu em nome do povo português e em seu nome pessoal aquela extraordinária manifestação de generosidade dos artistas e do público. Depois e de baixo de grandes aplausos, ofereceu orquídeas e outras flores a todos quantos tinham participado no inesquecível festival.

Amália adiou a retirada da vida artística para o próximo ano

MADRID, 9 — (A. N. I.) — «Tinha pensado afastar-me este ano, mas os compromissos, inevitáveis, fazem com que adie a retirada. Tenho de ir à Rússia e a Nova York, mas o ano que vem, o de 1969, será definitivo» — respondeu Amália Rodrigues, quando um jornalista do diário madrileño «Ya» lhe perguntou: «É verdade que se retirará?».

«O fado não se ouviu a noite passada como lamento ferido. Era antes algo semelhante a um profundo suspiro de gratidão» — começa por salientar o jornal, no início da entrevista, e em referência ao espectáculo organizado por uma comissão de senhoras espanholas a favor das vítimas das inundações de 25 de Novembro na zona de Lisboa.

«Amália Rodrigues, voz inesquecível — acrescenta o «Ya» — selou com a sua presença e a sua canção, no Teatro da Zarzuela, a união sincera de Lisboa e de Madrid.

DESCOBERTO UM PRODUTO QUE PROVOCA O SONO E DESPERTA BONS SONHOS?

NOVA YORK, 9 — (R.) — Os investigadores da Universidade de Harvard julgam ter descoberto um produto químico que provoca, naturalmente, o sono, e, quando isolado, envia para o «país dos sonhos», rápida e eficazmente, sem qualquer perigo, os milhões de pessoas que sofrem de insónias...

Com efeito, os investigadores descobriram que escassos minutos após serem injectados com líquido cérebro espinalhal extraído de uma cabra adormecida, os ratos e os gatos dormem como uns «justos». E, depois, acordam facilmente, não parecendo sofrer de tonturas, como acontece quando lhes são dados sonoríferos.

O nosso corpo é regulado por diversos «relógios biológicos», que regulam muitas das actividades humanas, incluindo os sonhos.

A emoção, as drogas, o álcool e as bebidas vulgares, tais como o café, o chá e certas colas, afectam a capacidade de sono. Por outro lado, até há cerca de 15 anos, os cientistas acreditavam que só uma pequena quantidade do tempo de sono era passada a sonhar.

Então, os cientistas que trabalhavam com o dr. Nathaniel Kleitman, em Chicago, começaram a estudar as ondas cerebrais dos adormecidos, e descobriram o fenómeno mais tarde designado por «movimento rápido do olho». No meio de um sono profundo, os olhos do adormecido começavam subitamente a mover-se sob as suas pálpebras cerradas e continuavam a fazê-lo durante alguns minutos.

Em breve se descobriu que o movimento dos olhos coincidia com períodos de sonhos. Uma pessoa normal passa geralmente a primeira hora de sono sem sonhar. Segue-se um período de sonhos de 15 a 20 minutos, e este tende a repetir-se

aproximadamente de 90 em 90 minutos.

Os recém-nascidos passam longas horas de sono profundo, supondo-se que metade delas sonhando. Com a idade de dois anos, atingiram o ponto em que um quinto do seu tempo de sono se dedica a sonhar.

Quanto aos alcoólicos, em estádios avançados, parecem ter perdido a capacidade de sonhar. Alguns investigadores pensam que os «elefantes cor-de-rosa» e outras alucinações de que sofrem, são, na verdade, tentativas psíquicas desesperadas para se recompor da perda que lhes é causada pela incapacidade de sonhar.

Viciação

de estampilhas fiscais em Lourenço Marques

LOURENÇO MARQUES, 9 — (L.) — Nos impressos de manifesto de automóveis apresentados no mês passado foi verificada a aplicação de estampilhas fiscais viciadas, a maior parte das quais aproveitadas dos impressos de manifesto do ano passado.

Os infractores utilizavam as estampilhas fixadas na fracção dos impressos anteriores, que lhes fora devolvida sem a inutilização com o carimbo da repartição competente, mas ficaram impossibilitados de prevaricar quando as autoridades, notando a irregularidade, proibiram a venda de selos de Defesa Nacional de valores idênticos aos usados anteriormente.

Eleito o sucessor de Harold Holt

• John Gorton (liberal) é o novo primeiro-ministro australiano

CAMBERRA, 9 — (A. N. I.) — John Gorton, de 56 anos, antigo piloto de caças, foi hoje eleito primeiro-ministro da Austrália, numa reunião

secreta do Partido da maioria (liberal).

Gorton será, portanto, substituto de Harold Holt, desaparecido no mar enquanto praticava caça submarina em 17 de Dezembro último.

Gorton, antigo dirigente dos liberais no Senado australiano, foi preferido ao ministro dos Negócios Estrangeiros Paul Hasluck, ao ministro do Trabalho e Indústria Les Bury e ao ministro da Imigração, Billy Snedden.

Substitui John McWewen, chefe do Partido Agrário na coligação governamental, que foi nomeado primeiro-ministro interino depois da morte de Harold Holt, em 3 de Dezembro.

Segundo observadores, John Gorton manterá os compromissos da Austrália no Vietnam e continuará os esforços de Holt para mais intimas ligações com a Ásia.

O mesmo propósito fora reafirmado por McWewen quando o presidente Johnson esteve o mês passado na Austrália, para as exéquias em memória de Harold Holt.

Gorton foi eleito chefe do Partido pelos 81 parlamentares liberais. O juramento deve ser prestado amanhã perante o governador-geral da Austrália, «Lord» Casey.

Gorton era, há quatro anos, uma figura secundária no Governo australiano. Foi ministro do Interior, que corresponde ao 13.º lugar num ministério de 17 titulares.

Os aficionados quiseram lançar fogo à praça

CARACAS, 9 — (A. N. I.) — Na segunda e última corrida da feira de Barquisimeto registaram-se protestos do público, devido à mansidão dos touros, fornecidos por ganadarias mexicanas e colombianas, os quais não permitiram luzimento. E a indignação do público manifestou-se nas tentativas de incendiar a praça, pelo que interveio a Polícia.

Apresentaram-se «El Viti», Efraín Giron (duas orelhas no segundo, único quase lidável), e Pedrin Benjumea (petição de orelha no terceiro).

O presidente do Gabão deslocou-se a Paris



O actual presidente do Gabão, Albert Bongo, que sucedeu a Leon M'ba, após a morte deste, deslocou-se a Paris, onde foi recebido pelo general de Gaulle

A SONDA «SURVEYOR» DEVE CHEGAR ESTA NOITE À LUA

PASADENA (Califórnia), 9 — (A. N. I.) — A sonda lunar norte-americana «Surveyor 7» segue uma rota tão perfeita depois da primeira manobra de correcção de curso que os cientistas do Laboratório de Propulsão a Jacto de Pasadena (Califórnia) decidiram não efectuar a segunda manobra prevista. Desta forma, o engenho deve chegar à Lua às 2 e 5 de amanhã, hora de Lisboa.



Abba Eban, ministro israelita dos Negócios Estrangeiros (à direita), durante uma entrevista em Jerusalém com o enviado especial da O. N. U., Jarring, na qual foi discutida a crise do Médio Oriente

JOHNSON COMPROMETEU-SE A FORNECER ARMAS A ISRAEL SE FOREM NECESSÁRIAS

JOHNSON CITY (Texas), 9 — (F. P.) — O presidente Johnson comprometeu-se ontem a fornecer a Israel o material de guerra que seja necessário, se a sua segurança for posta em perigo por um rearmamento excessivo dos países árabes.

Os meios próximos de Levy Eshkol declararam-se muito satisfeitos com o tom particularmente caloroso do comunicado final divulgado após os dois dias de conversações entre o presidente Johnson e o primeiro-ministro de Israel.

Notam, sobretudo, que o chefe do Executivo americano não hesitou no comunicado em insistir na preocupação que suscita em Washington o fornecimento maciço de armas modernas soviéticas à R. A. U.

Em contrapartida, o Departamento de Estado obteve uma referência ao problema vietnamiano, pondo em foco a vontade dos Estados Unidos de resistirem à agressão «venha donde vier» e defenderem tanto as liberdades individuais como a dignidade humana.

Quanto à entrega de material americano a Israel, a menos que tenham sido feitos acordos secretos, a Aviação Israelita terá de esperar largos meses pelos «Phantoms», os únicos capazes de substituir os «Mirages» franceses.

O que importa, aos olhos dos conselheiros de Eshkol, é que o presidente Johnson tenha aceitado afirmar publicamente que os Estados Unidos vão seguir de muito perto a questão do rearmamento árabe pela União Soviética e que o auxílio americano, se for necessário, não se limitará a um apoio moral. A inserção deste parágrafo é considerada como um êxito entre aqueles conselheiros.

AS FORÇAS ISRAELITAS E JORDANAS CONTINUAM EM ESTADO DE ALERTA

LONDRES, 9 — (R.) — As forças israelitas e jordanas continuam hoje em estado de alerta depois de

A neve fez parar o Big Ben

LONDRES, 9 — (R.) — Cerca de 40 passageiros passaram a noite num autocarro imobilizado pela neve, enquanto toda a Inglaterra se encontra em condições quase polares.

O aeroporto de Londres está fechado e cai neve com abundância em todo o país.

Vêm-se carros abandonados por toda a parte e pelo menos 12 estradas principais estão cortadas pela neve, árvores caídas ou veículos sinistrados. Muitas povoações estão completamente isoladas do resto do país.

A neve fez parar os ponteiros do Big Ben, relógio conhecido em todo o Mundo.

MORTOS NO VIETNAM POR UMA MINA VINTE E CINCO CIVIS

DANANG, 9 — (F. P. e R.) — Morreram vinte e cinco civis vietnamitas e ficaram feridos mais três, ontem, quando uma mina «vietcong» explodiu á passagem de um autocarro em que seguiam, a norte de Danang, O veículo caiu numa ravina. A maior parte dos passageiros eram mulheres e crianças.

Anunciou-se que mais dois civis ficaram feridos em consequência da explosão, que ocorreu na auto-estrada principal número um, a cerca de 25 quilómetros ao norte

desta cidade-base aérea costeira americana.

O autocarro foi pelos ares no desfiladeiro de Hai Van, nas montanhas entre Danang e a antiga capital imperial de Hué.

O desfiladeiro de Hai Van tem sido cenário de frequentes emboscadas a comboios americanos e go vernamentais.

DEZASSETTE AMERICANOS MORTOS EM COMBATE A 30 KM DE SAIGÃO

SAIGÃO, 9 — (R.) — Um informador militar dos Estados Unidos anunciou hoje que tropas americanas, lutando com guerrilheiros do Vietcong através de arrozais ladeados de arvoredo, a cerca de 30 quilómetros ao sul desta capital, sofreram 17 mortos e 27 feridos.

Disse ainda que um dos soldados mortos e quatro dos feridos se encontravam a bordo de três helicópteros abatidos durante a batalha, que se travou a noite passada

Expulso de Saigão o correspondente-chefe da «Newsweek»

SAIGÃO, 9 — (R.) — O jornalista americano Everett G. Martin, chefe da delegação da revista «Newsweek», em Saigão foi intimado a deixar o Vietnam do Sul em 24 horas.

O chefe do departamento de imigração sul-vietnamiano informou hoje Martin que manterá a decisão, tomada há uma semana, de não lhe renovar o visto de estadia.

É esta a primeira expulsão de um jornalista do Vietnam do Sul desde que, em 1962, o presidente Diem expulsou dois correspondentes.

A revista «Newsweek» tem publicado recentemente críticas contra o Governo sul-vietnamiano e, muito especialmente, contra as suas forças armadas.

Sinatra e Mia Farrow reconciliam-se?

LOS ANGELES, 9 — (R.) — Consta que Frank Sinatra e Mia Farrow se vão reconciliar, abandonando ela a sua carreira cinematográfica.

Essa reconciliação seria marcada pelo seu aparecimento conjunto na estreia de um filme em Nova York, na próxima semana. Parece que foram Elizabeth Taylor e Richard Burton que convidaram os Sinatras a acompanhá-los a essa estreia.

Novo jornal no Uruguai

MONTEVIDEO, 9 — (A. N. I.) — Começou a publicar-se o novo jornal «Primeira Hora», de que é director o ministro do Trabalho e Presidência, Guzman Acosta y Lara.

Impresso á «offset», com 24 páginas e o mesmo formato dos vespertinos de Lisboa, custa dez pesos (ao passo que os outros jornais custam de 12 a 15).

O PAPA RECEBE HOJE MIKA SPILJAK PRIMEIRO-MINISTRO DA JUGOSLÁVIA

ROMA, 9 — (A. N. I.) — Um acordo para a exploração de petróleo na plataforma continental do Adriático foi assinado em Roma pelos ministros italiano e jugoslavo dos Negócios Estrangeiros, Amintore Fanfani e Marko Nikezić.

O acordo é o ponto principal da visita oficial de dois dias do primeiro-ministro da Jugoslávia, Mika Spiljak, prevendo-se que debata diversas questões comerciais com o chefe do Governo italiano, Aldo Moro, com o qual já ontem conferenciou.

Spiljak, que chegou ontem a Roma, será recebido hoje pelo Papa Paulo VI, regressando depois a Belgrado.

O primeiro-ministro da Jugoslávia e o seu colega italiano vão discutir hoje problemas internacionais e espera-se que o primeiro afirme a oposição do seu país à guerra no Vietnam.

que a guerra no Vietnam ameace transformar-se num conflito de

«vastas proporções» e exortou os Estados Unidos a pararem com os bombardeamentos do Norte.

RELAÇÕES SATISFATÓRIAS ENTRE BELGRADO E A SANTA SÉ

CIDADE DO VATICANO, 9 — (F. P.) — A mensagem particularmente calorosa do marechal Tito dando a sua adesão ao apelo de Paulo VI para a criação do «Dia Mundial da Paz» (1 de Janeiro) dará o tom à atmosfera em que vai decorrer a visita ao Vaticano de Mika Spiljak. Esta visita consagra as relações satisfatórias entre a Santa Sé e a Jugoslávia, previstas pelo protocolo de Belgrado de 1966.

Por outro lado, a decisão do Papa de chamar a Roma como pró-prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé (ex-Santo Ofício) o mon. Franjo Šeper, arcebispo de Zagreb, contribui também para uma boa atmosfera. O cardeal

que sucedeu ao cardeal Stepinac, por morte deste.

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS EM MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES, 9 — (L.) O Comando-Chefe das Forças Armadas de Moçambique distribuiu o boletim informativo referente ao mês de Dezembro de 1967, que é do seguinte teor:

«Prosseguiu intensa a actividade das nossas forças, com particular incidência nas zonas montanhosas e florestas dos cantos Noroeste do Niassa e Nordeste de Cabo Delgado.

Os grupos terroristas continuaram a manifestar-se por colocação de engenhos explosivos em itinerários e armadilhas nas picadas de acesso aos seus esconderijos. Continuaram também a sua nefanda acção de roubos, raptos, represálias e sevícias sobre as populações que conseguem surpreender, quase sem excepção nas tarefas de trabalhos agrícolas, e, algumas vezes, a coberto da noite, nas suas aldeias.

Da actividade dos terroristas refere-se: rapto de quatro homens no rio Nhameze, no Niassa, que iam pescar, tendo um deles conseguido fugir; colocação de uma mina no itinerário para Paula, a qual foi accionada, causando três feridos às nossas tropas e danos na viatura; ataque ao aldeamento de Chiconono, no Niassa, onde os bandidos mataram cinco elementos da população. Reagindo ao ataque, os terroristas foram postos em fuga, tendo-lhes sido capturadas uma pistola-metralhadora e uma espingarda semiautomática; vários raptos na região de Mocimboa da Praia, totalizando trinta e seis elementos da população; colocação de uma mina no itinerário Pundandar-Palma, que foi accionada, tendo causado alguns feridos às nossas forças e avarias na viatura; emboscada com espingardas automáticas a uma viatura na região de Nantumba, tendo causado a destruição da viatura e provocado a destruição das duas baixas nos seus ocupantes; colocação de dez engenhos explosivos na região de Nangade, distrito de Cabo Delgado, tendo sido quatro accionados e seis levantados, causando um ferido grave às nossas tropas.

Da actividade das nossas forças salienta-se: golpe de mão a um acampamento terrorista na região de Mutamba dos Macondes, em que foram abatidos onze bandidos e feridos três, capturada uma metralhadora e apreendidos dezenas de cartuchos e algumas granadas; numa operação de surpresa a um acampamento de bandidos na área de Cantina Dias, distrito do Niassa, foram abatidos sete terroristas, apreendidos uma espingarda automática, granadas e outro material; emboscada a uma coluna de reabastecimento vinda da Tanzânia, em que foram abatidos seis terroristas, presos três e apreendidos duas espingardas semiautomáticas, várias munições, alimentos e medicamentos; num golpe de mão a Norte de Cahli, distrito de Cabo Delgado, foram abatidos dezasseis bandidos e capturado um, apreendidas três espingardas semiautomáticas e dezenas de cartuchos.

Foi destruído o acampamento terrorista: golpe de mão a um acampamento terrorista na região de Cantina Dias, no distrito do Niassa, onde foram abatidos três terroristas e capturados uma espingarda automática, algumas granadas e dezenas de cartuchos.

Foi destruído o acampamento: num assalto a outro acampamento terrorista na região de Candulo foi abatido um terrorista, ferido outro e capturadas duas espingardas semiautomáticas e algumas granadas de mão; reagindo a um ataque dos bandidos a um aldeamento na

região de Nova Coimbra, a população e milícias puseram em debandada os terroristas, tendo-lhes capturado uma bazuca, granadas de mão, várias fitas de metralhadora e munições.

Do material apreendido destaca-se uma metralhadora ligeira, um lança-granadas foguete, quatro espingardas automáticas, treze espingardas semiautomáticas, três pistolas-metralhadoras, algumas minas e grande numero de granadas e munições, na sua totalidade originário de países comunistas.

As nossas forças sofreram, durante o mês de Dezembro, nove mortos em combate, cujos elementos de identificação foram oportunamente divulgados pelos órgãos de informação.

Durante o mesmo período a que se refere o presente boletim foram mortos oitenta terroristas e capturados setenta e oito.

Apresentaram-se às nossas autoridades 1037 elementos da população».

COMUNICADO DO S.I.P. DAS FORÇAS ARMADAS

O Serviço de Informação Publica das Forças Armadas comunica que morreram em combate, na província da Guiné, o primeiro-cabo n.º 4361865, André Lino José de Abreu Nobre, natural do concelho de Évora e filho do sr. Marcelino José Nobre e da sr.ª D. Alice Rosa Abreu Nobre, e o soldado n.º 9950665, Ildio Bonito Claro, natural do concelho de Montemor-o-Velho e filho do sr. Diamantino Bento Claro e da sr.ª D. Belmira Bonito Nobre Claro; e, na de Moçambique, junto da fronteira Norte, o soldado n.º 3190966, Eduardo Fernandes Cartaxo, natural do concelho de Santiago do Cacém e filho do sr. José Ferreira Cartaxo e da sr.ª D. Maria Fernandes Cartaxo.

Rectificamos, a pedido daquele Serviço, que os alferes Estêvão Ferreira de Carvalho e Manuel Luís Empadinha Kágado e o soldado António Bento Andrade Salgueiro morreram, em combate, na província de Angola e não na de Moçambique, como por lapso foi noticiado.

MILITARES FALECIDOS NA GUINÉ

BISSAU, 9 — (A. N. I. e L.) — Por desastre, faleceram na província da Guiné os soldados Bissau Anaca, natural do concelho de Bissau, e Bessana Tamba, natural do concelho de Mansão. Também do recrutamento da província: o primeiro-cabo Artur Antunes Fernandes, natural do concelho de Póvoa de Lanhoso, filho de Manuel Fernandes e de Zulmira Antunes, e o soldado Francisco Nunes da Silva, natural do concelho da Covilhã, filho de Ana Nunes Silva. Por doença, morreu o furriel miliciano José Luis Amaral Silva, natural do concelho de Lisboa, filho de Edmundo Jesus Silva e de D. Graça Furtado Amaral de Jesus Silva, casado com D. Maria da Assunção de Loureiro Silva.

No CACÉM: «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na TABACARIA NELITO

HIPOTECAS
FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVINCIA
AO JURO DA LEI
A CONFIDENTE
ROSSIO, 3-2° TELEF. 369384

SHEHERAZADE
SNACK-RESTAURANTE
Refeições cuidadosamente preparadas, preços normais, ar condicionado, ambiente selecto
AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 3-C (ao Parque)



INGLÊS
ITALIANO ALEMÃO
ESPAANHOL AMERICANO HOLANDÊS
FRANÇÊS ESPAANHOL (SUL-AMERICANO) SUECO
ÁRABE ARGELINO NORUEGUÊS CHECO RUSSO
ESPERANTO ÁRABE (EGÍPCIO) IRLANDÊS
GREGO (MODERNO) ISLANDÊS POLACO PORTUGUÊS
HEBRAICO (MODERNO) JAPONÊS CHINÊS HINDUSTÂNICO
MALAIO PERSA
SUL-ÁFRICANO HÁUSA
URDU FINLANDÊS
BENGALI SWAHILI LUCANDA

aprenda
uma destas
35 línguas
em sua casa

Siga em sua própria casa, aproveitando os momentos livres, o método LINGUAPHONE; um quarto de hora por dia é suficiente e em poucas semanas será capaz, não só de compreender, mas de falar fluentemente qualquer língua com um acento impecável.

Se dúvida dos resultados que você próprio pode obter, peça-nos um curso em regime de experiência; ouve os discos e ao mesmo tempo segue o texto das lições num livro ilustrado e saberá então em que consiste o método LINGUAPHONE. Verá como

uma língua se aprende progressivamente pelo meio audio-visual: gravação simultânea no seu espírito das palavras gravadas nos discos, escritas no livro e reproduzidas em gravuras. Assista hoje mesmo a uma demonstração no Instituto Linguaphone, na Rua Nova do Almada, 97, em Lisboa, ou na Rua de Santo António, 210, no Porto, ou peça-nos detalhes enviando-nos o cupão junto e receberá um interessante livro ilustrado, que lhe dará pormenores sobre os cursos LINGUAPHONE, e a possibilidade de os experimentar gratuitamente em sua casa durante uma semana.

Queiram enviar-me o livro grátis ilustrado sobre o LINGUAPHONE.

«D. L.»

Desejo aprender a(s) língua(s) _____

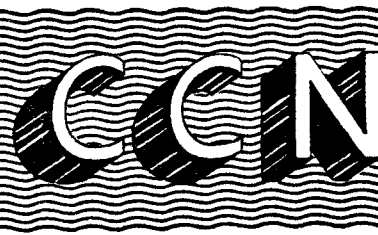
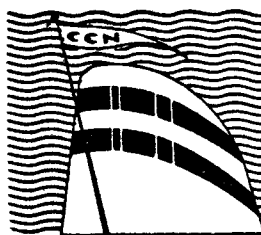
para _____ (indicar o fim)

Tenho/não tenho gramofone ou gira-discos.

Nome _____

Morada _____

INSTITUTO LINGUAPHONE R. Nova do Almada, 95-99 - Lisboa — Telef. 36 70 51/4



companhia
colonial de
navegação

PARTIDAS

DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«LOBITO»
a sair em 15 de Janeiro
«INFANTE D. HENRIQUE»
a sair em 18 de Janeiro
às 12 horas
«PÁTRIA»
a sair em 22 de Janeiro
às 12 horas
«AMBOIM»
a sair em 10 de Fevereiro
«IMPÉRIO»
a sair em 25 de Fevereiro
às 12 horas
«UICE»
a sair em 28 de Fevereiro
às 16 horas

Com escala por LEIXÕES para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 8 a 12 de Janeiro.

Com escala por FUNCHAL, para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega de 11 a 15 de Janeiro.

Com escala por FUNCHAL, para: S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 15 a 18 de Janeiro.

Com escala por LEIXÕES para: PRÍNCIPE, S. TOMÉ, AMBRIZ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOÇAMÉDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário). Carrega de 4 a 8 de Fevereiro.

Com escala por FUNCHAL, para: S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 18 a 22 de Fevereiro.

Com escala prévia por LEIXÕES, para: LAS PALMAS, CABINDA, LUANDA, LOBITO e MOÇAMÉDES. Carrega em Lisboa de 18 a 22 de Fevereiro.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA»
a sair em 12 de Fevereiro,
às 18 h.

Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAO e PORTO EVERGLADES (MIAMI).

Chama-se a atenção dos Srs. Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA: R. de S. Julião, 63 — Telef. 369621/8 — PORTO: Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 23342

A POSSIBILIDADE DE ROMPER O CÍRCULO

por ALFRED FABRE-LUCE

Afrouxamento da aliança atlântica, ineficácia da força de ataque francesa, dificuldade de organizar uma defesa europeia — estas verificações podem parecer desanimadoras. E assim o são, se se continuar a formular o problema nos termos habitualmente empregados. Dessa maneira parece até, falando sem rodeios, como quase insolúvel. Mas tudo muda, desde que se entenda antes preparar para uma inevitável mutação das relações internacionais.

O perigo nuclear interessa a todos os indivíduos humanos. Provisoriamente esbatido, pode reaparecer sob uma forma agravada, porque as novas formas da corrida aos armamentos têm por efeito ampliar o desconhecido e aumentar o automatismo do sistema. Ampliar o desconhecido?

Uma vez interditas as explosões no espaço, as repercussões (eventualmente ofensivas) dos sistemas A. B. M. não poderão ser calculados exactamente. Alguns tirarão daí argumento para pedir uma revisão do tratado de Moscovo, a fim de se poder continuar com tais explosões. Ver-se-á até ressuscitar, talvez, a tentação (que se julgava, racionalmente ultrapassada) de um primeiro ataque.

A DEMOCRACIA AMEAÇADA

O armamento nuclear ameaça a democracia de duas maneiras. A primeira é evidente: o poder de tomar uma decisão desumana é confiada a um só homem, o qual está sujeito às fraquezas físicas e morais inerentes à mesma humana condição.

M. Sudreau acaba, corajosamente, de abordar este ponto num livro que marcará data. Nos Estados Unidos, onde a tradição de um poder presidencial forte é, contudo, mais antiga, discutem-no muita vez. Um autor americano, Fletcher Knebel, expôs num romance, «The Night of Camp David», o problema da «loucura do rei». Imagina o autor um presidente atacado por ligeira anomalia mental, a quem o vice-presidente pensa derrubar, por meio

Seria com efeito contra a réplica de um adversário previamente diminuído que o A. B. M. atingiria o máximo da sua eficácia. Aumentar o automatismo? A bomba orbital, cuja próxima realização pela União Soviética, McNamara acaba de anunciar, encurtará o prazo de alerta, que pelo menos permitiria uma reflexão sumária, e incitará a uma resposta imediata envolvendo um erro de risco material. A opinião foi sensibilizada para este último perigo, por intermédio de diversos livros ou filmes de ficção científica. Está, pelo menos, advertida de um perigo mais subtil, mas mais grave, que vou agora concretizar.

de um golpe de Estado, afim de evitar uma catástrofe. O que sobretudo impressiona nesta ficção é o registo de históricos acontecimentos em que se fundamenta. O autor evoca, nomeadamente, o caso de Woodrow Wilson, que durante o último período da sua presidência deixou de ser ele mesmo, sem cessar de exercer as suas funções. Em França, poderia citar-se o caso mais breve de um Deschanel.

O romance de Fletcher Knebel termina bem: o presidente acaba por se convencer do estado patológico em que se encontra e apresenta a sua demissão. Mas o leitor fica impressionado, ao considerar o risco, realmente, que correram os cidadãos.

VIVER NA MENTIRA

A força nuclear é antidemocrática de outra maneira, que não se pode considerar menos inquietante: leva a viver na mentira. Os Governos não ousam informar os respectivos povos, com receio de os desarmar, moralmente. Que de facto o «bluff» patriótico seja necessário, em caso de crise aguda, pode discutir-se.

Responder afirmativamente, é reconhecer, simplesmente que seria então demasiado tarde, que se teria entrado num jogo mortal a que não fora possível furtar-se. Razão de sobra para discutir francamente, durante os períodos de desconstracção relativa, como aquele em que nos encontramos. Ora hoje — digo-o pensando bem as palavras — nenhum Governo diz a verdade.

Em França, o general de Gaulle, iniciador da força de

ataque, nem por isso deixou de consentir a M. Sudreau, então ministro da Construção, que se criassem abrigos anti-atômicos. Este facto dispensa-me de mais pormenorizada demonstração.

A nossa defesa nuclear, no seu estado de desequilíbrio presente, expõe-nos aos arrojados dos «bluffs» internacionais. Disse-me um americano: «Terei medo dos russos, quando eles começarem a construir abrigos». Os russos (e os americanos) têm pelo menos uma enorme força ofensiva e um vasto território onde uma parte dos projectéis inimigos se perderia em desertos. Privada da A. B. M. e apertada num espaço estreito, a Europa não tem tais recursos. Presentemente só pode jogar a sua segurança num «poker» inverosímil.

O JOGADOR APAVORADO

Também nos Estados Unidos os problemas da defesa civil são superficialmente tratados. O que se chama defesa é somente a defesa de uma aristocracia política e militar: os dirigentes da nação e os servetnuários da arma nuclear (mais os habitantes de algumas grandes cidades). Sobre outros pontos, a verdade transparece através das declarações voluntariamente optimistas.

Acaba-se de apresentar, com alguns considerandos tranquilizadores, um sistema A. B. M., cujo princípio se condenara precedentemente. Apresenta-se-á talvez amanhã — com palavras amáveis para Moscovo — em resposta à

bomba orbital soviética, uma bomba orbital norte-americana que se classificou antes de inutil.

Mas quem lesse o conjunto das afirmações de McNamara adivinhava, facilmente, o seu pensamento íntimo: ele próprio estava apavorado com o jogo que fazia.

Outros há que julgam ver-se livres do problema com uma frase: «A guerra nuclear — dizem esses — é impensável». Ai! A guerra nuclear só é difícil de conceber ou imaginar. — Alguns, que sabem comportam-se como se não o soubessem. Corre-se assim o risco de entrar num círculo infernal. O receio faz surgir a esperança de realizar um progresso

técnico determinado, que conferisse uma superioridade decisiva. Mas quando se julga, enfim, tê-lo atingido, verifica-se que engendra outros receios e progressos compensadores do adversário.

No momento em que deixei Washington, começava-se a murmurar que McNamara ia deixar o Pentágono para assumir a presidência do Banco Mundial. A notícia parecia sensacional. Hesitava-se quase em acreditá-la: pode descer-se, sem grave perigo, de um comboio em marcha? Sem dúvida havia quem desejasse afastar McNamara, mas a sua aceitação traduzia também uma preferência. O grão-mestre dos exércitos mostrava assim que a seus olhos a tarefa mais urgente é hoje o auxílio ao desenvolvimento. A imagem que logo acudia ao espírito era a de um homem que salta do campo da guerra para o campo da paz. Imagem um pouco forçada? Deixemos o próprio interessado responder:

«Com toda a evidência, o armamento soviético é, em parte, uma reacção perante o nosso próprio armamento, desde o começo da actual década... Se optarmos por um A.B.M. pesado, podemos ter a certeza que os soviets reagirão de maneira a compensar a vantagem que nos julgáramos haver ganho... Há um perigo psicológico. Todo o desenvolvimento do armamento nuclear comporta uma espécie de

mecanismo louco... O que o Mundo necessita no vigésimo segundo ano da idade atômica, é de uma corrida à razão».

Estas frases são extraídas de um discurso proferido em Setembro último, pelo secretário da Defesa americano. São brados de socorro. Brados de um homem que vê claramente o absurdo do que estão a fazer, mas que se vê obrigado a isso pelas acções da União Soviética e as pressões irresistíveis da política interna americana. Com quem conta ele para se libertar? Com todos nós. Conta com o instinto de conservação da raça humana e com a prudência dos espíritos mais evoluídos.

Podemos preferir aí ler um particular apelo aos franceses, os quais constituíram definitivamente a sua unidade nacional, não cobicam outros territórios, não estão empenhados em mais empresas de colonização, e aparecem além disso, desde há dois séculos, a muitos homens de muitos povos como os detentores do facho da liberdade.

Se renunciássemos à escalada nuclear, ninguém nos acusaria de o fazer por incapacidade científica. As realizações já obtidas e aquelas que parecem possíveis, em próximo futuro, oferecem-nos mais que na realidade uma discutível segurança, uma possibilidade de trabalhar para a paz na honra.

O TRATADO DE NÃO PROLIFERAÇÃO

Trabalhar para a paz... Com estas palavras se põe em causa o conjunto da política externa francesa. Mas quero só limitar-me aqui ao que diz respeito, especificamente, aos problemas nucleares. A França oficial, embora o tratado de não-proliferação que se prepara actualmente, em nada lese os seus interesses (antes os favorece) comentou-o com desdém e quis ficar alheia à sua discussão. Também quanto a este ponto não segue o parecer dos seus melhores conselheiros. Um grupo de peritos designados pelo secretário-geral da O.N.U., acaba de afirmar, unanimemente, que um tratado de não-proliferação seria «um passo importante na boa direcção».

Um dos signatários é Bertrand Goldschmidt, director das relações externas e dos programas no Commissariado da Energia Atómica.

A não-proliferação, dizem os cépticos é uma utopia. Fiz a par-

gunta, em plena campanha americana, entre magníficas folhagens de Outono, no Instituto Hudson, onde reina Herman Kahn, o senhor da antecipação. Este homem sabedor, benevolente e poderoso (parece um odre enorme inflado com os segredos do futuro) acaba de publicar um livro sobre o Ano 2000.

Na mesma página em que prevê o acesso ao poderio nuclear, antes do fim do século, de várias dezenas de Estados, dá ele também a sua adesão à política da não-proliferação atômica. Perguntel, a propósito:

«Não haverá aí uma certa contradição? Quais serão as verdadeiras probabilidades de êxito de semelhante política?».

Um dos seus colaboradores fez uso da palavra para me responder: «É fifty-fifty».

Era um modo de restituir o problema ao domínio da liberdade humana.

DIFICULDADES EM VIA DE SOLUÇÃO

É ainda cedo demais para apreciar em pormenor as cláusulas do tratado. Não estão redigidas definitivamente.

Tudo quanto hoje se pode dizer, é que certas dificuldades técnicas, que primeiro pareciam insuperáveis, estão em via de solução. Resta um grave problema político e moral. O tratado, desastrosamente introduzido, apareceu como o empreendimento de duas superpotências que procurassem eliminar possíveis concorrentes para melhor prosseguirem com a sua louca rivalidade.

Sob tal forma, a empresa não é admissível. Mas pode esperar-se que tais superpotências desencadearam assim um movimento ao qual não poderão subtrair-se inteiramente. Sem dúvida, não há lugar para esperar a sua miraculosa conversação, nem um julgamento dos Grandes pelos Pequenos.

Mas pode fazer-se esta previsão bastante precisa: Se a U. R. S. S. e os Estados Unidos continuarem a super-armar-se, o tratado de não-proliferação acabará por ser denunciado por uma

coligação de pequenas e médias potências interessadas em eliminar das relações internacionais o elemento de irresponsabilidade e de acaso que naquelas introduziria mais larga difusão do armamento nuclear — entre os que o possuem e os que não o podem ter ainda.

FIXAR OPÇÕES

Revelar-se-ia, posta à prova, ambiciosa um excesso tal política? Então, pelo menos, a nossa empresa nuclear não devia ser continuada, senão tornando-a menos dispendiosa por meio de medidas de cooperação internacional. Não se trata de destruir as armas que possuímos (não se nos pede tanto) mas de fixar as nossas opções, sem perder de vista o objectivo final a atingir. O armamento nuclear não desaparecerá de um dia para o outro. Esse armamento deverá, provisoriamente, ser mantido num quadro colectivo e a título defensivo contra os Estados que persistissem em repudiar as regras elementares da coexistência pacífica.

Mas será preciso, em contrapartida, oferecer-lhes o meio de realmente participarem nesta coexistência.

Pela primeira vez os homens vão ter ocasião de se aproximar — muito modestamente, mas sobre um essencial tema — do ideal do Governo mundial. O domínio do nuclear, se puder ser realizado, permitirá depois outros êxitos. Cada cidadão vai dever escolher entre este fim e os que propõem os nacionalismos. Grandeza contra Grandeza. Aqueles que na França, sem contestar a alta qualidade do ideal pacifista, o combatem em nome do realismo, é preciso responder contestando o «seu» realismo. Digamos-lhe firmemente: «A vossa ameaça apocalíptica não passa de preguiça. Se verdadeiramente encarrásseis uma guerra nuclear, há-vies de vos preparar para lhe sobreviver. Ora, não o fazeis: é uma maneira de vos julgardes a vós mesmos. Na verdade, a arma absoluta não é o átomo. A arma absoluta é o espírito humano».

FIM

Exclusivo
«Le Monde» — «Diário de Lisboa»

Angariação de fundos para as vítimas das inundações de Lisboa e arredores

ALGOZ, 9 — A comissão nesta localidade formada para angariação de fundos para as vítimas das inundações nos arredores de Lisboa, trabalha com muito entusiasmo na missão em que foi investida, estando a receber o melhor acolhimento possível.

COMUNICADO

Vapedrone

SEDE — 54 - RUA DA VITÓRIA - 56
FILIAL — 17 - RUA DOS FANQUEIROS

Participa a todos os seus clientes, amigos e público em geral que durante os dias 11, 12, 13 e 15 de Janeiro, encerra os seus Estabelecimentos para efeitos de balanço, reabrindo no próximo dia 16 de Janeiro de 1968.

A GERÊNCIA

PROPRIEDADES

— VENDAS —

F. FERNANDES
& COSTA, LDA.

Para Comprar, Vender, Hipotecar propriedades, consulte no seu próprio interesse os n.º serviços, onde poderá encontrar todos os esclarecimentos necessários sobre as respectivas transações. Av. Almirante Reis, 104, 2.º — Telef. 536111 — 536112 — 536113.

PRÉDIO

Em muito bom local de Lisboa, junto do eléctrico e autocarro, acabado de construir, c/ 4 e 5 casas assoalh., isento por 4 anos todo alugado a render 78 000\$00. Preço suj. a oferta 1 600 000\$. Trata: F. Fernandes & Costa, Lda., Av. Almirante Reis, 104, 2.º. Telefones 536111-2-3, Lisboa.

CONTACTO



ANÚNCIOS



PROPRIEDADES

DINHEIRO s/ prédios

EMPRESTA-SE rapidamente e em boas condições, 15 a 2000 contos em 1.º ou 2.º hipoteca de prédios, parte de prédios ou construção. Também se aceitam propriedades para venda. Casa Laires, R. da Prata, 291, 2.º, Dir. Tel. 325487 — 370618 (junto á P. da Figueira).

CASAS

para alugar

Procure V. Ex.º nos n.º escritórios onde temos sempre variados andares e lojas para alugar em Lisboa e arredores. Não cobramos qualquer importância a título de comissão aos inquilinos.

Trata: SOC. CONST. INVICTA — R. do Ouro, 292, 1.º — Telef. 30259/34755.

ANDARES

Em ODIVELAS para rendimento ou habitação do próprio de 3 boas c. ass. boa construção e bem localizados. Preços desde 155 contos. Ver na Rua Júlio Dinis, lote 22.

Trata: A LUZÁFRICA — Calçada do Carmo, 6, 2.º — Telefones 32 45 24 e 36 80 80

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

TELEVISORES

AS MELHORES MARCAS
MUITO MAIS BARATO
PAGANDO A PRONTO

CASA M. L. FERREIRA

R. D. Estefânia, 48, 1.º andar
(Junic ao Largo)

ALUGAM-SE LOJAS E ANDARES

PARA ESCRITÓRIOS, MAGNÍFICAS INSTALAÇÕES, PRÉDIO ACABADO DE CONSTRUIR C/ 9 ASSOALH. E ELEV., AR COND., ETC.

VER NO LOCAL — AV. FREI MIGUEL CONTREIRAS, 54

Trata S. Construções Invicta, Lda.

RUA DO OURO, 292, 1.º-DT.º
LISBOA TELEF. 347 55/6

MORADIA

PRÓXIMO JARDIM ZOOLOGICO

Construção antiga em alvenaria, revestida a marmorito, em bom estado de conservação. Compõe-se de 4 divisões soalhadas, cozinha, despensa, 2 marquises envidraçadas e casa de banho. Preço 350 contos.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

ROSSIO, 3-2.º — TELEF. 369384/5/6

Em ALVERCA o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se a venda na TABACARIA CAMPINAS, Rua Joaquim Sabino Faria, 18. A.

AVISO AO COMÉRCIO

MALHAS MAC, LIMITADA, previne os s/ Ex.ºs Clientes e Amigos que não se responsabiliza por quaisquer dívidas contraídas ou mercadorias entregues ao seu ex-caixeiro-viajante Carlos Saraiva Coelho.

MALHAS «M. A. C.», LDA.

O GERENTE

MÁRIO ALBERTO DE CARVALHO

PROPRIEDADE HORIZONTAL

C. DA ESTRELA, 74

Em magnífico prédio de construção em cimento armado, bons acabamentos, habitações de 6 div. soalhadas, coz.ª, 2 c/ banho, desp. e «hall». Preço: 730 e 750 contos

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

ROSSIO, 3-2.º — Telef. 369384/5/6

AUTOMÓVEIS

AUTOMÓVEIS COMPRAM-SE

A PRONTO
R. ARROIOS, 152-A — Telef. 48707

Automóveis s/condutor

Veja os preços e carros a estrear ou impecáveis Av. João Crisóstomo, 8.º — Tel. 50060-51047

Contacto



ANÚNCIOS

TELEF. 34221

TAUNUS 15 M TS, c/ T. S. F., ult.º mod.º; Peugeot 404, c/ T. S. F. c/ novo; Saab, 1965; Citroen DS-19, mecânica, c/ T. S. F. 1965; Opel Kadett, 4 portas, 1966; Taunus 12 M 1500, de 2 e 4 portas 1965; Taunus 17 M Super, 1962 e 1961. Fac. troca e pag.º Av. João Crisóstomo, 47-C.

TAUNUS 17 M, 66; Panhard 24 CT, 66; Opel Kadett, 67 e 66; Fiat 1500, 66; Opel Karavan 1700, 66; Taunus 20 M, 66; Volkswagen 1600 TL, 66. Fac. pag.º e trocas. CRISAUTO, Lda., Av. João Crisóstomo, 13-A.

UTILITÁRIAS Volkswagen, 9 lugares, 1963; Skoda, 1963; Austin A 35, 1960. Fac. troca e pag.º, Av. João Crisóstomo, 47-C.

VÁRIAS marcas de automóveis e furgonetas utilitárias em bons preços. Facilite e troque. R. António Pedro, 38-A, Portugal.

AUTOMÓVEIS s/ condutor. Mod. recentes, impecáveis. Consulte-nos: L. St.ª Bárbara, 5-B. Telef. 534657.

ALUGUER:



NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA SERVIÇOS DE

AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 50.060 — Automóveis Amoreiras, Av. João Crisóstomo, 89
- 57.445 — P. P. C. A. 560071/2/3 BELCAR — Av. 5 de Outubro, 42-B
- 53.4657 — L. St.ª Bárbara, 5-B
- 49.612 — Jomil Auto — R. Ponta Delgada, 40-A-B
- 76.9848 — EUROCAR — Av. Barbosa du Bocage, 1
- 42.890 — Taxis Universo, Lda.º Av. República, 26
- 53.7476 — RETUR — R. Rodrigo da Fonseca, 56-1.º
- 72.7654 — Auto Monumental do Azeiro, Lda.º — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-E
- 83.5730 — INTERAUTO — R. Carvalho Araújo, 102-A
- 53.9168 — 53.9345 — BRUNAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A

INTERAUTO

AUTOMÓVEIS DE ALUGUER — SEM CONDUTOR — R. CARVALHO ARAÚJO, 102-A LISBOA — TEL. 835730 Junto à Fonte Luminosa

MINISTÉRIO DA MARINHA INSTITUTO HIDROGRÁFICO

Curso de Técnicos Auxiliares de Oceanografia

2.º AVISO

Por despacho de 14-11-1967, de Sua Ex.ª o Ministro da Marinha, tem início no mês de Janeiro corrente o curso de Técnicos Auxiliares de Oceanografia, criado pelo Decreto n.º 47 987, de 9 de Outubro de 1967.

Os candidatos deverão apresentar na Secretaria do Instituto Hidrográfico, na Rua do Arsenal, Porta H — 1.º, Lisboa-2, até ao próximo dia 20 do corrente mês de Janeiro os seguintes documentos:

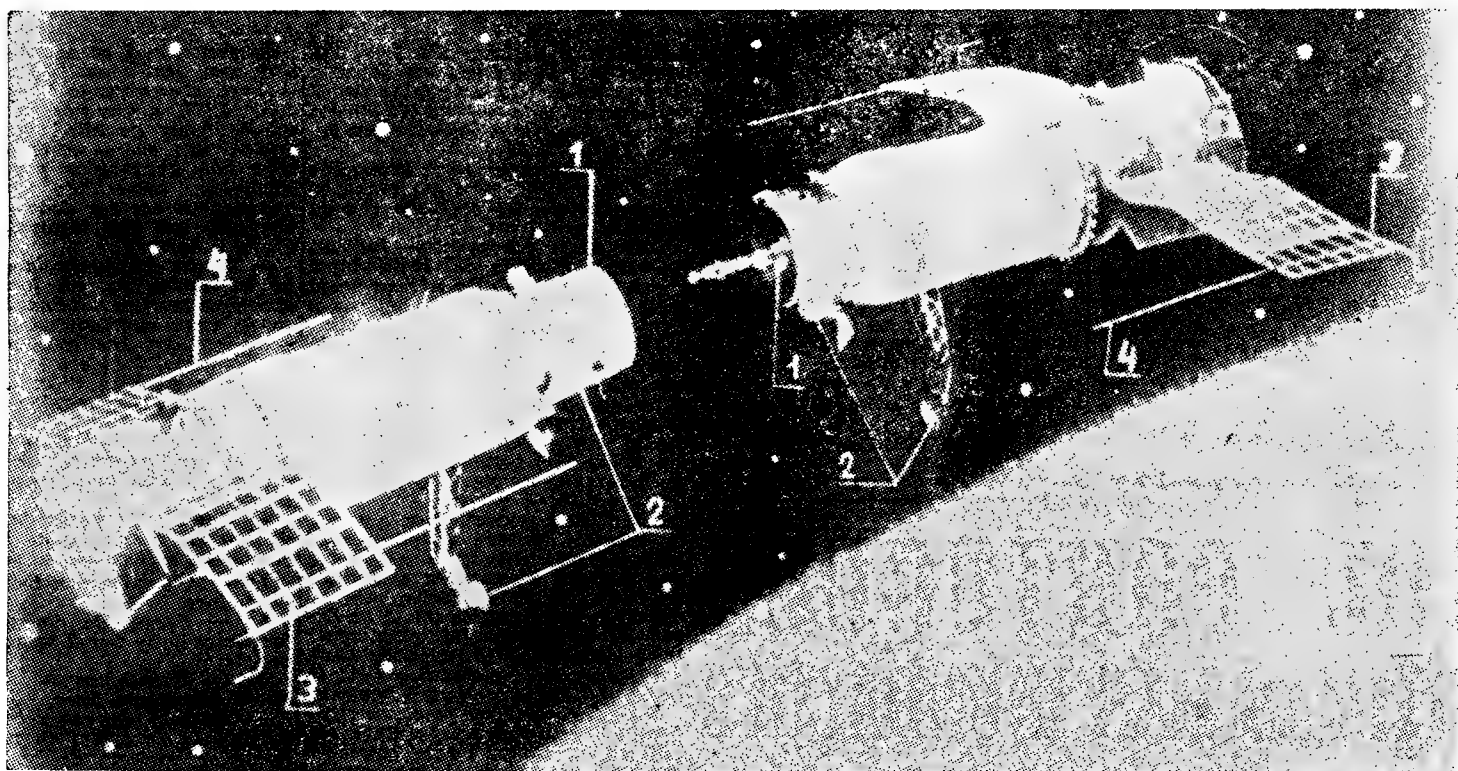
- 1 — Requerimento dirigido ao Director do Instituto Hidrográfico solicitando que sejam admitidos á frequência do curso e do qual deve constar: nome, idade, naturalidade, filiação estado civil, profissão, domicílio, número e data do Bilhete de Identidade e indicação do arquivo por onde foi passado;
- 2 — Documento comprovativo de habilitações literárias;
- 3 — Certidão comprovativa do cumprimento dos deveres militares;
- 4 — Documento comprovativo de ter sido vacinado contra o tétano e contra a varíola ou haver sofrido ataque desta última doença nos últimos cinco anos;
- 5 — Declaração nos termos do Decreto-Lei n.º 27 003, de 14 de Setembro de 1936, feita em papel selado e com a assinatura reconhecida por notário.

Os candidatos serão sujeitos a exame médico e testes psicotécnicos e prestarão provas de admissão nas matérias de Física, Química e Matemática.

As condições de admissão estão patentes na Secretaria do Instituto. Lisboa e Instituto Hidrográfico, aos 6 de Janeiro de 1968.

O SUBDIRECTOR,
Pinho e Costa
Cap. trag.

VIDA CIENTÍFICA



O ENCONTRO DOS COSMOS 186 e 188: 1 — Sistema de junção automática. 2 — Antenas para regulação automática do alvo. 3 — Baterias solares. 4 — Antenas rádio

A LUA EM TRÊS ETAPAS

Traumatizada pelo drama que custou a vida do cosmonauta Komarov, em Abril último, a investigação espacial soviética adquire uma certa serenidade após o extraordinário êxito do «primeiro encontro automático» dos Cosmos 186 e 188. Habitualmente silencioso, o presidente da Academia das Ciências, o professor Mstislav Keldych, declarou que «a União Soviética acaba de vencer a etapa capital do seu programa espacial».

A vitória soviética permite pela primeira vez compreender como decorrerá a primeira viagem lunar soviética: já não restam dúvidas de que quando os cosmonautas soviéticos se lançarem em direcção ao nosso satélite, será a partir de uma grande plataforma espacial de que os Cosmos 186 e 188 terão sido os antepassados imediatos.

Cinco escalas

A ideia das plataformas espaciais não é nova. Vários teóricos visionários descreveram, desde antes de 1930, grandes estações orbitais ligadas por cosmonautas e utilizadas como bases intermediárias entre a Terra e os mundos exteriores. Em 1923, o grande precursor romeno Hermann Oberth publicou «Os foguetões para os espaços interplanetários», onde descreve a primeira «estação-serviço» do espaço. Até 1945, todas as suas obras pormenorizavam cada vez mais esta ideia e, pouco a pouco, juntou-lhe o conjunto das técnicas necessárias à sua realização. Os trabalhos de Oberth (que participou na execução do V-2 alemão e que os americanos «recuperaram» após a guerra) influenciaram todos os técnicos da sua geração, soviéticos e os outros.

Os americanos que, ao contrário dos soviéticos, sempre indi-

caram *à priori* as etapas do seu programa, adoptaram, para a conquista da Lua, a solução «linear»: a de um voo ida e volta sem escalas intermediárias. Construíram para isso um foguetão de 5000 toneladas (quatro vezes o peso de um comboio) e com 110 metros de altura, que propulsará em direcção à Lua uma massa de 130 toneladas de que faz parte a cápsula «Apollo».

Motores polivalentes

Bom senso, simplicidade, lógica, são estas as três características do programa espacial soviético. Os professores Sedor, Keldych, Blagonravov e Korolev construíram um conjunto rígido em torno de uma ideia central, dando a máxima atenção a considerações de economia. E a União Soviética, de há dez anos para cá, seguiu fielmente

seus foguetões eram equipados com os mesmos motores RD-107 mas que o seu numero e disposição variavam conforme a massa do satélite a enviar para o espaço.

Nos Estados Unidos não se contam menos de trinta tipos diferentes de motor utilizados para a propulsão dos sistemas de lançamento. Vostok representa, com efeito, apenas uma das possíveis combinações com o RD-107 (um andar central cercado por quatro «boosters» laterais), e os especialistas concordam em dizer que engenhos de potências muito diferentes foram realizados pelos soviéticos com base num só e mesmo motor. Daí uma economia considerável de tempo e de dinheiro.

São simultaneamente a unidade de concepção dos programas e a massa elevada de engenhos que poderão ser enviados para a Lua que permitirão sem dúvida aos soviéticos atingirem-na e regressarem com uma margem de segurança maior do que aquela de que beneficiarão os cosmonautas americanos.

JEROME PIETRASIK

Sabe-se actualmente que os soviéticos para chegarem à Lua escolherão o caminho mais longo. É também o mais seguro e o mais económico.

Esta fórmula apresenta enormes dificuldades: nenhum dos milhões de componentes deste monstruoso comboio lunar poderá sofrer avaria; a quantidade de combustível de que disporão os astronautas para regressarem à Terra será limitado ao mínimo indispensável; todo o consumo imprevisto deste combustível poderá provocar uma catástrofe e até a impossibilidade do regresso.

Graças à plataforma espacial, a nave poderá ter um peso elevado (os soviéticos falam de 500 toneladas) e o engenho que dela se destacará para colocar os cosmonautas na Lua será provavelmente maior que o «L. E. M.» (*Landing Explorer Module*) americano. Poderá portanto levar mais combustível, mais material electrónico, mais oxigénio, e será capaz, sobretudo, de depositar sobre o solo lunar uma massa importante de instrumentos de observação. A cápsula de exploração poderá em seguida reencontrar a nave que a transportou, deixada em órbita à volta da Lua, e partir com esta em direcção da plataforma espacial terrestre. O regresso dos cosmonautas à Terra efectuar-se-ia então a bordo de um engenho tipo Sovouz.

esta linha de conduta. Todos os satélites científicos do tipo Cosmos possuem uma estrutura comum; apenas diferem as experiências e os equipamentos, segundo a missão a cumprir. Todas as sondas interplanetárias — entre as quais Vénus IV — e todas as sondas lunares são estudadas à volta duma célula comum. A semelhança das naves Vénus III e Vénus IV é chocante; a das Luna ainda mais. Quanto aos satélites de telecomunicações Molnya, foram construídos à volta de um corpo comum a todos os engenhos.

Esta homogeneidade do material e dos tesouros de engenhosidade técnica permitiram à União Soviética reduzir consideravelmente os custos da sua conquista espacial. Enquanto os americanos realizam oito satélites completamente diferentes uns dos outros, os soviéticos fabricam em série oito veículos muito semelhantes e que adaptam em função das missões que lhes são atribuídas.

A U. R. S. S. aplica igualmente a sua lógica científica na construção dos sistemas de lançamento: na última exposição no Bourget, os soviéticos apresentaram o Vostok, deixando perceber que a maior parte dos

Medição directa da reactividade de um reactor

De há muito se encara a possibilidade de medir directamente a reactividade de um reactor (extraíndo a informação de regime transitório de potência neutrónica consecutiva à introdução de uma variação de reactividade), facto este que fez surgir diversas realizações. Contudo, até um passado recente, a maior parte dos ensaios neutrónicos efectuados aquando do início de funcionamento ou da passagem de um reactor, eram baseados na medição da taxa de variação da potência em regime estável (medição do tempo de dobradura); a longa duração dos ensaios efectuados por este método apresenta evidentemente inconvenientes muito graves. Porém, os estudos da medição directa da reactividade não levaram à concretização de aparelhos bastante simples e estáveis e de dinâmica bastante grande para serem utilizados em condições de rotina.

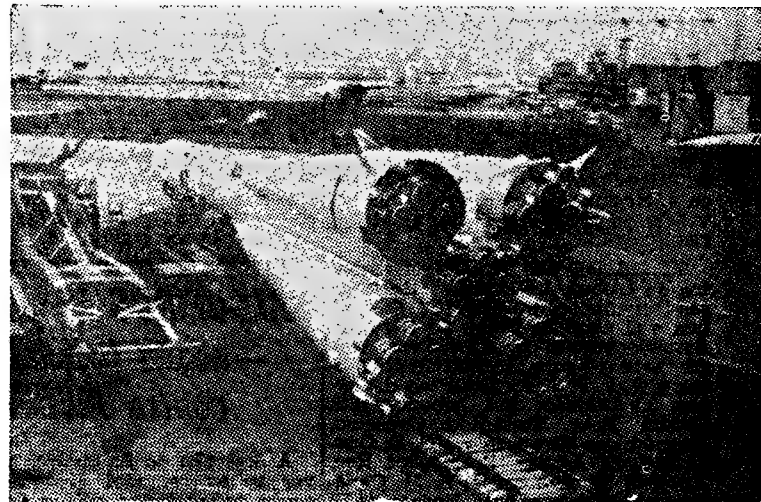
O reactímetro, estudado desde 1964 no Centro de Estudos Nucleares de Grenoble, utiliza uma rede Pagels, rede electrónica clássica que simula o funcionamento neutrónico do reactor instalada num circuito original de medições, indicando directamente a reactividade a partir da medição do fluxo neutrónico, dado por uma câmara de ionização de corrente ou por uma câmara de impulsos.

A concepção extremamente simples do aparelho faz com que seja um instrumento muito seguro, cujas aplicações serão numerosas, tanto em física dos reactores (determinações do peso das barras ou medições das alterações da reactividade nas diferentes posições que uma barra toma desde antes da sua colocação até à sua total introdução, detecção de variação de qualquer parâmetro neutrónico na proximidade do centro do reactor, etc.), como sob o aspecto de segurança.

Para as experiências clássicas de determinação do peso das barras ou medição do coeficiente de temperatura, o tempo ganho pode ser considerável pois não é necessário esperar o regime exponencial estável de cada divergência para efectuar uma medição. Para as funções de segurança, este aparelho permite ultrapassar as indicações erróneas dadas pelos aparelhos de medições logarítmicas após um regime transitório de reactividade.

É de salientar que o reactímetro se pode adaptar a todos os combustíveis nucleares e amortecedores utilizados nos reactores actuais.

Por meio de regularizações é possível uma determinação directa da usura dos elementos, no caso de um reactor de vários combustíveis.



Um foguetão como este colocou Gagarine em órbita



Dr. Matos Correia falando no decorrer da reunião com os representantes dos órgãos de informação

HANDEBOL DE SETE

Tem motivado forte controvérsia o critério da aplicação das regras no que respeita às expulsões de jogadores no handebol de sete.

Sucedendo até que, por mais do que uma vez se tem verificado a expulsão definitiva de jogadores, permitindo que a equipa dos prevaricantes se mantenha com os sete jogadores no terreno, quando só conhecemos um caso em que tal se pode verificar.

Também se tem verificado uma certa estranheza no facto de os árbitros considerarem definitiva a expulsão de um jogador, quando a este já tenham sido ordenado anteriormente duas suspensões temporárias.

Parece-nos que qualquer árbitro tem autoridade suficiente para o fazer, mesmo que as regras o não

REINA A CONFUSÃO NOS CASOS DE EXPULSÕES

previssem e aquelas são bem claras quando dizem que um jogador será excluído por dois minutos; 5 minutos ou para o resto do encontro, exceptuando o referido nas regras 3.ª, 6.ª e 17.ª.

São exactamente essas excepções que nos indicam que em todos os outros casos a 3.ª exclusão é a da expulsão definitiva.

Mais nada era preciso indicar, foi esse o espírito dos legisladores e entendeu o tradutor não ser nada mais necessário acrescentar, por o caso ser claro.

No entanto, o espírito da citada regra nasceu do Congresso de Pinar, em Julho de 1963, no qual foi determinado para ser imediatamente posta em prática uma ESCALA de 14 casos para as expulsões e em todos eles nenhum jogador pode manter-se no terreno, depois de ser suspenso 3 vezes!

Abordámos naquela data o assunto, como o fizemos quando do 1.º colóquio da arbitragem no Porto, por Pascual Hernandez e quando da visita de Emil Horbe, mas só agora, com a benéfica vinda de Domingos Barreiros, foi finalmente posta em prática, só causando admiração que haja elementos bem ligados à modalidade que o ignoram.

E para esclarecimento melhor vamos reproduzir as citadas 14 hipóteses, tal como foram indicadas em 1965 pela F. I. H. dos seus filiados:

- 1.º caso: advertência — 2 minutos, 5 minutos, definitiva.
- 2.º caso: advertência — 2 minutos, 2 minutos, definitiva.
- 3.º caso: advertência — 5 minutos, 2 minutos, definitiva.
- 4.º caso: advertência — 5 minutos, 5 minutos e definitiva.
- 5.º caso: advertência — 2 minutos e definitiva.
- 6.º caso: advertência — 5 minutos e definitiva.
- 7.º caso: advertência — definitiva.

Os restantes 7 casos, são os mesmos, mas sem advertência.

E ainda recorrendo às instruções da F. I. H., a que nos referimos e consequência do citado congresso, vamos citar outros casos de expulsões não abrangidos por aquelas hipóteses, começando por aquele que nos parece ter dado origem à confusão em que incorreu Nuno Pinho e outros:

— Se em consequência da entrada incorrecta de um jogador suplente se verifica uma anulação clara de uma oportunidade de gol, a equipa será castigada com uma grande penalidade e o jogador prevaricante expulso definitivamente, mas mantendo-se a equipa com sete jogadores.

Nos casos seguintes, os jogadores podem ser suspensos mais que 3 vezes, sem que sejam expulsos definitivamente.

— Quando da perda intencional de tempo (retenção de bola), os castigos a aplicar são os seguintes:

- 1.º — Advertência a toda a equipa e livre.
- 2.º — Suspensão dos principais prevaricadores por 2 minutos e livre.
- 3.º — Sucessivas — suspensão por 5 minutos e livre.

— Quando da execução de um castigo de livre, um ou mais jogadores se colocam deliberadamente próximo do adversário encarregado de marcar a falta, os prevaricantes serão castigados:

- 1.º — Advertência.
- 2.º — suspensão de 2 minutos.
- 3.º — e sucessivas — suspensão de 5 minutos (regra 13.5).

E ainda oportuno lembrar que no caso de se verificar a expulsão definitiva ou temporária do guarda-redes, este pode ser substituído pelo guarda-redes suplente, saindo então um jogador de campo, para que a equipa fique apenas com 6 jogadores.

A. FREITAS

O FUTEBOL PORTUGUÊS AUXILIA AS VÍTIMAS DAS INUNDAÇÕES

Na sede da Associação de Futebol de Lisboa efectuou-se uma reunião da Federação Portuguesa de Futebol com os representantes dos órgãos de informação, aos quais foi dado conhecimento do que se encontra projectado como iniciativa do futebol nacional a favor das vítimas das inundações que em Novembro passado assolaram a região de Lisboa.

Presidiu àquela reunião o tesoureiro da F. P. F., dr. Matos Correia, que se encontrava ladeado pelos sr. Penetra Rodrigues, tesoureiro da A. F. L. e Rafael Rodrigues, membro da Comissão Central de Árbitros.

O dr. Matos Correia esclareceu os jornalistas sobre os motivos que levaram a direcção da Federação a traduzir em resultados práticos a ideia de solidariedade que, desde a primeira hora, esteve bem patente nos espíritos dos desportistas portugueses, muito especialmente no dos adeptos do desporto-rei.

«Várias ofertas de colaboração — divulgou aquele dirigente federativo — foram recebidas na sede da F. P. F. Por razões diversas, nenhuma pôde, no entanto, ser aceite, inclusivamente a do Atlético de Madrid, «leader» do campeonato espanhol, que, logo no dia imediato ao da tragédia que enlutou muitos lares lusitanos, pôs à disposição da F. P. F. a sua equipa principal de futebol para um jogo de beneficência. Também esta valiosa oferta teve de ser posta de parte por não se afigurar oportuna, pois o Benfica defrontara recentemente aquela equipa castelhana e o Sporting é, actualmente, devedor de um encontro com aquele categorizado clube.

Assim, em reunião conjunta das Associações do País, com a direcção da F. P. F. foi decidido que a contribuição do futebol a favor dos sinistrados seja prestada através de uma sobretaxa nos bilhetes dos jogos referentes à 14.ª jornada dos «Nacionais» das I e II Divisões e também dos encontros dos diversos campeonatos distritais, a realizar no mesmo dia, 4 de Fevereiro.

As sobretaxas a aplicar em cada um dos bilhetes vendidos nos vá-

rios encontros a realizar no respectivo dia são as seguintes:

I DIVISÃO — Lugares numerados, 5\$00; outros lugares, 2\$50.

II DIVISÃO — Lugares numerados, 2\$50; outros lugares, 1\$50.

DISTRITAIS — Lugares numerados, 1\$00; outros lugares, 800.

Os jogos previstos para esta jornada dos campeonatos nacionais são:

I DIVISÃO — Sanjoanense-C. U. F.; Académica-Tirsense; Sporting-Leixões; Porto-Belenenses;

Varzim-Vit. Setubal; Vit. Guimarães-Benfica; Barcelense-Braga.

II DIVISÃO — Zona Norte: Covilhã-Torres Novas; Espinho-Penafiel; Tramagal-Salgueiros; Leça-União de Tomar; Acad. Viseu-Lamas; Famalicão-Beira-Mar; Gouveia-Vizela, Zona Sul: Atlético-Peniche; Lusitano-Luso; Olhanense-Almada; C. Piedade-Portimonense; Alhandra-Torresense; Sintrense-Monteiro; Oriental-Sesimbra.

A finalizar a sua exposição, o

dr. Matos Correia, solicitou a cooperação dos órgãos de informação, sublinhando que considera imprescindível o apoio da imprensa para que a jornada da solidariedade do futebol alcance o desejado êxito.

Mais informou ainda o tesoureiro da Federação, que algumas Associações, como, por exemplo, as de Angola e de Castelo Branco, já promoveram alguns jogos com receitas destinadas àquele fim, mas que nem por isso deixaram de se colocar ao lado da Federação. Por que aquele dirigente informou que os fundos recolhidos seriam entregues integralmente à Cruz Vermelha, um nosso camarada inquiriu dos motivos por que não era destinada a receita aos clubes e desportistas vítimas das inundações. Foi-lhe respondido que a Cruz Vermelha era entidade mais idónea para uma distribuição mais racional por todos os sinistrados. Quanto aos clubes afectados, a Federação já contribuiu com um subsídio de 100 contos à A. F. L., para reparação de alguns campos de jogo danificados pelas cheias.

Pensa-se também que as entidades superiores resolvam prescindir, no citado dia, das contribuições que incidam nas organizações de futebol referentes à jornada acima referida.

Encontros de futebol no Domingo de Páscoa

O dr. Matos Correia aproveitou a oportunidade para informar a imprensa de que a Federação vai solicitar ao director-geral dos Desportos autorização para que se efectuem jogos no domingo de Páscoa. A ser aceita a pretensão, a Taça de Portugal será a competição mais beneficiada, pois a sua fase final realizar-se-ia, sem interrupção, de 19 de Maio a 16 de Junho.

Encontros de futebol no Domingo de Páscoa

O dr. Matos Correia aproveitou a oportunidade para informar a imprensa de que a Federação vai solicitar ao director-geral dos Desportos autorização para que se efectuem jogos no domingo de Páscoa.

A ser aceita a pretensão, a Taça de Portugal será a competição mais beneficiada, pois a sua fase final realizar-se-ia, sem interrupção, de 19 de Maio a 16 de Junho.

O DR. MÁRIO TORRES FOI HOMENAGEADO EM COIMBRA

Num restaurante da Lusa-Atenas foi prestada homenagem ao dr. Má-

Notícias de futebol

SIMÕES E O BENFICA CONTINUAM EM DESACORDO

Realizou-se na sede da F. P. F. uma tentativa de conciliação entre o futebolista Simões e a direcção do Benfica que, em devido tempo, entregou na comissão de 1.ª Instância um pedido para homologação do castigo que aplicou ao seu jogador.

Após larga discussão o representante do Benfica manteve a opinião de que o castigo fora bem aplicado enquanto o futebolista sustentou opinião contrária.

Em virtude da falta de acordo o processo seguirá agora os seus trâmites.

O DR. MÁRIO TORRES FOI HOMENAGEADO EM COIMBRA

Num restaurante da Lusa-Atenas foi prestada homenagem ao dr. Má-

rio Torres, antigo jogador da Associação Académica que em breve parte para Lourenço Marques onde vai exercer o cargo de professor do Instituto dos Estudos Gerais.

O BEIRA-MAR CONFIRMOU O PROTESTO DO JOGO COM O LEÇA

A direcção do Beira-Mar confirmou o protesto do jogo com o Leça. A base do protesto assenta no facto de o árbitro ter expulso do terreno o seu guardião José Pereira, por agressão a um adversário e ter começado o jogo com um lançamento da bola pela linha lateral quando, na opinião dos dirigentes aveienses, deveria ter ordenado a marcação de uma grande penalidade.

O F. C. PORTO CONTRA O ÁRBITRO PORFÍRIO SILVA

A direcção do F. C. Porto decidiu enviar à F. P. F. uma pormenorizada exposição sobre o trabalho do árbitro Porfírio da Silva que no passado domingo dirigiu, na Luz, o encontro Benfica-F. C. Porto.

PRINCIPIARAM AS AULAS DO 2.º CURSO DE ASSISTÊNCIA A JOGADORES DE FUTEBOL

Nas instalações do Estádio do Restelo principiaram ontem as aulas práticas do 2.º curso de vigilância e assistência aos jogadores de futebol, organizado pela A. F. L. Ministraram lições o massagista João Silva e o enfermeiro Florindo Alegria.

O VASAS DE BUDAPESTE PASSA HOJE POR LISBOA

A equipa do Vasas de Budapeste, próximo adversário do Benfica na Taça dos Campeões Europeus, passa hoje por Lisboa, rumo à América do Sul, onde vai disputar uma série de encontros.

Os dirigentes benfiquistas avisar-se-ão com os dirigentes húngaros no sentido de acertarem as datas para os dois encontros previstos.



BRILHARETE EM CAGLIARI — A equipa de juniores do Benfica á sua chegada ao aeroporto manifestava natural satisfação pelo valor patenteado recentemente em Itália, no decorrer de um torneio internacional e no qual participaram formações do Arsenal de Londres, Inter, Nápoles, Roma, Juventus e Mantua. Os jovens futebolistas «encarnados» foram finalistas do Torneio

COMEÇAM OS TREINOS DOS CICLISTAS DO F. C. PORTO

Foi empossado no cargo de técnico da equipa profissional de ciclismo do F. C. Porto o antigo corredor Sousa Cardoso, durante uma cerimónia a que estiveram presentes, além dos ciclistas e seccionistas, os dirigentes Afonso Magalhães, dr. Miguel Pereira, Albano Pedroso e Cunha e Silva.

O novo treinador portuense marcou para quinta-feira o início da preparação da equipa.

SALGUEIROS

—acção judicial contra MEDEIROS

A direcção dos Salgueiros vai mover ao ex-treinador Medeiros uma acção judicial por débito ao clube de honorários adiantados e por empréstimos feitos por diversos dirigentes.

HOJE, À NOITE

BASQUETEBOL — Campeonato Feminino de Lisboa (fase final): Atlético-Sporting, Moscardine-Benfica e Nacional-Internacional, no pavilhão do Estádio da Luz, às 21 horas.

TÊNIS DE MESA — Campeonatos de Lisboa. 1.ª Divisão: Belenenses-Intendente, Sporting-F. C. Lisboa e C. Católico-Ávila. 2.ª Divisão: Armadorense-S. L. Amoreiras, Lisgás-Arte e Sport, Ateneu-Combaten-tes e G. I. P. Amoreira-Paço de Arcos. 3.ª Divisão: Est. Amadora-Atl. Económico, Bela Vista-Rod. Cordeiro, Económicos-Mirantense e G. D. Operário-S. L. Águia. Promoção: Rec. Apolo-G. D. Azambuja, S. M. Caneças-Os Unidos e Atl. Moscardine-D. C. Carmo — todos nas mesas dos clubes indicados em primeiro lugar (1.ª categoria), às 21 e 30.

de lutadores juniores e juvenis nos respectivos Campeonatos Nacionais

A Federação Portuguesa de Atletica e Luta levou a efeito, no Pavilhão da Ajuda, a disputa dos Campeonatos Nacionais de Juniores e Juvenis, na classe de Principiantes.

Numa gritante demonstração da expansão actual da luta greco-romana, concorreram com lutadores em representação dos clubes: Académica de Amadora, Ateneu, Benfica, Física de Torres, Ginásio Clube Português, Lisboa Ginásio, Luso, do Barreiro, Pedrouços, Runa, Sporting e Sporting de Linda-a-Velha.

Os lutadores foram divididos por pesos, dado que as categorias não se ajustavam aos escalões etários dos concorrentes.

Os combates tiveram animação e dinamismo constantes, sendo de notar a técnica exibida pelo acelistista João Dinis, produto da Escola de Lutadores do Ateneu, que foi o pio-

neiro em tal iniciativa, a do vencedor na categoria dos 70 quilos, João Aboim do velho Ginásio e de Orlando Encarnação do Pedrouços vencedor na categoria dos 63 quilos.

Os combates disputaram-se simultaneamente em dois tapetes e foram dirigidos pelos árbitros Mariano Pedro, Luis Caldas, Alvaro Santos e Leonel Martins.

No final dos combates foram apurados os seguintes campeões:

Campeonato Nacional de Juvenis

Categoria dos 43 kg: 1.º, Mário Cardoso (Benfica); 2.º, José Reis (Linda-a-Velha). Categoria dos 47 kg: 1.º, José Negrão (Pedrouços); 2.º, Manuel Colaço (Sporting). Categoria dos 52 kg: 1.º, Fernando João (Luso); 2.º, Custódio Monteiro (Sporting); 3.º, Vítor Gonçalves (Luso). Categoria 58 kg: 1.º, António Ferreira (Sporting); 2.º, Manuel Reis (Runa). Categoria 63 kg: 1.º, João Dinis (Ateneu); 2.º, João Santos (Sporting); 3.º, João Tostão (Luso). Categoria 71 kg: vencedor sem competidor, Joaquim Pereira (Académica da Amadora).

Campeonato Nacional de Juniores

Categoria 48 kg: 1.º, Francisco Teixeira (Sporting); 2.º, Carlos Crispim (Runa). Categoria 57 kg: 1.º, Albano Almas (Ateneu); 2.º, João Lucas (Luso), 3.º, Francisco Barbosa (Linda-a-Velha). Categoria 52 kg: 1.º, Rui Matos (Benfica); 2.º, Carlos Sétima (Luso); 3.º, Helder Rodrigues (Física de Torres). Categoria 63 kg: 1.º, Orlando Encarnação (Pedrouços); 2.º, Daniel Soares (Física de Torres); 3.º, António Marques (Benfica). Categoria 70 kg: 1.º, João Aboim (Ginásio C. P.); 2.º, José Louro (Benfica); 3.º, Carlos Santos (Sporting); 4.º, Luís Pinho (Académica Amadora). Categoria 78 kg: 1.º, Luis Andrade (Benfica); 2.º, Armando Gonçalves (Benfica); 3.º, Sérgio Baptista (Ateneu).

O equilíbrio com que decorreram os Campeonatos é provado pela distribuição dos títulos de campeão, pois o Benfica ganhou 3 títulos, o Pedrouços 2, o Ateneu 2, o Sporting 2, e o Luso Académica da Amadora e Ginásio Clube Português 1 cada um.

(P. A.)

PARA O CAMPEONATO REGIONAL

O início do Campeonato Regional de voleibol, de seniores, foi assinalado com o jogo Técnico-Benfica, aguardado com peculiar expectativa, por se tratar do confronto entre duas das mais bem estruturadas equipas participantes na competição lisboeta.

Os campeões nacionais, cuja preparação começou intensamente logo no princípio da época, em virtude da sua participação na «Taca dos Campeões Europeus» patentearam, ontem, a sua melhor coordenação nos sectores do remate e da defesa mas a sua vitória foi facilitada pela formação que ao Benfica foi possível apresentar.

O Técnico venceu por 3-0 (15-3, 15-4 e 15-6).

As oscilações no marcador foram-lhe sempre favoráveis e, no derradeiro «set», os «engenheiros» lograram a vantagem de 12-1, permitindo apenas a reacção benfiquista até aos 12-6.

Em BUCELAS o «DIÁRIO DE LISBOA» está a venda na casa VICENTE ROMÃO BRAVO.

Entretanto, foi o primeiro encontro do campeonato e muito há ainda a esperar, quer das equipas que ontem o inauguraram, como do Lisboa Ginásio, de novo a justificar as suas aspirações nas provas da modalidade.

De lamentar a ausência do Benfense que decidiu alhear-se das actividades voleibolísticas, tendo os seus jogadores solicitado a sua transferência para o Hótel de Sintra, que desta forma beneficiou de apreciáveis reforços.

Árbitro, Alberto de Sousa.

Técnico — André Mendes, Pina Gil, Carlos Canas, Ernesto Esteves, Costa Reis e Raul Carregoso.

Benfica — Artur Monteiro, José Magalhães, João Nogueira, Orlando Casanova, Rogério Cansado e António Sequeira.

★

Em reservas, o Benfica venceu por 3-1 (15-6, 13-15, 15-7 e 17-15).

LUÍS CORREIA

GENTE DE BELÉM

- GENTE DE BEM...

Não estamos muito habituados a gentilezas daquelas que fomos alvo no passado domingo, no Estádio do Restelo, onde nos deslocámos em serviço.

Havia um festival desportivo a anteceder o Belenenses-Académica e o ambiente traduzia a alegria que acompanhava as hostes «azuis». Nós eramos, por força das circunstâncias, apenas um repórter de serviço.

Pois sabem o que fizeram os dirigentes belenenses? Para que compartilhássemos da sua festa e não nos sentíssemos estranhos, providenciaram para que nos servissem uns saborosos pastéis de Belém e um cálice de Porto e Madeira.

Na pessoa do dirigente Sequeira Nunes, que teve, para com os representantes dos jornais, palavras de muita simpatia, agradecemos, sensibilizados, as atenções de que também fomos alvo.

Gente de Belém-gente de Bem. Rima e é verdade.

BILHAR

Manuel Fontes e eng.º Costa Antunes são campeões do Sul de pares livres

O Campeonato Regional do Sul de Pares de Composição Livre, em bridge, que a Federação Portuguesa de Bridge levou a efeito nas salas do Grémio Literário, constituiu um êxito, não só pelo elevado número de pares participantes, mas também pela incerteza do resultado final.

Esta prova foi disputada por 44 pares que, durante oito sessões, jogaram 264 «mãos».

O entusiasmo que rodeou este importante campeonato foi extraordinário, tanto por parte dos jogadores intervenientes, como pelo numeroso público adepto do bridge de competição que acorreu ao Grémio Literário.

O par internacional Manuel Fontes Pereira de Mello-eng.º Manuel da Costa Antunes foi o brilhante vencedor, tendo-se classificado nos nove lugares imediatos os seguintes pares:

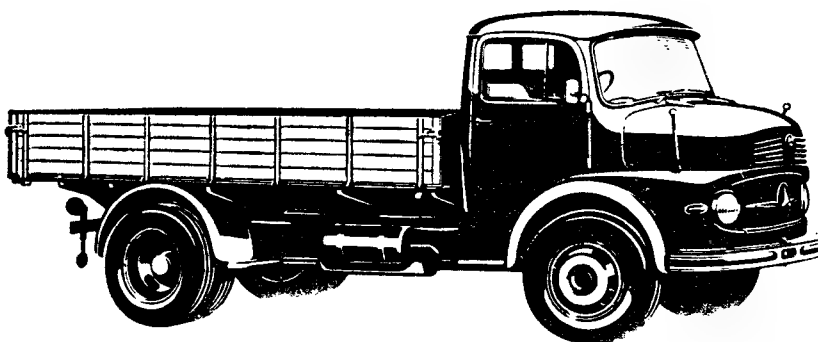
2.º, dr. Francisco Calheiros-José António Cordoeiro; 3.º, dr. Jorge Monteiro dos Santos-dr. José M. Correia Simões; 4.º, eng.º Armin Lerchs-Jorge Vozzone; 5.º, Carlos Spínola Teixeira-Francisco Costa-Cabral; 6.º, D. Maria Helena Dias da Cunha-dr. F. Sousa Tavares; 7.º, D. Heloisa Reis Moreira-dr. Ildefonso Barbosa; 8.º, dr. João Nuno Moreira Cruz-Carlos Debonnaire; 9.º, D. Maria de Lourdes Uva Barbosa-eng.º Rui Silva e Santos; 10.º, dr.ª D. Maria Beatriz de Oliveira cap. Manuel Azevedo Paulo.

A direcção técnica do torneio esteve a cargo do Conselho Técnico da F. P. B., e a direcção da Federação teve como seu delegado o dr. Manuel Correia de Lacerda.

Aumente os seus lucros adquirindo camiões Mercedes-Benz tipo L 911

Ao adquirir o seu novo camião Diesel apoie-se na segurança que a MERCEDES-BENZ lhe oferece. Quase 80 anos na construção de veículos, uma longa experiência que constitui a sua maior garantia.

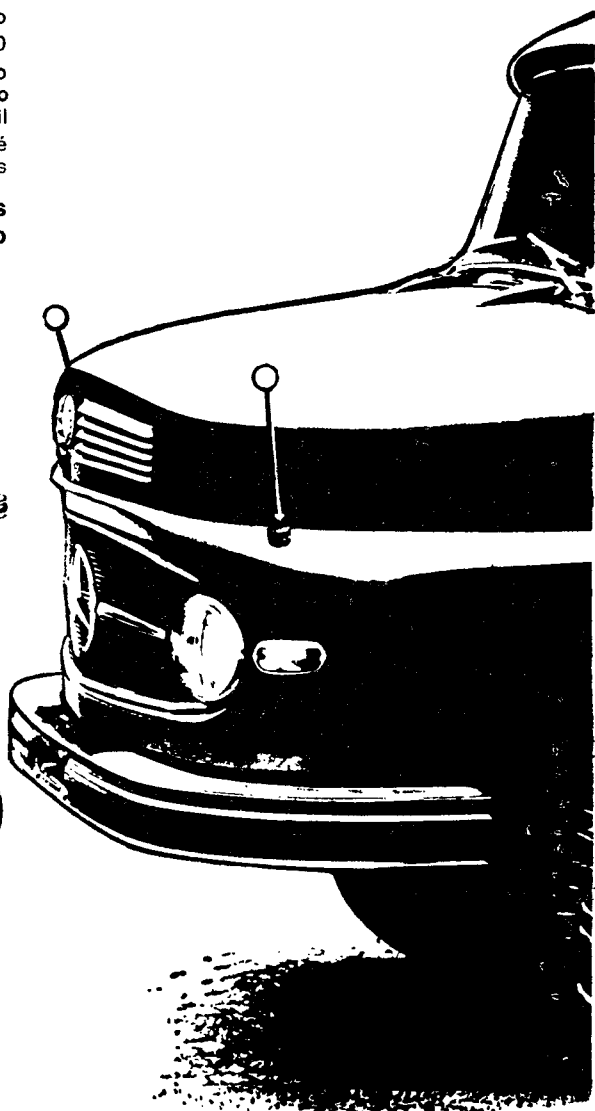
- Motor de 120 HP com injeção directa de gasóleo (grande robustez, potência e economia)
- Caixa com 5 velocidades, todas sincronizadas
 - Travões com servo-freio a ar comprimido
 - Travão de montanha (freio-motor)
- Cabina para 3 lugares com aquecimento e ventilação
- Versões para 4.500 a 6.000 kg. de carga útil
- Caixas de carga com comprimento de 4,10 até 5,70 metros
- Entrega imediata. Condições favoráveis de preço e de pagamento



MERCEDES-BENZ

C. SANTOS S.A.R.L.

Rua Artilharia Um, 101-A, 101-B - Lisboa
Soc. Com. C. Santos, Lda. - R. Santa Catarina, 168 - Porto
Filiais em Braga, Coimbra e Faro - Agentes em todo o país



- TERÇA-FEIRA, 9 DE JANEIRO DE 1968

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIAS DE HOJE
BLOW-UP (História de um fotógrafo)
 — no CONDES e no ROMA
AS FEITICEIRAS — no MONUMENTAL
MADAME X — no AVIS



As 21.30
ESTREIA
 de expectativa
 (Adultos)
 A obra-prima
 de Antonioni

BLOW-UP
 (HISTÓRIA DE UM FOTÓGRAFO)
 Vanessa Redgrave-David Hemmings



As 21.45
 (Adultos)
ESTREIA
 Vanessa Redgrave,
 David Hemmings
 e Sarah Miles

no famoso filme de Antonioni que
 conquistou o 1.º Prémio do Festival
 de Cannes de 1967;

BLOW-UP
 (HISTÓRIA DE UM FOTÓGRAFO)
 Fotografia em Technicolor



As 15.15 e 18.15
 (P. r.) e às 21.30

Permanente garga-
 lhada com
UM CAMPISTA EM APUROS
 com Nicolau Breyner e Lígia Teles
 Uma realização de Herlander Peyroteo
 (Maiores 12 anos)



As 15.15 e 21.30
 (M. 12 anos)
 3.ª SEMANA

O mais feliz dos
 filmes felizes
**AS DONZELAS
 DE ROCHEFORD**
 com Catherine Deneuve — François
 Dorleac — Danielle Darrieux
 COLORIDO EM 70 m/m



As 15.30 18.30
 e 21.45
 4.ª SEMANA

A maravilhosa
 obra de
WALT DISNEY
A GATA BORRALHEIRA



As 15.15 18.15
 e 21.30
 (Adultos)
 2.ª SEMANA

Divertido
 e emotivo!
LADRÕES DE JOIAS
 com Stephen Boyd, Yvette Mimieux
 e Giovanna Ralli
 COLORIDO



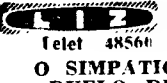
As 21.30
 (M. 12 anos)

Um emotivo e vio-
 lento «Western»
 com Natalie Wood
 e Tab Hunter
AMADORA
O MONTE DO DESEPERO



Telef. 32 41 94
 As 21 horas
 (M. 17 anos)

O IDOLO QUEBRADO
O MONTA-CARGAS



As 15 e 21 h.
 (M. 11 anos)

O SIMPÁTICO VIGARISTA
DUELO DE AMBICÕES



Hoje, às 21.30
 Notável
ESTREIA
 (Adultos)

AS FEITICEIRAS
 com Capucini, Claudia Cardinale,
 Alberto Sordi, Jean Sorel, Mónica
 Vitti, Raquel Welch, Enrico Maria
 Salerno

**QUINZENA 3 MESTRES ITALIA-
 NOS — AMANHÃ — 18.30 h.**
O SHEIK BRANCO, de Federico
 Fellini — com Alberto Sordi, Giu-
 lietta Massina, etc. (Adultos)
DIA 12: Sentimento (Adultos)



As 15.15 18.15
 e 21.30
 3.ª SEMANA

O maior êxito de Paris
A GRANDE PARÓDIA
 com Bourvil — Louis de Funès

Mario Simões executa um programa
 de música variada em órgão elec-
 trónico durante o 1.º intervalo dos
 espectáculos nocturnos



As 15.15 e 18.15
 (p. r.) e às 21.30
 3.ª SEMANA

DE ÊXITO
 SENSACIONAL
 O arrebatador filme de espionagem
OS 7 HOMENS DE OURO
ATACAM DE NOVO
 com Rossana Podestà em temerárias
 eletrizantes aventuras
 (M. 12 anos)



As 15.15 18.15
 e 21.30
 (M. 12 anos)
 3.ª SEMANA

Um novo filme para perigo excitante
 e malicioso

ARABESCO
 com Gregory Peck e Sophia Loren
 TECHNICOLOR — PANAVISION



As 15.30 18.30
 e 21.45
 2.ª Semana de
 lotações esgotadas
 (M. 12 anos)

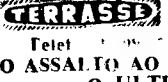
Julie Christie e
 Oskar Werner no
 original e empol-
 gante filme em technicolor
FAHRENHEIT 451
 (GRAU DE DESTRUÇÃO)
 O mais discutido filme de François
 Truffaut



As 15.15 e 21.30
 (M. 12 anos)
 2.ª SEMANA

Telef. 66 10 16
CANTINFLAS o embaixador da Re-
 pública dos Cocos mais condecorado
 do Mundo

SUA EXCELENCIA
 EASTMANCOLOR



As 15 e às 21 h.
 (M. 17 anos)

O ASSALTO AO COMBOIO CORREIO
O ÚLTIMO ESPÍO



As 15 e às 21 h.
 (Adultos)

A MONTANHA DA LUZ
QUE TAL A MINHA IRMÃ?
 JARDIM — As 21: «Uma vida por vi-
 ver» (17 anos).



As 21.45
 (Adultos)
ESTREIA
 Lana Turner,
 John Forsythe
 e Keir Dullea numa história de
 amor de apaixonante interesse!
MADAME X
 (EASTMANCOLOR)
 Um êxito em todo o mundo!



As 3 da tarde (a p.
 red.) (M. 6 anos)
 e 9.30 da noite
 (M. 12 anos)
 3.ª SEMANA

Na tela gigante, um ÊXITO MONU-
 MENTAL de 70 mm
O EXTRAVAGANTE
DOUTOR DOLITTLE
 com Rex Harrison



As 15.15 18.30
 e 21.30
 (M. 12 anos)
 3.ª SEMANA

O melhor filme
 de CANTINFLAS
SUA EXCELENCIA
 EASTMANCOLOR



Telef. 61 03 75
 As 21.30
 (M. 12 anos)

ESTRELA NEGRA (Star black)
 com Robert Woods e Elga Andersen



As 15.45
 e 21.45
 (M. 12 anos)
 3.ª SEMANA

Para si que gosta
 de um cinema excitante e malicioso
ARABESCO
 com Gregory Peck e Sophia Loren
 TECHNICOLOR — PANAVISION

ESCREVER À MÁQUINA É CADA VEZ MAIS FÁCIL



DACTILOGRAFIA COM MESTRE (ELECTRÓNICO) — O ensino de
 dactilografia vai tornar-se mais fácil com esta máquina de escrever inglesa,
 a «Daval», dotada de um painel electrónico que regista todos os batimentos
 de teclas — e todos os erros do aluno

**PARTE DE UMA
 MOTORIZADA
 APREENDIDA
 PELA P. J.**

A Polícia Judiciária de Lisboa apre-
 deu parte de uma motorizada que é
 constituída por quadro pintado de azul
 e riscas brancas, garfo, depósito de gaso-
 linha, também pintado do mesmo modo
 e com motor da marca «Corrado», que
 entrega a quem provar pertencer-lhe
 para o que o seu proprietário deve diri-
 gir-se à 6.ª Secção — 1.ª Brigada —
 agente Oliveira Régio.

EM TRÊS LINHAS

Foi aberto concurso, pelo prazo
 de trinta dias, para o preenchi-
 mento de lugares de médico de 1.ª
 classe do quadro privativo da Di-
 recção dos Serviços dos Portos, Ca-
 minhos-de-Ferro e Transportes de
 Moçambique.

Por conveniência urgente de ser-
 viço, foi aprovado o termo de con-
 trato para segundos-assistentes
 além do quadro do I. S. T. dos en-
 genheiros Armando Faria, Nasci-
 mento Baptista, Fonseca Perleiro
 e Lopes Leitão.

CALORÍFERO FAR

PARA GÁS BUTANO
COM ESPAÇO PARA COLOCAÇÃO DA GARRAFA
MUNIDO DE UM DISPOSITIVO DE SEGURANÇA,
COM CONTROLE DA ATMOSFERA

AQUECIMENTO DE CONVEXÃO ACELERADA POR
MEIO DE QUEIMADOR DE TIPO ATMOSFÉRICO
POTÊNCIA 2.700 CALORIAS

DESLOCAÇÃO FACILITADA POR QUATRO RODÍZIOS
GIRATÓRIOS

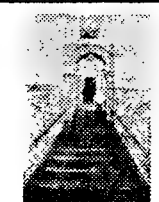
DISTRIBUIDORES:

J. COSTA & SILVA, LDA.
 RUA DOS SAPATEIROS, 79-1.º — LISBOA-2
 TELEF. 32 67 13



Com FAR nunca mais se ou soubesse!!!

bom apetite



FLORESTA DO GINJAL
 RESTAURANTE
 GINJAL, CACILHAS, TEL 270087

AMPLAS SALAS DE JANTAR — VARANDAS SOBRE
 O TEJO — SALAS RESERVADAS PARA LANCHES
 DE CASAMENTO E BANQUETES



RESTAURANTE
CERVEJARIA — SNACK-BAR
PASTELARIA
 R. SARAIVA DE CARVALHO 145-A
 Telef. 67229-666532

RELÂMPAGO
 RESTAURANTE-BAR

COZINHA A PORTUGUESA
 AMBIENTE AGRAVÁVEL
 Rua Mouzinho da Silveira, 17 e 21
 Telef. 47255



RESTAURANTE
SANCHO

Trav. da Glória, 14 — Telef. 68790
 ALIMENTOS DE 1.ª QUALIDADE
 NO MELHOR AMBIENTE
 SALA PARA 40 E 80 PESSOAS
 ● AR CONDICIONADO ●

RESTAURANTE
MONTA ALTO

R. Filipe Folque 10-B-C-D-T 51005
 ● TODOS OS DIAS PRATOS VARIADOS ●
 ● SERVEM-SE BANQUETES E LANCHES DE CASAMENTO ●

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS
CAPITÓLIO — As 21 e 55 «Equilíbrio ins-
 tável» (17 anos)
VARIADA — As 20 e 45 e às 23.
 «Pois, pois...» (17 anos)
VASCO SANTANA — As 21 e 45: «A
 nossa cidade» (12 anos)
VILLARET — As 21 e 23: «Deliciosa-
 mente louca» (17 anos)
TRINDADE — As 21 e 45: «A esposa
 trocada» (17 anos)
MARIA VITÓRIA — As 20 e 45 e às 23:
 «Pão, pão... Queijo, queijo» (17 anos)
A B C — As 20 e 45 e às 23: «Mulhe-
 res à vela» (17 anos)
MONUMENTAL — As 21 e 25: «A Flor
 do Cacto» (17 anos)

CINEMAS
ARCO IRIS — As 21: «O último quarto
 de hora» (17 anos)
OLIMPIA — As 19: «Os três invencíveis»
PARIS — As 21: «Camarada Princesa»
 agente em Londres (17 anos)
PROMOTORA — As 21: «Heróis da Re-
 sistência» (17 anos)
CINEARTE — As 21: «Missão em Teerão»
 (12 anos).

ROYAL — As 21: «Quando tu não estás»
 (12 anos)
CINE-ORIENTE — As 21: «Kiss, Kiss,
 Bang Bang» (12 anos)
CINE-MOSCAVIDE — As 21 h.: «Rouba-
 ram o meu coração» (12 anos)
CINEMA UNIVERSITÁRIO — As 21 h.:
 «O menino e o muro» (12 anos)
SPORT LISBOA BENFICA — A lei da
 Guerra» (17)
VOZ DO OPERÁRIO — As 21: «A Mu-
 lher serpente» (17 anos)
SALÃO LISBOA — As 19: «Desafio ac-
 destino» (17 anos).

● Na Linha de Cascais
ALGÉS — STADIUM — As 21 e 30:
 «Beau Geste» (12 anos)
PARADE — ROYAL-CINE — As 21: «Um
 maluco em órbita» (12 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e 30: «Os
 gloriosos malucos das máquinas voa-
 doras» (12 anos).

● Na Linha de Sintra
DAMAIA — CINEMA D. JOÃO V — As
 21 e 30: «Os fugitivos de Sing-Sing»
 (17 anos).

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS —
 As 21 e 15: «Os discípulos do Diabo»
 (17 anos)
QUELUZ — QUELUZ-CINE — As 21 e 15:
 «Os ambiciosos» (17 anos)
MEM MARTINS — CINE-CHABY — As
 21 e 30: «Maroc 7» (17 anos).
 ● Na Outra Banda
ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15:
 «Rancho bravo» (12 anos); ACADE-
 MIA — As 21 e 15: «A pé até Paris»
 (17 anos).

PARREIRINHA DO RATO

LARGO DO RATO, 11 (ENTRADA PELO ARCO)
 Amanhã: LULAS RECHEADAS e CHISPE A PORTUGUESA
 5.ª-Feira: MEDALHÕES DE GAROUPA e PAELHA VALENCIANA
 Marque mesa pelo tel 685906
 Parque para automóveis

O «TOQUE DE CAIXA» E O «PASSO CERTO»

por SÉRGIO RIBEIRO

COMO o mundo está a andar depressa! Um fulano mal se precata e fica logo atrasado, ultrapassado pelos acontecimentos. Apesar de tudo, também aqui, neste nosso tempo português.

Um dia destes chegou-me às mãos uma publicação da O.C.D.E. Folheei-a com interesse. Uma apresentação gráfica impecável. Bom papel. E temas do maior interesse. Physique et Neutronique, desenvolvimento regional no Reino Unido, os adubos, a política científica no Japão, dez anos de acidentes na estrada, as perspectivas económicas-junho de 1967...

As perspectivas económicas — Junho de 1967. E comecei a lê-las. «O artigo seguinte aprecia as actuais perspectivas económicas, na zona da O.C.D.E., na base das informações de que se dispunha em 14 de Junho de 1967 (...)».

O número era de Junho (o l'observateur de l'O.C.D.E.). Fui lendo. Perto do fim: «Por outro lado, se bem que o Reino Unido tenha quase restabelecido o equilíbrio da sua balança de transacções correntes...». O que já aconteceu depois! Quase apetece dizer o que já aconteceu depois de ontem.

Cada vez é mais indispensável prever e programar. Talvez porque cada vez é mais difícil. Uma dificuldade que resulta do factor tempo muito mais do que da prospecção do que vai acontecer. O que vai acontecer, nos caminhos do homem? Estudemos bem quais os caminhos percorridos. A partir daí, parece fácil encontrar as direcções e as metas do futuro. (Metas que não serão mais

que estações ou apeadeiros-luz verde) Mas como? Em quanto tempo? Os que se sentem senhores da ciência dessas direcções e dessas metas (eu sinto-me, embora ache de colocar a reserva), não páram de se interrogar. Estamos a escrever a história do nosso tempo. De vez em quando devemos dizer-nos que o tempo que vivemos não é diferente por ser vivido por nós. É diferente porque todo o tempo é diferente de todo o tempo. E todo ele não vai ser, já é, história.

Mas, na verdade, o nosso está a andar muito depressa, embora nalguns lugares/anos até pareça parado... As perspectivas de Junho de 1967 pouco valem em Janeiro de 1968. As perspectivas económicas. Desvalorizou-se a libra e pronto. Uns acontecimentos precipitaram-se, outros têm de ser revistos, outros, ainda, parece que se colocaram no congelador frigorífico de alguns «gabinetes». Pode ser que se resolvam por si...

Mas não representará isto a impossibilidade de prever e programar? E prever e programar vai sendo universalmente reconhecido como indispensável, então não é? Parece um impasse. Talvez não o seja. O tempo atropela-nos mas dispomos de instrumentos, de meios, susceptíveis de nos ajudar a acompanhar este galope. A acompanhar com antecipação, que isso é que é prever.

Prever e programar não pode ser uma atitude estática. Prever e programar para o espaço de tempo n. Tem de ser uma atitude permanente.

Prever e programar, nas condições de hoje, para o espaço de tempo n. Mas as condições de hoje podem alterar-se, amanhã, e não ter sido prevista a mudança de condições tal como foi. Será, então, prever e programar nas condições de amanhã. E tem de se fazer amanhã.

De resto, o mundo anda depressa porque nós o fazemos andar assim. E nós é que desencadeamos esta pressa toda. Já não nos basta o facto. Queremos o «Concorde». 120 como limite máximo nas auto-estradas dos períodos festivos faz franzeir o nariz a alguns. E a Lua, para quando é?

Está bem. A gente percebe essa pressa toda. Mas não vamos pôr-nos (ou deixar que nos ponham, ou deixar ficar) antolhos. Estamos a deixar muita gente pelo caminho das pressas. Olhem para ela. Isto de seres humanos com fome e frio pode ser incómodo de conhecer por homens preocupados com o «loisir». Mas (bolas!) ao nível do avestruz é que resulta não ver para nada haver. E ao nível dos coelhos é que não importa que a carne-refeição seja nossa carne. Homens com fome e frio aos milhões. A viverem desumanidade. As previsões e as programações não os podem esquecer. Aliás, o mundo não andar sem todos lá dentro, e nós, os que estamos a andar tão depressa, não devemos ignorá-lo. Não para entender a mão a ver se alguém a agarra. Pondo os nossos ombros entre os ombros-todos a levar o mundo para o passo certo.



O mestre do leme do «Felizardo» descreve a agonia do seu barco

O naufrágio do «Felizardo»

Um velho barco sem sorte
13 tripulantes com muita
e as lagostas sem nenhuma

(Continuação da 1.ª página)
das e meia, dirigia-se da Lisboa para os pescadores da Ericeira, quando, junto àquele ponto, o leme se partiu.

— Tinha mos regressado do mar, ontem, tarde. Descarregámos na Docapesca e, hoje, às 4 da manhã, saímos novamente — contou-nos o mestre de leme José Elisio Caniço Cação, de 32 anos, natural de Costa de Louros, Figueira da Foz, e residente em Cascais.

— Já havíamos passado o farol do guia e entreguei o leme a um marinheiro. Este, a certa altura, sentiu o leme prender, talvez por qualquer objecto que andasse à tona — prosseguiu.

O barco ficou sem governo. meteram máquinas à ré. Mas nada felto. O «Felizardo» foi projectado contra as rochas, junto às furnas lagosteiras.

— Foram momentos de pavor — recorda, ainda, o mestre, com a saudade do seu barco brilhando-lhe nos olhos —. Por felicidade, o arrastão foi «enconteiros» num ponto em que pudemos saltar para terra, sendo socorridos pela gente de um restaurante. Os bombeiros só chegaram meia hora depois.

Café e roupas secas

Os treze homens do «Felizardo», alguns chorando, com receio de não voltarem a ver a mulher e os filhos, foram recolhidos pelo pessoal do Restaurante Furnas Lagosteiras.

— Tive que dar umas palmadas num ou noutro, que queriam desmaiar — disse-nos a empregada Aida Martins, de 44 anos, natural de Lisboa —. Dei-lhes café e alguma roupa. Fomos nós que telefonámos para os bombeiros! (E apontou-nos outro empregado, o Manuel Courelho, de 20 anos, natural de Carraceda de Ansiães, que ainda teve tempo de tirar fotografias).

— Eu dei-me a uma hora, e acordei, antes das cinco, ouvindo o sino de bordo, que badalava, badalava. Foi a vizinha do lado que me veio depois dizer que estavam a gritar por socorro.

Enquanto dois pescadores eram

transportados ao hospital de Cascais, onde receberam tratamento, (um deles, o marinheiro José Jacinto Faulha, de Leirosa, Figueira da Foz, apresentava um dedo partido), os outros receberam roupas na Casa dos Pescadores e foram ouvidos na Capitania, onde o mestre Carriço também falou ao «Diário de Lisboa».

O «Felizardo», batido pela vaga de sudoeste, nas rochas aguçadas das furnas lagosteiras, sendo desfeito, pouco a pouco. Ao fim da manhã, o casco de madeira encontrava-se meio destruído, e o depósito de gasóleo bolava ao largo. O carburante estendia-se em fina camada pela costa e penetraram nos viveiros de lagostas, que, ou morrerão, ou ficarão absolutamente intragáveis.

O «Felizardo» era propriedade da Sociedade Nacional de Armadores do Bacalhau (S. N. A. B.), de Alcochete, com escritórios em Lisboa, na Rua Ferragial de Beato, n.º 33, 1.º. A empresa possui 11 unidades de pesca do bacalhau, e o «infeliz» arrastão era o único para a faina costeira que possuía.

Da sua ficha na Capitania consta um valor de 2800 contos. Era equipado com um motor de 480 B. H. R. e tinha 27 metros de comprimento. Pertencia à S. N. A. B. desde 15-7-1965, mas deve contar — segundo o mestre — 20 anos de existência. Estava coberto pelo seguro.

A tripulação era assim constituída: mestre costeiro pescador — José Elisio Carriço Cação; contra mestre — João Jacinto Moreira Sobrinho; encarregado de pesca — Joaquim Carriço; mestre de redes — José Elisio Marques Pereira Rico; marítimos — Francisco Leitão, José Luís Marques da Cunha, João Andrade Gonçalves, Manuel Duarte, Joaquim Francisco Santos e José Jacinto Faulha; 1.º motorista — José António Alves Roma; 2.º motorista — Julio Cunha Botão; e ajudante — José Augusto Soares Tana.

Após tratados e ouvidos, estes marítimos recolheram a suas casas.

DIÁRIO DO PORTO

Delegação:
Rua do Almada, 30, 2.º
T. 20954/5 ★ Telex 2782

Sociedade de Antropologia

Depois de amanhã, às 18 horas, realiza-se no anfiteatro de zoologia da Faculdade de Ciências do Porto, uma sessão científica da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, na qual o sr. Dr. Henrique Leonor de Pina fará uma conferência sobre Os cromoleks dos Almedros e da Portela de Mogos, no concelho de Évora. Podem assistir a esta sessão, além dos sócios e suas famílias, os professores e alunos de todos os graus de ensino e as pessoas que se interessarem por este assunto.

HOJE À NOITE

HANDEBOL DE SETE — Campeonatos regionais da A. H. do Porto — I Divisão: Vigorosa-Padroeiro (21 e 45) e Académico-Leixões (23 horas), no pavilhão do Académico. Juniores: Académico-Leixões (19 e 45) e Senhora da Hora-Padroeiro (20 e 45), no pavilhão do Académico.

BILHAR — Campeonato Regional de 2.ªs categorias (três tabelas), 5.ª jornada, na sala do Leixões Biliharista, com início às 21 horas.

Concerto musical

Na Associação Luso-Britânica haverá na sexta-feira, às 21 e 30, um concerto pelo Quarteto de Cordas do Porto.

O programa inclui composições de Beethoven, Fernando Lopes Graça e E. J. Moeran.

DESLUSTRAGEM A SECO

Garantia absoluta, igualmente em limpa a seco com acabamentos por alfaite. Bastará ligar a 23422 R da Prata 44 (1 único no género)

Transfusões de sangue

Na sexta-feira, às 22 horas, no salão nobre do Hospital de Santo António será feita a apresentação pública do filme «Doença hemolítica», produzido e elaborado pelo Serviço de Sangue do mesmo hospital e subsidiado pela Fundação Gulbenkian. A iniciativa nasceu da necessidade de esclarecer o público e, nomeadamente, alguns sectores profissionais ligados ao exercício da medicina sobre um problema tão grave e, em regra, insuficientemente valorizado.

A antecedência aquela projecção haverá, na quinta-feira, uma sessão dedicada aos órgãos de informação, aos quais serão prestados todos os esclarecimentos.

A apresentação do filme será precedida de uma palestra pelo sr. prof. Salazar de Sousa, da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Farmácias de serviço esta noite (5.º turno)

AMEAL, R. do Ameal, 1227 (T. 4-3550) * BIRRA, Praça da Liberdade, 125 (T. 2-0463) * COSTA LIMA, Av. da Boavista, 855 (T. 6-0606) * FALCÃO, Rua de Santo Ildefonso, 6 (T. 2-1566) * INVICTA, Rua do Bonfim, 330 (T. 5-1221) * LAPA, Rua Antero de Quental, 21 (T. 4-0697) * MARTINHO, SUCR., Praça Marquês de Pombal, 22 (T. 4-0747) * ORDEM DA TRINDADE, Rua da Trindade, 9 (T. 2-7420) * RAMOS, Rua do Exército Libertador, 9 (T. 6-4935) * SANTA TERESA, P. G. Gomes Fernandes, 100 (T. 3-5713) * TERREIRO, Rua da Repoleira, 2 (T. 2-3576) * VAZ TEIXEIRA, SUCR., Rua do Heroísmo, 56 (T. 5-2851) * VILARINHA, Rua da Vilarinha, 161 (T. 68-2014) * NACIONAL, Rua Senhora da Luz, 156 — Foz (T. 68-0833)

Espectáculos para hoje à noite

TEATROS

SA DA BANDEIRA — As 21 e 45: «Duas pernas... Um milhão» (17 anos)

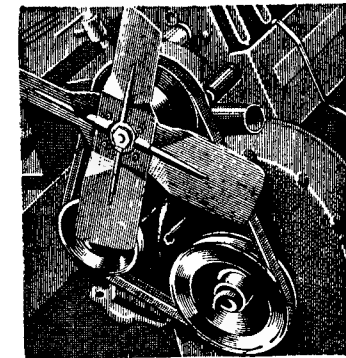
CINEMAS

SÃO JOÃO — As 21 e 30: «A grande paródia» (12 anos)
COLISEU — As 21 e 30: «Dragão de fogo» (17 anos)
RIVOLI — As 21: «Os Dez Mandamentos» (12 anos)
TRINDADE — As 21 e 30: «Este difícil amor!» (17 anos)
BATALHA — As 21 e 30: «Sua Excelência» (12 anos)
OLIMPIA — As 21 e 30: «Os assassinos de Karate» (12 anos)
CARLOS ALBERTO — As 21: «O falsário de Londres» e «O tesouro do Lago de Prata» (12 anos)
AGUIA D'OURO — As 21 e 30: «Os sete homens de ouro atacam de novo» (12 anos)
ESTÚDIO — As 21 e 30: «O último degrau» (17 anos)
JULIO DINIS — As 21 e 30: «Trinta Winchester» (12 anos)
VALE FORMOSO — As 21 e 30: «Ao pôr do sol» (12 anos)

Para amanhã à tarde

CINEMAS

SÃO JOÃO — As 15 e 30: «A grande paródia» (12 anos)
RIVOLI — As 15: «Os Dez Mandamentos» (12 anos)
TRINDADE — As 15 e 30: «Este difícil amor!» (17 anos)
BATALHA — As 15 e 30: «Sua Excelência» (12 anos)
OLIMPIA — As 15 e 30: «Os assassinos de Karate» (12 anos)
CARLOS ALBERTO — As 15: «Os sete homens de ouro atacam de novo» (12 anos)
AGUIA D'OURO — As 15 e 30: «Os sete homens de ouro atacam de novo» (12 anos)



CORDOES DE VENTONHA

TRELLEBORG

construção a laminação a quente e ao desgaste. Armadura de Rayon especialmente tratada para evitar o alongamento

REPRESENTANTE:

GUMITECNA

Av. de Madrid, 2-D

LISBOA-1

Telefs. 72 52 44 - 72 97 13 - 71 29 25

CAMPIÃO

SEMPRE PRÉMIOS GRANDES

Juvenil

DOS JOVENS PARA OS JOVENS

«Poema da distância»

nos mastros
dos barcos
ou nas asas
do vento
encoberto
regresso ao país
onde tudo é
jovem
e por amar

aqui
onde o vento
constrói
a cova mais funda
eu ancorarei

exausto
abro os pulsos
chamando
pelas fontes

meu sangue
bebo
e passo

com raiva
o corpo
a terra penetra

e na boca
de fogo
nasce
uma flor
de água

nas mãos
o destino
deponho

ao sabor do vento

trémulo
beijo o coração
de cada gota de água
e espero
que o mar
meu rosto
devolva

com os dedos
longos
da memória
o sol penduro
no mais alto ramo
e canto
ou ardo

não é
a morte
ainda

apenas brisa

ANTÓNIO BARBEDO
DE OLIVEIRA

REPORTAGEM — por LUÍS M. P. VIEIRA DA LUZ

E a nossa emissão continua! 5' 10" ao sabor das ondas com de «Bee Gees»... (saia o disco).

Desculpem amigos mas é que eu tenho a mania de locutor. Acho que até pode ser que vá para o «Rádio Universidade» (a propósito, nenhum de vocês me arranja uma cunha?)

Mas isso é um caso à parte. O que interessa é que eu agora estou no café (no Roma) e tenho uma bica à minha frente. A propósito de bicas...

Mas eu não vim aqui para pôr perguntas. Não foi isso que me trouxe aqui, e já estou a ficar desorientado. E a culpa é daquela menina ali ao canto que, por acaso, até tem um nariz arrebitado.

A verdade é que eu vim mais cedo (os amigos ainda cá não estão) e trouxe o meu caderno de capa vermelha (é um caderno com os poemas que, nada confortavelmente, foram instalados no cesto dos papéis).

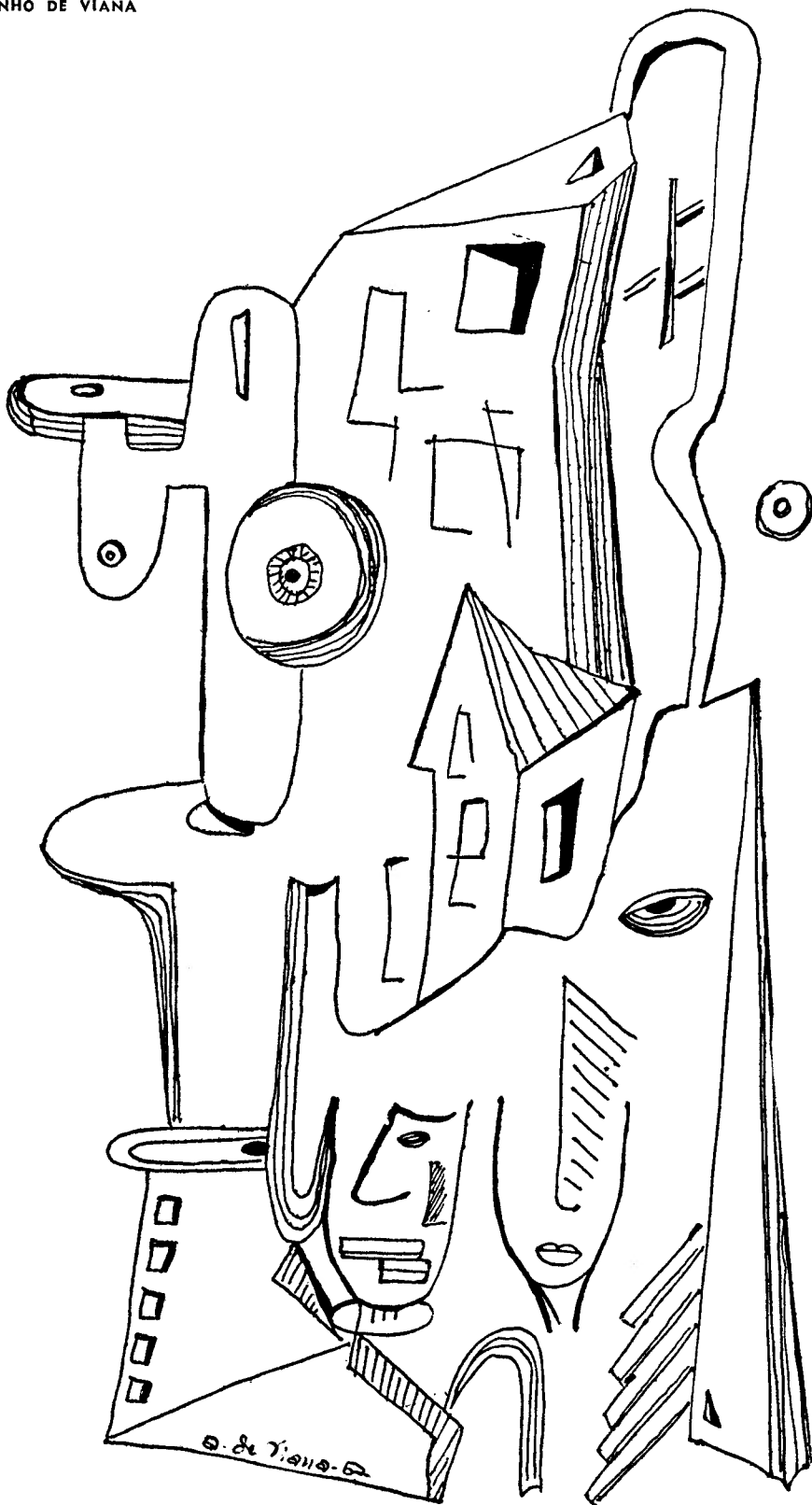
Vocês talvez não saibam mas isto é um tribunal. É, e é mais do que isso, é um julgamento, e o réu é exactamente o tal caderno-de-capa-vermelha.

Isto já está a ficar complicado mas tudo começou com a última poesia que escrevi. Aca- bava assim: «Escrever traz de- sejo de voar. Por isso farei fes- ta de despedida».

Isso não se faz! Não se pega

(Continua na última página)

DESENHO DE VIANA



todos andam
para as paredes

CONFORMISMO

Lamentam-se dos dias sempre iguais
Mas vão tomando a bica
Do costume.
A bica.
O pacote de açúcar,
O copo de água.
Remotamente lêem o jornal.
Lêem os títulos do jornal
E dizem que se enfadam mortalmente.
Mortalmente!
Mor-tal-men-te!!

Separam as sílabas como unico protesto
E vão tomando a bica
Do costume.

JORGE TEMPERO

QUATRO ETAPAS PARA UM CONTO

por
Carlos A. Bandeira

1.ª Etapa
O café está cheio.
O Jorge entra. Somos amigos desde a escola primária. Falamos de música.
O último modelo de um carro de corridas passa do lado de lá do vidro da montra do café.
É tarde quando chego a casa. A luz do n.º 13 está acesa. Portanto a Geni está a ler.
Não chego a acabar de trau- tear o «Sofisticated Love».

2.ª Etapa
Ao longo da avenida os car- ros roncam sem atender a limi- tes de velocidade.
Do vento nem memória O sol? Aparvalhado na apatia do dia.
Ao fundo como cenário a serra.
Um pintor retrata a cidade e não esquece a serra.
Ao lado do pintor uma rapa- riga de longos cabelos claros. Olhos verdes suaves
Excêntricamente vestido o homem tem olhos de Cristo para a tela. Ela perde os olhos em nada.
Para mim não foi novidade: juntou-se muita gente.
Digo-lhes que não sejam par- vos: eles são ingleses e hippies. «Hi... quê?!». Gozam mais.
Para mim não foi novidade: já sabia quando vi as flores nos cabelos deles.

3.ª Etapa
O comboio cheio.
As pessoas enlatadas. Caras desagradáveis.
Chegam mais pessoas para o espaço que não há, em cada paragem. Protestos. A coexis- tência dos corpos força-se, im- placavelmente.
Cacém. Surge um homem com um macaco.
Insólito o esgar do macaco por sobre as cabeças e o â-von- tade do homem.
Olho o bicho com vontade de aproximação e ele tenta mor- der-me.
Cena estúpida como o raio: um comboio a abarrotar e um macaco a querer morder-me.

4.ª Etapa
Volto a encontrar o Jorge no café.
Traz uma moça sem cabelos compridos nem olhos verdes nem mini-saia.
A antítese da moça de que o Jorge costuma falar.
Sentam-se na minha mesa:

(Continua na última página)



Panorama

REGISTADOR

Nos teatros faz-se 50 % de desconto aos estudantes. Por que não o mesmo desconto a outras camadas da população? Ou melhor: por que não diminuir o preço dos bilhetes? Assim, não era necessário dar regalias a uns ficando os outros a ver navios. Mas, claro, nós sabemos. Há os inúmeros encargos com que se debatem as empresas. Cumula-se o Teatro com impostos e encargos como se este fosse o futebol, que pode arcar com toda e qualquer espécie de despesas.

E os actores, continuam desempregados, mal pagos, os teatros vazios. É um panorama desolador.

Lemos: dois actores vão fazer teatro com bilhetes caros. Justificação: «É o nosso subsídio. Não temos outros».

Teatro com bilhetes caros. Mas quem vai lá? O costume. «Toute Lisboa» elegante, que bebe chá e joga canasta, que passeia pelo Chiado e bebe café na Brasileira e aproveita o Teatro para mostrar os novos vestidos, o último ternão adquirido em Paris segundo a última moda.

Gente que não sabemos se gosta realmente de Teatro. Talvez vá lá, por ir. Entretanto, o grande público, que necessita do Teatro e de quem o Teatro mais necessita, anda arredado. Vai aos domingos à noite, depois do frango, à 2.ª sessão de uma revista (as mesmas piadas, o mesmo mau gosto...).

Mas será só por causa do preço dos bilhetes que o povo não vai ao Teatro? Claro que não! O futebol também é caro e os estádios não deixam de registar boas assistências. Há mais falhas a empenhar esta máquina que se chama Teatro em Portugal.

INCIDÊNCIA

O «Jornal de Notícias» (24-XII-67) tornou-se eco de um problema referente à freguesia suburbana de Avintes. Com a devida vénia nós transcrevemos:

Não obstante os esforços de entidades oficiais e particulares, continua por resolver o problema da concessão de passes para estudantes e operários que, diariamente, utilizam as carreiras de camioneta entre esta freguesia e a cidade do Porto. A expectativa arrasta-se desde há muito. Até quando?

Nem só de Avintes vem a queixa.

Espera-se noutros lugares...

Nós não nos limitamos a falar de teatro ou de cinema. Com estes problemas estamos mais em família.

«...lembrem-se que, antes de tudo, o que o país necessita é — força para o seu carácter, ciência para o seu espírito, justiça para a sua consciência! Falai-lhe das questões económicas, do salário, do trabalho, da família, da sanção moral da educação — e sobretudo da pacífica revolução agrária que deve transformar as condições da vida portuguesa.»

(Eça de Queirós — «As Farpas»)

DA NOBREZA

A Espanha tem 143 duques, 1250 marqueses, 865 condes, 133 viscondes e 158 barões, assim como um certo número de personagens que usam legalmente títulos pontifícios ou títulos de origem estrangeira. O plano de estabilização económica dá uma excelente ocasião para se tirar proveito desta quantidade, aumentando os impostos sobre a transmissão dos títulos nobiliárquicos, sugere o jornal «Pueblo».

É evidente, acrescenta o «Pueblo», que esta medida que teria a aprovação da grande maioria dos espanhóis, só poderá ser tomada se se considerar que, em vez dos títulos, a Espanha tem sobretudo necessidade de engenheiros para obras públicas.

Dos jornais

ESPIRITO COOPERATIVO

Para qualquer cooperativista de visão segura, o que primeiro interessa não é que existam cooperativas; é sim, que haja espírito cooperativo; é que não faltem maneiras verdadeiramente cooperativas de pensar as coisas e de orientar os actos. Isto é: o apreço das práticas de auxílio mútuo; o apego ao princípio da associação de pessoas (e não de capitais); o desejo de abolir divergências de interesses e distinções de classe de origem económica; o de suprimir intermediários; o anseio de elevar cada um dos sócios à máxima plenitude de uma vida pessoal, e também o conjunto dos sócios da cooperativa à máxima beleza de uma vida em sociedade. O empenho de, por uma obra persistente de educação do povo, preparar os homens para a vida cooperativa e por esta elevar os acima de si mesmos, lançar os alicerces de uma civilização mais nobre.

ANTÓNIO SÉRGIO

AMOR AO TEATRO

(...) O amor, o gosto pela sublime arte de Talmia, estão arreigados entre todos os afilenses. Animados por esta afeição de teatro, alguns associados, num verdadeiro espírito de abnegação e altruísmo, resolveram levar à cena, em colaboração com a direcção do Casino Afilense, um espectáculo infantil de variedades. A maioria das crianças que tomam parte nesse espectáculo frequentam ainda as escolas primárias de Afifa e incentivando nesses pequeninos o amor pelo teatro, eles poderão ser amanhã os continuadores desta obra, deste teatro de tão belas tradições entre nós.

(De um programa do Casino Afilense)

CINEMA

O Centro Nacional de Cinema da Bélgica elaborou um estudo para traçar um perfil social da sua clientela.

Nas profissões liberais e nas classes abastadas a frequência é mais elevada e um pouco menor entre os empregados e a classe média. Os operários frequentam pouco o cinema e os agricultores nunca lá vão.

O público frequentador do cinema é jovem — um público de menos de 25 anos vai ao cinema duas, três e mais vezes do que o de 50 anos.

Um outro inquérito realizado pelo Instituto de Investigações Económicas e Sociais junto de 8000 mulheres confirma estas conclusões: 45,5 % das mulheres com menos de 25 anos vão ao cinema pelo menos uma vez por mês; das mulheres com mais de 56 anos, vão unicamente 10,5 %. São ainda as mulheres das classes abastadas que vão ao cinema mais frequentemente.

Geograficamente, é o Departamento do Sena o que atinge uma percentagem mais elevada.

Por estes inquéritos poderemos concluir que o cinema já não é uma distração popular, mas um prazer e «premeditado».

A agricultura é cada vez mais uma ciência e uma indústria e não pode viver nem de ideias feitas nem de amadorismo.

in boletim do U. S. Freed Grains Council

RECORTES

LONDRES — O actor norte-americano Robert Ryan renunciou a interpretar um filme, a fim de poder tomar parte numa comédia de Shakespeare num teatro de Nottingham (Inglaterra). Ele encolheu os ombros quando lhe disseram que ia ganhar 500 vezes menos do que no cinema.

Dos jornais

HIPÓTESE

— Que consequências produzirá num país explorador de mão-de-obra o regresso inopinado de, por exemplo, meio milhão de emigrantes?

A pergunta é posta para quinhentos mil indivíduos, numero aparentemente volumoso mas que traduz mais bocado, menos bocado, os grandes contingentes de emigrantes que alguns países possuem noutros territórios, ali atraídos por condições de vida compatíveis com os seus justos anseios. E tem cabimento na medida em que os territórios que abriram as portas no pós-guerra ao concurso da mão-de-obra estrangeira, por vários motivos estão agora a dispensá-la em grande escala. Essa dispensa tem atilado para a procedência, em relativo espaço de tempo, com dezenas e dezenas de milhares de indivíduos que perderam assim, de um dia para o outro, o «Eldorado» com que sonharam por longo tempo e que tanto se localizava em França, como na Suíça, ou na Alemanha. Centenas de milhares tiveram oportunidade de colher os frutos dessa digressão até há relativamente pouco tempo e com eles uma especialização que lhes será proveitosa nas terras de origem, porquanto esse período de tempo transformou, por força de necessidade, operários, além do útil contacto com sectores mais evoluídos.

Uns anos no exterior, telão representado, para centenas de milhares de indivíduos um volta-face nas suas vidas: saíram com um caso e boas vontades e regressaram com um pecúlio que em circunstâncias idênticas não teriam conseguido azeitar na sua terra de origem, especialização em qualquer ramo de indústria, e maior gama de conhecimentos obtidos no dia a dia.

No entanto, tudo isso parece estar a desmoronar-se com a estardalhaçada dispensa de grandes contingentes de trabalhadores estrangeiros (muitos deles ainda com pequena permanência no exterior) que assim regressam ao ponto de partida, ou seja ao país exportador dessa mão-de-obra, de albitrarias vazias e busões desfeitas.

Que impacto provocaria num país médio (uma nação próspera, gozando de alto nível de vida, não tem necessidade de se sujeitar a correntes de emigração, de indivíduos não qualificados impondo, antes, os seus técnicos) o regresso mais ou menos súbito (no espaço de um ano, por exemplo) de umas centenas de milhares de indivíduos?

in «O Lobito»

INTERCÂMBIO

Segundo um recente estudo da UNESCO continua a aumentar em todo o mundo o número de pessoas que se deslocam ao estrangeiro para aperfeiçoar ou completar a sua formação.

As estatísticas revelam, também, que, actualmente, mais de 350 mil alunos frequentam universidades de países alheios encontrando-se a maior parte nos Estados Unidos, na França, na Alemanha Federal, na Rússia, na Inglaterra e no Egipto.

A maioria das bolsas são para estudos específicos, seguindo-se as de ciência e técnica e as de estudos sociais e humanidades.

PONTOS DE VISTA

Segundo o «Times» (24-XII-67): *Se quisermos que o Natal signifique sempre verdadeira paz na Terra, não se deve pôr a principal esperança nos políticos e diplomatas, mas sim nos cientistas, sociólogos e psiquiatras, que estudam o comportamento dos animais e dos homens, das tribos e das sociedades evoluídas.*

este é o poema doALGARVE

Um poema
que não fale em turismo
nem indústria hoteleira

Mas não falarei em turismo
nem tão pouco
em velhas «marafadas»

Um poema que tente esquecer
(rochas gravadas de nomes
com homens
areia gravada com pezadas
de Outono
e
Solidão)

Este é
o meu poema — Grito
— de solidão
Ao Algarve

Por isso o gravarei
nas rochas de Armação
num desejo
justificativo da minha passagem

Armação de Pera

Este é o poema
do
Algarve

Da minha presença
na pedra

IVONE CHINITA

Chamas-te Marília?

por JOSÉ R. MINEIRO CARROLA

Silêncio. Inexplicavelmente fez-se silêncio sobre toda a cidade. A chuva cai. Ao longe distingo o teu rosto embrulhado por gotas pesadas de água. Olhar vago. Resolução inespérada. Atravessas a placa. Luzes que bailam por entre os vidros escondidos pelas cortinas. Silêncio. Fez-se silêncio. Toda a cidade é minha. E tua. Atravessas o centro. Aproximas-te.

Lembro-me? Quando foi? Um dia. Também não havia cidades como esta. Quando foi? Uma mulher envolta numa túnica branca atravessou o deserto e foi acabar consigo a teu lado. Mas quem me contou isto? Sei que me contaram. Ou sonhei? Onde me vive isto?

Vens. Lentamente. Distingo-te por entre as gotas da chuva. O teu rosto é belo porque eu sei de há muito que ele é belo. Vens. És tu?

Lembras-te? Não. Não lembras de certeza. Há quanto tempo foi? Foi ontem? Há um século? Foi hoje? Havia uma casa

quase cheia e um palco. Eu estava no palco. Tinha bebido demasiado. O que estava ali a fazer? Quem me mandou para ali? Que ia dizer? Busquei qualquer coisa para dizer. Não encontrei. Lembrei-me de dizer que estava bêbedo, mas não. Depois acabei por dizer. E da maneira como me tinha embebado. Todos riram. Choveram aplausos. Palhaço eu? Todos riram. O público era meu. Aplausos. Se tivesse uma pedra atirava-lhes. Quem me compreendia? Atirei-lhes com folhas de papel. Depois saí. Lembras-te? Mas eles queriam mais. Que eu voltasse. E por detrás do pano alguém me disse — «vai». E eu fui. Como fui? Porque fui? Para continuar? Agradei. Os aplausos diminuíram. Silêncio. Fez-se silêncio e gritei. Todos se riram. Julgaram que era o palhaço. Mas não. Era outro. Era eu. E eu disse isso: EU SOU EU Esta

(Continua na última página)

COMPOSIÇÃO

Escrevi assim
uma ode ao vento
Reprimia o sono
não deixei as conchas frias
se fecharem
O vento destapava
o que eu comprimia
e o sentido não se completou
Depois veio-me de música
de música
e gestos
como recompensa
aos que tinham morrido
soterrados
Misturava-se o meu ritmo
à sua música
As pessoas entravam e saíam
mas mesmo assim
não preenchiam o sítio
onde eu estava
Caracterizei-o então
com mágicas que ainda
possuía
desta doença cá dentro
As ruas eram abismos
e os sonâmbulos
tacteavam a queda sem frio
A ária ganhava
paisagens de corpos mutilados
Penso isso tudo
e a minha memória existe
como um fogo
Oh! amigo
se eu pudesse dar-te
esta alegria
que me explode na garganta
como uma canção

MARIA TERESA FURTADO



RECEPÇÃO

CRÍTICA A TRABALHOS RECEBIDOS

por MÁRIO CASTRIM

UM ROSTO
DESENHO DE JOÃO MENDES

ANTÓNIO BARBEDO DE OLIVEIRA (Porto) — A sua poesia evoluiu para mais contenção, para um domínio sobre as palavras que lhe reforça a intencionalidade. Pois quem domina a palavra, domina o silêncio. «Poemas da Distância» já estão na máquina.

MARIA TERESA FURTADO (Lagos) — Julgo encontrar-me na presença de um verdadeiro poeta. Os melhores poemas são «Composição», «O Poeta», «Sinonímia». A sua principal qualidade: a organização do poema, mais do que a atenção à palavrinha, à imagenzinha. Apenas sugiro à pessoa que suporta o seu poeta, uma maior atenção ao mundo que a rodeia. Envie mais colaboração.

JOSÉ ADELINO (Lisboa) — Faz-se poesia com palavras de toda a gente. Mas é preciso escolher as que nos servem. Você não escolheu bem. Lugares-comuns, ideias feitas, nem ao menos um barco! Poeta é o que partiu à descoberta. E encontrou. Você julgou encontrar mas não partiu à descoberta. Ponha de lado todas as palavras que ouviu: construa outras. Embora sendo as mesmas, claro.

JOSÉ D'A. (Lisboa) — Tem realmente interesse uma crónica do circunstancial como a sua «Crónica de fora do palco». Acho, no entanto, que pode fazer melhor, com mais fôlego e mais segurança. Não publico porque já ouvi que às vezes «não publicar estimula».

MANUEL C. (Évora) — Versos banais, descoloridos. Cada-verzinhos. Versos onde nada existe de você, da hora e do lugar. Poesia inscrita no Fundo do Desemprego. Lembre-se: quando escrever, tire a banda dos olhos.

SARA (Lisboa) — Os seus poemas estão a cair naquele terreno esfarelado e vago onde nem o centeio cresce. Não se deixe arrastar pela onda das palavras. Procure sempre significar. Mesmo quando o não pareça.

MARIA LUÍSA (Lisboa) — As suas palavras ainda não foram tocadas pela Graça. Precisa de ler, de contactar com poetas. É boa gente.

JOSÉ MANUEL (Queluz) — «Intelectualidade» não interessa. Conversa fiada. Se tem alguma coisa para dizer diga.

MANUEL RIBEIRO DOS SANTOS (Lisboa) — Sigo atentamente a sua evolução. Cuidado com o excesso de palavras em que por vezes cai. Melhor poema: «Despedaça-me a noite o sono...». exactamente por ser o mais dominado.

SOUSA LEAL (Paredes) — Alternam, no mesmo poema, a descoberta e a rotina, como no poema que principia «Que fazer das minhas mãos / atordoadas de sentidos...», com um final muito fraco. Publicarei, a título de incentivo «Quisera que fossem vento...»

L. MENESES (Leiria) — Não realizados ainda com segurança, apostos convictamente na sua condição de poeta. Tenho pena de não publicar aqueles onde existem alguns versos de que mais gosto. Continue a trabalhar e a enviar-me colaboração. Publicarei «Destroços per-

didos no areal infindo...». Repare como este adjetivo banaliza, empobrece o verso).

JOSÉ AVELEDA (S. Pedro do Sul) — Não fuja à questão. Fale de você e daí. Ou cale-se.

JORGE TEMPERO (Lisboa) — Na planície monótona da sua poesia aconteceu uma árvore: «Conformismo». Será publicado. Sim, aconteceu poema como acontece árvore: quando se mergulha a raiz no chão. Aprenda a lição de «Conformismo».

MARIA JOSÉ PERFEITO (Lisboa) — Estes seus pequenos poemas possuem reduzido interesse. São pequenos por dentro. E frios.

FÁTIMA (Sintra) — O Teatro tem sido a modalidade literária mais esquecida pelos colaboradores do Juvenil. Fiquei, portanto, contentíssimo com a sua ideia de escrever uma brevíssima peça. É certo que esta primeira não resultou, por falta de profundidade do campo teatral. E se as suas personagens desistissem de esperar o comboio? Se eles fossem a pé, com as suas ricas perninhas? Bom, esta tentativa não resultou, mas outras resultarão. Continue nas suas experiências.

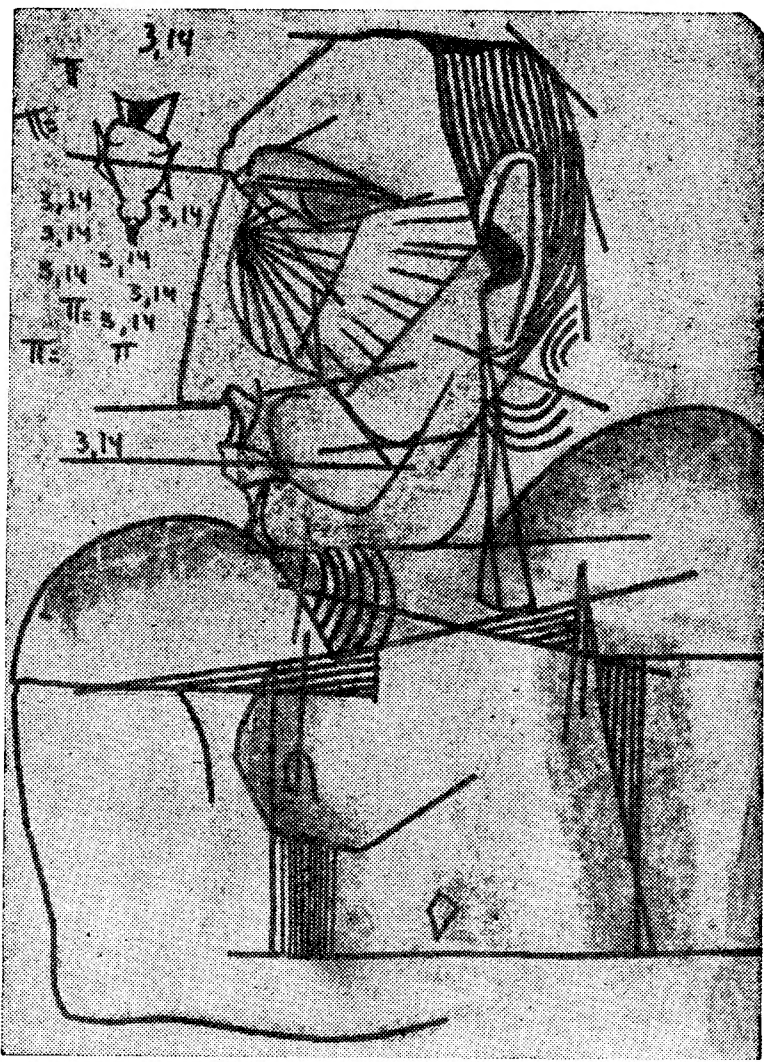
JORGE DE LIMA ALVES (Lisboa) — «Tempo Queimado» é a sua melhor crónica. «Por um pão de... dó», embora bem construído, é um tanto banal.

Ambos serão seleccionados para publicação. Envie novas crónicas da cidade. E outras coisas, se quiser. Mas tenho a impressão de que o seu caminho é a crónica, o tratamento directo do real.

LUÍS MANUEL PIMENTEL VIEIRA DA LUZ (Alvalade — Lisboa) — Deliciaram-me a tua «Reportagem» e os teus poemas. Ainda não sei bem porquê. Talvez porque me dão a sensação de estarem vivos. Para já, uma extraordinária capacidade de comunicar, e um sentido de humor tão raro nos colaboradores do «Juvenil». Aguardo nova colaboração.

MARIA FILOMENA S. PROENÇA (Porto) — Basta por vezes uma única produção para se ter uma ideia da profundidade da água. É o caso do seu conto «Um pesadelo». Ele dá-me (serve para me dar) a medida do que você pode escrever — com humor, com literatura antiliterária, com intenção. O «Juvenil» pede-lhe mais colaboração.

CARLOS BANDEIRA (Damaia) — Vamos publicar os trabalhos que nos enviou. Há, nesses, para além de uma potencialidade literária toda feita de contenção, um respeito pela realidade, uma atenção pela vida miudinha que me entusiasma. Continue, Carlos. O «Juvenil» espera alguma coisa de você.



Se escrevo tenho porque
Deixei de ser gratuito

Nas latrinas mordem cães a espaços
levanta-se o pó das ruas
e começa o grande pronto diário

A vida é isto e aquilo e aqueloutro
mas eu bem sei que não é nada disso

Sobretudo à noite sim à noite
quando a fome aperta
e miam os gatos em cima dos muros
dá-me vontade de escavar na terra
e fazer um buraco
e deixar-me ficar lá até criar raízes
o alimento da terra não se paga

Onde as na oas é lá em cima
onde eu não chego
vai-se pra lá a pé
e vem-se de rastos. Mas eu não me vendo.
Se fosse já não podia cuspir à vontade em todas
as pedras que me apeteçam

E depois depois não é nada
depois é apenas uma palavra
cada um faz dela aquilo que quer
Se eu quisesse podia ter sol amanhã
mas não adianta

Cada homem é um atleta
há dias em que se está em forma
e se batem recordes
há outros que mais valia não ter nascido
Foi isto que me ensinaram na rua
sobretudo o homem das castanhas assadas
que também fazia versos se lhe dava na pinha

Por aqui ando-não-ando
estou farto de mentir
(já dizia o outro que o poeta é um fingidor)

Só me falta ter aquilo que me falta
dizem que Baudelaire tinha reumatismo
e outras coisas mais
(entre o amor e a morte existe apenas a doença)

Mas talvez amanhã tenha um irmão em cada esquina
para me dar esperança

Por ora não há mais flores na lapela
quando muito pequenos crânios de pássaro em sinal de luto
De resto
a balança que tudo pesa está avariada

e não há verba para a consertar
Vivemos em permanente sobressalto
de mãos dadas com os mortos.
Somos os palhaços de nós próprios.

-te a obras de serralharia. Ou
experimenta trabalhar com os
pés! Dá lucro!»

Mário Castrim, será que posso
fazer uma crítica, ou melhor,
dar uma opinião? Posso? Então lá vai. Não possui, quer-me parecer que não, o Diário Juvenil mais que um crítico. Caso assim aconteça:

1.º — Será que tens a bagagem suficiente para criticares todos os trabalhos enviados, dum modo, como hei-de dizer ..., democrático?

2.º — Será que compreendes mesmo, mas compreendes mesmo, sentes, todos os trabalhos que te enviam?

3.º — Será que a tua escolha não é por vezes egoísta?

4.º — Será que a tua opinião, sempre sensata, é a única sensata existente, ou apesar de sensata, a melhor?

Não duvido de teus méritos, nem o meu intento é ofender-te. Se te ofendi, perdoa-me.

Mas, um jornal para jovens, cujos artigos buscam a luz e a vida sem saberem por vezes senão encontrar o vazio de algumas ideias e a podridão de outras, não tenho dúvidas que ficaria a lucrar se encontrasse outro bom colaborador-chefe.

Por agora chega. Quando tiver mais algo a dizer para ou sobre a nossa página, escrever-te-ei.

Cordial abraço do amigo

A. C.

DANIEL ANTÓNIO DE SOUSA

PÁGINA 3

QUATRO PÁGINAS INDEPENDENTES PARA DESTACAR DESTA EDIÇÃO

9 - JANEIRO - 1968



CHAMAS-TE MARÍLIA?

por JOSÉ R. MINEIRO CARROLA

(Continuação da 2.ª página)

noite é terrível e venho falar dos homens. E dos mortos. E do amanhã. E das flores. E de uma mulher.

Eras tu a mulher Onde estavas? Estavas lá eu sei. Os olhos postos em mim, palhaço de há pouco. Quem me entendeu? Por isso eu disse: quero-te de pedra. Pedi-te mesmo que viesses. Gritei. Mas em pedra Em pedra. O silêncio mantinha-se. Do fundo uma voz rouca e mortal disse: LOUCO. Eu ouvi. Louco? Pois bem. Louco e depois? E gritei. Atrás de mim, por detrás do pano os que me enviaram para ali diziam: «Cala-te». «Volta». «Deixa o palco». Apeteceu-me esmurra-los. Ali á frente

de todos. A responsabilidade é minha. Porque eu fiz da vossa responsabilidade a minha.

E mais uma vez gritei. Sei que estremeceis. Sei que todos estremeceis. O medo estompou-se-lhes no rosto. E foi então a altura de me rir. Depois falei só para ti. Abracei-te. E disse que amanhã, sim amanhã eu te amaria e tu me amarias mais facilmente do que então te cantei.

Virei costas e eles aplaudiram, porque ao fim tem que se aplaudir sempre.

Vens? Vislumbro-te agora mais perto. Descobriste-me. Sorris. Trazes um casaco preto. Gosto de te ver o preto. Estendo-te as mãos. A chuva lavamas. Vens. Toda encoberta por gotas pesadas. Molhada.

Hoje não preciso que sejas pedra. Hoje não há homens na cidade e tudo dorme em silêncio. Hoje quero-te assim, só para mim. Como um fio de água no deserto. Chove. És bela. Na transparência da chuva os nossos olhos encontram-se.

Quando nos encontramos pela primeira vez?

Lembras-te? Estava um dia lindo. Era um Verão antecipado. Um céu azul. Sentia-me bem. Entrei na sala. Havia duas pessoas. Tu e outro. Quem era o outro? Cumprimentei. «Ainda não chegou o médico?»

«Ainda não», respondeste tu. «Bom, então virei outro dia» e sorri-te. Quem era o outro? Foi um sonho? Há quanto tempo isto sucedeu? Depois procurei-te em vão. Mas um dia encontramos-nos de novo. Eras tu. Não podias deixar de ser. Quando foi?

Eu olhava a porta do cinema. Quis ver primeiro quem me ia ver. Quem não ia. E lá apareceste tu. Tu. Apeteceu-me gritar-te. Mas não. Não valia a pena saberes que eu estava lá.

E gritei-te do palco. Conheceste-me? Entendeste-me? Que importa isso? Eu tinha bebido nos camarins e não contava com aquilo. Quem me entendeu?

Os nossos olhos encontram-se. És tu mesma. Que vou dizer-te? Hoje poderei dizer-te muita coisa. Não há ninguém. Estamos sós. Estendo-te as mãos Chegaste. Apertámos as mãos Vens toda molhada. Sorris. Que é que vou dizer-te? Atravessamos o centro da cidade lentamente colados um ao outro. Parece que a chuva não existe e ela cai. Vamo-nos abrigar nas arcadas, do outro lado. Olho-te. Sorrimos.

Para que esperaste este tempo todo que eu sáisse e não foste para casa?

JOSÉ ROGÉRIO

QUATRO ETAPAS PARA UM CONTO

por

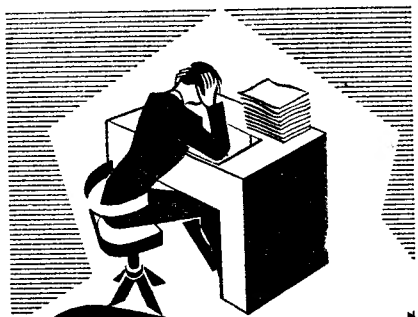
Carlos A. Bandeira

(Continuação da 1.ª página)

a moça diz «Olá!» e eu respondo «Olá!». Ele pergunta-me se já ouvi o Woodie Guthrie. Não ouvi.

Saimos os três passada meia-hora.

Damaia, Dezembro



VENÇA O SEU ESGOTAMENTO

O INTENSO RITMO DA VIDA MODERNA EXIGE UM TRABALHO E UM ESFORÇO EXCESSIVOS, O QUE FREQUENTEMENTE ORIGINA UM DESEQUILÍBRIO DO SISTEMA NERVOSO E A FALTA DE ENERGIAS PARA A LUTA COTIDIANA. ANTES DE CHEGAR A TAL EXTREMO, CONSULTE O SEU MÉDICO E PREVINA-SE, TOMANDO FÓSFORO FERRERO.

EXIJA SEMPRE O LEGÍTIMO

Fósforo Ferrero

A VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS

REPORTAGEM — por LUÍS M. P. VIEIRA DA LUZ

(Continuação da 1.ª página)

na pastilha elástica que está no chão para se pôr na boca! (Estou a falar com uma menininha que quase ia tropeçando na minha cadeira. Vocês não a conhecem mas eu vou apresentá-la). Olha, como é que te chamas? (Nêlinha.) Quantos anos tens? (Esta é porque eu gosto de ver as menininhas contarem pelos dedos. Tem seis anos.)

Ouve cá, Nêlinha, sabes o que vais fazer? (Não.) Vais perguntar àquela menininha que está ali ao fundo e que tem um nariz arrebitado, vais perguntar porque é que ela tem um nariz tão engraçado. (Tá bem.)

Mas já é altura de deixar falar o promotor (é aquele que acusa). — Porque é que o réu usa capa cor-de-rosa, perdão, vermelha? (cor-de-rosa é a gravata da tal menininha.) Porque é que tudo isto é um amontoado caótico de palavras tristes? (como ele fala bem!). Pois eu peço ao sr. Juiz para considerar isto como a prova A, o fulcro da minha acusação!!

O que é, Nêlinha, não me atralhes, olha que isto é sério. (É para te dizer que ela diz

que tu já tens idade para ter juízo.) Deixa lá, Nêlinha, eu falo contigo. Ouve, tu não queres ser testemunha de acusação. (O quê?). Nada, perguntei se não querias um pastel de nata. (Quero.) Está quieta, é proibido mexer no réu.

Perdão, sr. Dr. Juiz, peço um adiamento para poder ir jantar...

Mas já cheguei atrasado ao julgamento. Eu, depois, explico-vos porquê. Agora o Juiz está a observar a prova C.

$$\sqrt{3i} \cdot \sum_{s=1}^n a_s \times \log a_s \text{ e blá-blá-blá}$$

-blá-blá e devemos tornar o choro metódico e bem explicado. Mas eu explico-vos. Quando vinha para aqui, passei um campo grande. Estava lá um vendedor. Vendia castanhas e poemas.

P. S. — Porque saiu uma lei e os tribunais ficaram proibidos em virtude da ausência de clientes e deram descanso ao pessoal que na maioria se dedicou a ócios e outros planos a longo prazo e até mesmo o desenvolvimento progressivo das ciências, os réus encontram-se impedidos de cumprir uma sentença que se instalara numa

noite (de preferência, mas eu não sou exigente) e que consistiria na compra de 1 (uma) c'roa de castanhas e até mesmo no esforço (pequeno) de fazer sorrir a Nêlinha a quem essas castanhas se destinariam e ela vai dizer que não e vais então pegar na Nêlinha que nessa altura já estará mais crescida e em qualquer altura poderás voltar para buscar as castanhas (vais ver, elas ainda estão quentes) e terás então de arranjar um carrinho para as vender e lembrar-te-ás amigo camarada.

LUÍS MANUEL PIMENTEL
VIEIRA DA LUZ
14-12-67

TODA A
CORRESPONDÊNCIA
DEVE SER
DIRIGIDA
PARA
«DIÁRIO
DE LISBOA
JUVENIL»
RUA LUZ SORIANO
N.º 44 - LISBOA

Diário de Lisboa

Juvenil
DOS JOVENS PARA OS JOVENS



PÁGINA 4

9 - JANEIRO - 1968

QUATRO PÁGINAS INDEPENDENTES PARA DESTACAR DESTA EDIÇÃO